

Ronaldo Flaviano de Souza Junior

PRÁTICAS DE LAZER EM FESTAS RELIGIOSAS:
um estudo da Festa do Divino de Diamantina, Minas Gerais

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
2015

Ronaldo Flaviano de Souza Junior

PRÁTICAS DE LAZER EM FESTAS RELIGIOSAS:
um estudo da Festa do Divino de Diamantina, Minas Gerais

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Luiz Alex Silva Saraiva, Dr.

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
2015

S729p Souza Junior, Ronaldo Flaviano de
2015 Práticas de lazer em festas religiosas: um estudo da Festa do Divino de Diamantina, Minas Gerais. [manuscrito] / Ronaldo Flaviano de Souza Junior – 2015. 153 f., enc.: il.

Orientador: Luiz Alex Silva Saraiva

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 137-143

1. Lazer – aspectos sociais – Teses. 2. Festas religiosas – Teses. 3. Cultura popular - Teses. 4. Identidade cultural – Teses. I. Saraiva, Luiz Alex Silva. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132 da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação *Práticas de lazer em festas religiosas: um estudo da Festa do Divino de Diamantina, Minas Gerais* de autoria do mestrando Ronaldo Flaviano de Souza Junior defendida e aprovada em 26 de agosto de 2015, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Luiz Alex Silva Saraiva (orientador)
Faculdade de Ciências Econômicas
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Alexandre de Pádua Carrieri
Faculdade de Ciências Econômicas
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Maria Claudia Almeida Orlando Magnani
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

A todos que sonham, assim, à maior sonhadora de todos:
minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Sempre me entenece, todas as vezes que me pego a ler os diversos agradecimentos de teses e dissertações, o desvelo com que os autores têm para destacar o quão afanoso é mensurar todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento do trabalho. Vendo-me agora na necessidade de exercer essa tarefa é que tomo conhecimento da real dimensão do que é remercear a todos que de alguma forma se fizeram responsáveis por erigir esse trabalho moldado por dezenas de mãos.

Tomo licença ao sagrado, para profanar retirando o Divino do centro das atenções. Pensar na escrita desta dissertação, é colocá-la como a homenageada da festa, em que cada indivíduo, cada um exercendo sua função particular, fez com que esse cortejo – da minha aprovação à conclusão da pesquisa – fosse uma das cerimônias mais solenes que pude vivenciar.

Uso esse momento para coroar a Imperatriz dessa festa *sui generis*. À senhora majestade, que tenho a hora de chamar de mãe, todo o reconhecimento pelo esforço em me governar com sua sabedoria e dedicação, me mostrando o caminho a trilhar, mas com a astúcia em me conceder o livre arbítrio de decidir por onde andar. Aqui, parte do seu reino colhe frutos, os quais foram semeados por você.

À corte que compõe este reinado – pai e irmão, pela paciência e palavras de incentivo em todos os momentos. Sei o quanto renunciaram para que hoje tudo isso fosse possível.

Aos que desfilaram por toda a procissão – colegas do programa – compondo as mais belas alegorias, os quais contribuíram para o desenvolvimento de símbolos e significados de toda essa trama. Mestrar sem vocês não teria graça nenhuma.

Ao público que pacientemente aguardou para ver o cortejo passar. Sem a força de vocês, amigos, tudo seria mais difícil. Os aplausos nesse momento se invertem, pois os aclamados são vocês.

Aos Organizadores da festa, que em nome do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer fizeram acontecer toda essa comemoração. Em especial aos professores Cléber Dias, José Alfredo, Silvio Ricardo, Christianne Gomes, Luciano Pereira e Hélder Isayama que sabiamente conduzem o trilhar de diversas solenidades como a minha. À Cinira Veronezi que com toda sua proatividade não mediu esforços em fazer dessa uma festa única.

Ao professor Luiz Alex, pela oportunidade de trilhar por esse caminho, e pela confiança e liberdade sabiamente adotada ao longo de todo esse percurso. Sem a organização de vocês, nada disso seria possível.

Aos lugares – Diamantina – que se fizeram itinerário do cortejo, que além das variegadas vivências, muitos foram os presentes recebidos dessa cidade que, mais uma vez me concede um objeto de estudo. Agradeço à cidade, e aos que nela residem, pela acolhida mais que familiar encontrada todas as vezes que ali estive, em especial aos que muito contribuíram no desenvolvimento da pesquisa, seja com informações ou entrevistas.

“Vai dar tudo certo com sua dissertação, o Divino Espírito Santo há de abençoar” – frase dita por uma entrevistada. É com gratidão que reflito sobre o voto mais sagrado recebido durante todo esse processo: Deu certo! Pelo Divino, e por todos que fizeram parte desse momento.

Você tem que criar a confusão sistematicamente, isso liberta a criatividade.
Tudo que é contraditório cria vida.

Salvador Dali

RESUMO

O presente estudo buscou identificar como se configuram as práticas de lazer dos participantes durante festas religiosas tendo como objeto de estudo a Festa do Divino Espírito Santo de Diamantina, cidade do interior de Minas Gerais. A pesquisa se deu por meio da observação sistemática tanto da cidade, como da festa em si, além da entrevista com dezesseis participantes que estabeleceram algum vínculo com o cortejo, realizado no domingo da festa em questão, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra. Posteriormente os dados foram tratados mediante análise qualitativa de conteúdo, a fim de elucidar os elementos centrais do texto. Fotografias também foram utilizadas para ilustrar o trabalho. Na tentativa de explanar tal compreensão apresentam-se abordagens teóricas interdisciplinares que perpassam entre as temáticas da religião, lazer, festa e cidade. Uma contextualização acerca da cidade de Diamantina, bem como sua história, suas práticas religiosas e de lazer também são abordados. Os principais resultados sugerem que mesmo que muitas pessoas não admitam, devido as suas raízes religiosas, o cortejo a Festa do Divino Espírito Santo atrai diversas pessoas que participam do mesmo em busca de questões referentes ao lazer. Mesmo se tratando de uma festa religiosa, ela propicia às pessoas um emaranhado de emoções e sentimentos que quase sempre transcendem a questões sacras, contribuindo para que ali se articule assuntos pertinentes ao ambiente do profano. Tal profusão de significados e valores é que determinam, ou não, as práticas de lazer do indivíduo dentro do contexto em questão.

Palavras-chave: Religião. Lazer. Festa. Diamantina. Sagrado e Profano.

ABSTRACT

The present study aimed in identifying how the participant's leisure practices are configured during religious festivals, and having as study object the Divino Espírito Santo Festival from Diamantina, a city in the State of Minas Gerais countryside. The research was done through the systematic observation both of the city and of the festival itself, as well as through interviewing sixteen participants that had established a bond with the procession, and who were interviewed on the specific Sunday of the festival. The interviews were recorded and transcribed in full. Posteriorly the data were treated with qualitative content analysis, in order to elicit the core element of the text. Photographs were used to illustrate the work. With the attempt to explain such comprehension, it is presented interdisciplinary theoretical approaches that pervade religion theme, leisure theme, festival theme and city theme. A contextualization about Diamantina city, as well as its History, and its religious practice and leisure practice is also approached. The main results suggest that even though many people do not accept, because of their religious roots, the procession of Divino Espírito Santo Festival attracts several people that participate of it in search for matters referred to leisure. Although it is a religious festival, it provides to people a medley set of emotions and sentiments that almost always transcend the sacred matters, making a contribution to articulate issues pertaining the profane environment in that place. Such a profusion of meanings and values is what determines, or not, one's leisure practices inside the present context.

Keywords: Religion. Leisure. Festival. Diamantina. Sacred and Profane.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Delimitação por Onde Passou o Cortejo do Divino.....	24
Figura 2 – Parte da Serra dos Cristais vista de Diamantina.....	66
Figura 3 – Cerrado de Diamantina	67
Figura 4 – Artesanato de Sempre Vivas	67
Figura 5 – Colégio Nossa Senhora das Dores	69
Figura 6 – Casa da Glória.....	69
Figura 7 – Cadeia Velha ao Lado Direito.....	70
Figura 8 – Teatro Santa Isabel.....	70
Figura 9 – Trotão de Diamantina.....	72
Figura 10 – Rua da Quitanda.....	76
Figura 11 – Praça do Mercado.....	78
Figura 12 – Praça Barão de Guaicuí.....	79
Figura 13 – Missa da Alvorada na Capela do Amparo.....	87
Figura 14 – Bolo de Arroz.....	87
Figura 15 – Distribuição do Bolo de Arroz	87
Figura 16 – Novena na Catedral Metropolitana.	88
Figura 17 – Representação do Divino Espírito Santo.....	88
Figura 18 – Apresentação Musical Na Catedral Metropolitana	89
Figura 19 – Preparação para o Cortejo	92
Figura 20 – Concentração Para Saída do Cortejo.....	92
Figura 21 – Organização da Procissão	93
Figura 22 – Público Aguardando o Cortejo.....	93
Figura 23 – Baianas	94
Figura 24 – Baiana distribuindo flores ao público presente	94
Figura 25 – Coroinhas com Símbolos Sagrados.....	95
Figura 26 – Coroinhas com Bandeira da Arquidiocese de Diamantina	95
Figura 27 – Esplendor do Divino à Frente e Bíblia ao Fundo	96
Figura 28 – Corneteiras	96
Figura 29 – Casal Mirim com Imperador ao Fundo	96

Figura 30 – Luz do Divino	97
Figura 31 – Baú com Medalhas do Divino.....	97
Figura 32 – Meninas com Baús Seguidas por Casal.	97
Figura 33 – Virtudes Teologais	98
Figura 34 – Corte Angelical de Anjos Brancos.....	98
Figura 35 – Corte Angelical de Anjos Vermelhos.	98
Figura 36 – Nossa Senhora do Mundo	99
Figura 37 – Dons do Divino Espírito Santo	99
Figura 38 – Tema da Festa	100
Figura 39 – Os Frutos do Divino.....	100
Figura 40 – Representação do Tema da Festa.	100
Figura 41 – Anunciação.....	101
Figura 42 – João Batista e Jesus Cristo	101
Figura 43 – Águas	101
Figura 44 – Jesus Cristo	102
Figura 45 – Estandarte de Pentecostes	102
Figura 46 – Maria, os Apóstolos e o Divino	102
Figura 47 – Encerramento da Parte Litúrgica.....	103
Figura 48 – Casal Mirim com Bandeira do Império.....	104
Figura 49 – Futura Imperatriz.....	104
Figura 50 – Casal Com Bandeira do Império	104
Figura 51 – Corte de Damas e Cavalheiros	105
Figura 52 – Imperatriz do Divino	105
Figura 53 – Coroação da Nova Imperatriz	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma Para Observação Sistemática da Cidade – pré-festejo.....	25
Quadro 2 – Cronograma para Observação das Comemorações da Festa do Divino.....	26
Quadro 3 – Cronograma para observação sistemática da cidade – pós festejo	28
Quadro 4 – Perfil dos entrevistados.....	29
Quadro 5 – Valor Adicionado Bruto (VAB) dos Segmentos a Preços Corrente (Mil Reais) ..	68
Quadro 6 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: O lazer e as pessoas: práticas, percepções e sentimentos	108
Quadro 7 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: o lazer e a cidade.....	111
Quadro 8 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: Festa religiosa de várias religiões.	114
Quadro 9 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: A festa da cidade.....	116
Quadro 10 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: A festa das pessoas e as pessoas da festa.....	118
Quadro 11 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: Forma de participação, motivações, percepções e sentimentos	122
Quadro 12 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: O lazer e a Festa.....	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 METODOLOGIA.....	22
2 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: LAZER, RELIGIÃO, CIDADE E FESTA	31
2.1 Apontamentos sobre Lazer e Religião	34
2.2 Lazer, Cidade e Festa.....	39
3 DIAMANTINA	49
3.1 Caminhos Históricos de Diamantina	50
3.1.1 Apontamentos sobre a Religião em Diamantina.....	55
3.1.2 As Festas Religiosas de Diamantina	60
3.2 Diamantina contemporânea	65
3.3 A cidade, o lazer e as pessoas	73
4 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	81
4.1 A Festa do Divino Espírito Santo em Diamantina.....	84
4.1.1 O Imperador	84
4.1.2 A Missa da Alvorada.....	85
4.1.3 A novena	88
4.1.4 Procissão dos Milagres.....	89
4.1.5 Levantamento do Mastro.....	90
4.2 Cortejo Imperial e Procissão do Divino.....	91
5 O LAZER E A FESTA DO DIVINO EM PALAVRAS.....	108
5.1 O lazer e as pessoas – práticas, percepções e sentimentos	108
5.2 O Lazer e a Cidade.....	111
5.3 Festa religiosa de várias religiões	114
5.4 A festa da cidade.....	116
5.5 A festa das pessoas e as pessoas da festa.....	118
5.6 Formas de participação, motivações, percepções e sentimentos	122
5.7 Lazer e festa	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS.....	144
Anexo A – Termo De Consentimento Livre E Esclarecido.....	144
Anexo B – Programação da festa do divino e de Santo Antônio de Diamantina	148
APÊNDICES	149

Apêndice A – Roteiro de Entrevistas.....	149
Apêndice B – Roteiro Norteador para Observação da Cidade	151
Apêndice C – Roteiro Norteador para Observação do Cortejo.....	152

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho refere-se ao estudo de possíveis práticas de lazer presentes em festejos religiosos, sob o enfoque da apropriação do espaço urbano e das interações que possam surgir nesta relação levando em consideração os diversos olhares que perpassam por esta temática. Neste sentido, uma festa pode ser descoberta por diferentes caminhos ou olhares, como o do folião, o do morador do local onde ela acontece, do administrador, do pesquisador ou do turista, uma vez que cada olhar ou caminhar revela diferentes significados (ROSA, 2002).

O interesse pela realização de tal pesquisa surgiu em minha graduação em Turismo, onde tive o primeiro contato com as teorias do lazer. Recordo-me que em uma das aulas, enquanto discutíamos as teorias desenvolvidas por Dumazedier com relação à temática, surgiu uma discussão no que se refere à relação entre lazer e religião. A maioria da turma defendia o ponto de vista abordado pelo autor estudado, de que as atividades de lazer devem ser desvinculadas do trabalho e das atividades míticas e religiosas. Ao contrário dos demais, eu não concordava, e entendia que atividades ligadas à esfera religiosa poderiam ter aspectos que os vinculassem ao lazer. Porém como ainda havia tido contato apenas com o autor em questão, não tive argumentos suficientes para desenvolver meu ponto de vista.

Alguns semestres depois, iniciei os estudos para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso. Na monografia, investiguei a relação entre o turismo e o catolicismo na esfera da cidade de Diamantina. A partir da pesquisa de campo realizada durante os principais festejos religiosos da cidade, e de estudos mais aprofundados referentes ao tema, foi possível notar que as relações entre lazer e religião geram as mais diversas experiências, em relações bastante estreitas. A partir de tais perspectivas é que se iniciou a motivação para realização deste trabalho.

Mesmo que o presente estudo esteja relacionando a religião como possibilidades para o lazer, é importante levar em consideração autores que não admitem tal possibilidade, fazendo com que esta pesquisa possa contribuir na elucidação das controvérsias estabelecidas entre lazer e religião, tendo em vista que o assunto carece de análises que possibilitem melhor entendimento na relação existente entre um e outro.

Acredito que o interesse em festas religiosas tenha surgido ainda na infância, quando residia em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais com pouco mais de dez mil habitantes onde se celebrava anualmente, em 27 de novembro, o dia de Nossa Senhora das Graças. Dias antes a cidade inteira ficava repleta de barraqueiros que vendiam os mais variados

produtos, de roupas a utensílios domésticos. Nesta época, em especial no dia da comemoração, o número de pessoas na cidade mais que duplicava. Toda a atmosfera festiva do local me contagiava, sentia que aquela era a melhor época do ano, uma vez que sabia que as opções de lazer seriam infinitamente maiores do que as que havia no cotidiano da cidade.

Mesmo sendo de família católica, praticamente não me envolvia em questões ligadas à religião, exceto na última semana do mês de novembro, quando fazia questão de participar de todas as comemorações da cidade. Mesmo que tais ações estivessem voltadas à esfera sagrada, entendia aquele momento como possibilidade de descontração, diversão e de contato com as pessoas.

Tendo como base a minha própria experiência é que compartilho as ideias de Perez (2011), quando diz que o brasileiro é profundamente religioso, porém essa se trata de uma religiosidade *suis generis*, uma vez que o cotidiano é marcado por expressões como “se Deus quiser”, “graças a Deus”, “que o Diabo que te carregue”, em que muitas vezes são ditas até mesmo por aqueles que não acreditam no poder divino. É com base nesta singular religiosidade nacional que entendo que mesmo que uma festividade seja de caráter religioso, os sentimentos produzidos pela mesma não estejam restritos ao sagrado.

Além de tudo, “as festas pontuam e regulam o curso de nossas vidas, a periodicidade das passagens [crises]. Marcam os tempos fortes, os momentos culminantes das coletividades, expressando suas alternâncias de ritmo e intensidade” (PEREZ, 2011, p. 101). É a partir desta passagem que reforço a importância que elas possuem no desenvolvimento da vida humana, uma vez que tem presença marcante na vida dos sujeitos e das comunidades. Como destaca Perez (2011, p. 100) “(...) vivemos de festa em festa”. Mesmo antes de nascermos já estamos em festa, uma vez que nossos pais realizam o tradicional chá de bebê. Após o nascimento as festas não param, a cada doze meses se comemora mais um ano de vida, é hábito celebrar as etapas da vida concluídas como as formaturas, festejam-se aniversários de namoro, casamentos, bodas...

Ao parar para refletir a respeito das festas que venho participando ao longo da vida, mesmo que eu não possua vínculo direto com a Igreja Católica, percebo que grande parte delas estão diretamente ligadas às questões religiosas. Seja em comemorações de batizados, casamentos ou festas juninas, muitas delas possuem algum apelo ao sagrado. Em todas percebo que mesmo que este não seja seu objetivo principal, elas estão permeadas por aspectos pertinentes ao lazer.

No que se refere à Festa do Divino de Diamantina, dela só tomei conhecimento quando me mudei para a cidade para cursar a graduação. Diferente de todas que já havia visto, o festejo

me despertou grande interesse devido à sua beleza e particularidades, o que me fez dele participar como espectador nos quatro anos que residi por lá. A cidade possui um casario colonial de inspiração barroca, edificações históricas, igrejas coloniais, uma paisagem natural de extrema relevância e forte tradição religiosa e musical muito bem preservadas, que conferem singularidade para a cidade. Em reconhecimento a tamanha beleza e importância, foi tombada em 1938 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o que foi ratificado no final da década de 1990, quando a cidade foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade, firmando a sua importância internacional. Atualmente a cidade recebe com grande frequência um número significativo de turistas das mais diversas origens, atraídos, muitas vezes, pelas características da paisagem que compõe o centro colonial, bem como questões proeminentes de sua cultura.

Além das questões arquitetônicas e históricas, a cidade também é conhecida por suas festividades que, de acordo com a época do ano, transformam o espaço urbano em um palco para as mais diversas manifestações. As mesmas ruas que servem de espaço para o desfile de blocos carnavalescos¹, são utilizadas para a comemoração do trotão² dos estudantes, abrigam serestas³, e também são palco de procissões das tradicionais festas religiosas⁴.

A Festa do Divino de Diamantina como objeto, bem como sua dimensão cultural e espacial na cidade, serve como referência para essa investigação, uma vez que é entendida como um lugar de trocas, em que são representadas as dimensões da vida cultural coletiva, no qual centenas de pessoas se encontram em determinado espaço rumo a um momento de fruição efêmera. Tal tradição está ligada à história da cidade há centenas de anos. Ela se inicia na

¹ O carnaval de Diamantina é marcado por manter suas tradições, uma vez que as festas ocorrem pelas ruas da cidade nos palcos distribuídos por diferentes espaços, além de diversos blocos caricatos organizados por moradores do local, onde os foliões saem fantasiados acompanhados por bandas que tocam marchinhas de carnaval.

² O trotão é um evento organizado os estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, que ocorre semestralmente há anos. Os alunos, separados por cursos, se concentram em espaços diferentes da cidade para se pintarem com tinta e, em seguida, se encontram todos no alto da ladeira da Rua da Glória e saem pelas ruas acompanhados por uma charanga como forma de integração com os novos alunos.

³ Tradição na cidade, as serestas contribuíram para que Diamantina ganhasse fama de cidade boêmia, tendo como grande incentivador o nativo local e ex-presidente do Brasil Juscelino Kubitschek. Atualmente, tais manifestações não acontecem espontaneamente como nos anos 1970, mas por intermédio da prefeitura municipal (geralmente em sextas feiras). Conforme o calendário de eventos da cidade, violeiros saem pelas ruas tocando músicas de seresta.

⁴ As festas religiosas de maior destaque da cidade são a Semana Santa, quando há a teatralização de cenas bíblicas, o feriado de Corpus Christi no mês de junho, em que são produzidos tapetes de serragem pelas ruas do centro colonial, a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa do Rosário, em que é realizado um cortejo no qual os moradores locais saem em procissão fantasiados de figuras religiosas e personagens da história colonial brasileira acompanhados por grupos de congado.

segunda-feira anterior ao domingo de Pentecostes, cinquenta dias após a quaresma, e é marcada por uma semana de comemorações, missas e procissões. O ápice do festejo ocorre no último dia de festa, quando é organizado um cortejo em homenagem ao Divino Espírito Santo. Tamanha é a beleza de tal manifestação, que dentro de um ambiente turístico acaba se tornando um atrativo.

Neste dia, a rua é tomada pelo povo, mas não da mesma forma como acontece no cotidiano da cidade. No momento da festa, é possível que a massa se transforme em um grupo que partilha de um ritual comum. É nesse sentido que Balandier (1985) afirma que as festas são capazes de abrir um espaço na sociedade, já que não são apenas espetáculos que lidam com a realidade e com o imaginário, mas que também oferecem a possibilidade de uma participação ativa principalmente no que se refere aos momentos de libertação física e psíquica propiciando o convívio e a solidariedade.

Deve-se estar atento também à lacuna de trabalhos que se propõe a traçar um paralelo entre lazer e festas religiosas. Rosa (2007, p. 197) destaca que no campo do lazer, pelo menos no Brasil, ainda são recentes os estudos sobre a festa e estes quase sempre descrevem os rituais além das possibilidades que oferecem as pessoas em seus tempos disponíveis.

Devido à sua importância no contexto histórico-cultural, revela-se um tema essencial, que precisa ser problematizado e refletido na formação do profissional no âmbito do lazer, sendo um importante conteúdo para intervenção, conhecimento e pesquisa. Ademais precisa ser associado a outras temáticas já privilegiadas no campo, uma vez que dialoga com a cultura, políticas públicas, ação comunitária, lúdico, mercado, atividade turística, espaço, entre outros.

A pesquisa acerca do tema também é relevante uma vez que a realização de festejos religiosos, além de suas mais diversas características, pode proporcionar a construção e afirmação de valores inerentes à cultura do local. Assim como as festas juninas, destacando-se “O Maior São João do Mundo” realizado em Campina Grande, na Paraíba, promovem a valorização e a reafirmação da cultura daquele local, o Círio de Nazaré, característico da cidade de Belém no Pará, reiteram, ano a ano, as questões históricas e religiosas da localidade. Tais manifestações exercem funções importantes, podendo contribuir para a concepção do simbólico em nível local, além de serem espaços de encontro que possibilitam a valorização dos fazeres, geração de renda, criação de atrativos para o turismo e espaços de lazer.

Destaca-se também a possibilidade que se tem de conhecer a estrutura e os valores que permeiam tais manifestações religiosas, pois se entende que a compreensão dos fenômenos que

nelas estão inseridos é de fundamental importância para que se possa acompanhar seus possíveis desdobramentos sociais. Ainda neste sentido, Rosa (2002, p. 15) aponta que

a festa pode ser investigada e interpretada nos diferentes contextos de grupos específicos, em que há criações, usos, realizações e elaborações, buscando compreender valores, significados e símbolos que permeiam as práticas vivenciadas e transformadas.

Levando em consideração que tais perspectivas são desenvolvidas em meio urbano, deve-se considerar que o crescimento das cidades e o maior contingente populacional fazem com que se tenha cada vez mais um anonimato, induzindo as pessoas a se tornem mais individualizadas. Nesse sentido, o espaço urbano é cada vez mais palco de conflitos, diálogos, interação de diferentes gostos, culturas e interesses. É sob esta perspectiva social que a festa possibilita, que “o uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem, além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro)” (LEFEBVRE, 2008, p. 12).

Nesse sentido me recordei, quando uma vez estava assistindo ao Cortejo do Divino, do comentário de um senhor que em tom de pergunta e ao mesmo tempo afirmação disse: “o que seria de Diamantina se não fossem essas festas?!”. De início imaginei que ele se referia unicamente à importância religiosa que aquele momento tinha para a cidade. Porém, com o desenvolver da conversa pude perceber que, além do que supus, ele aludia às diversas possibilidades inerentes aos festejos, como as interações entre as pessoas, as questões históricas, a ocupação do espaço, além das possibilidades econômicas como é o caso do turismo. Foi então que passei a pensar além do caráter religioso de tais manifestações.

Diante de tais indagações é que enxerguei as possibilidades que o desenvolvimento de uma pesquisa de pós-graduação com tal temática poderia contribuir no sentido de trazer novos elementos para o entendimento destas tradições, no sentido de mais do que simplesmente descrever as festas como opção de lazer, buscar o que ela possibilita para a experiência humana, tendo em vista que os festejos proporcionam uma composição organizacional intrincada, onde são tecidos aspectos simbólicos e significantes entre os que dela participam.

Durante a realização dos estudos preliminares acerca do assunto, e na busca por definir quais aspectos relevantes a serem destacados, me deparei com uma questão que servirá como

problema a ser seguido: Como se configuram as práticas de lazer dos participantes⁵ durante festas religiosas? Para que se possa elucidar e compreender tal problemática, a pesquisa será baseada em outras questões norteadoras: Quais os valores atribuídos por tais participantes à festa? Quais os significados que a festa produz no público que dela participa? Quais os interesses dos participantes da Festa do Divino Espírito Santo de Diamantina que possibilitam que ela possa se configurar como prática de lazer? Quais os elementos presentes no festejo que possam contribuir na relação lazer/religião aos olhos de seus participantes? Como são estabelecidas as relações de convívio social face às perspectivas do lazer durante o festejo?

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos além desta introdução. No primeiro serão abordados aspectos que permeiam os pressupostos metodológicos utilizados para a construção da presente pesquisa. O segundo apresenta uma perspectiva entre o sagrado e o profano, bem como as interações entre o lazer, religião, cidade e festa. O terceiro aborda questões referente à cidade de Diamantina, como sua história, religião e práticas de lazer do local. O quarto capítulo com a apresentação da Festa do Divino, bem como todos os elementos pertinentes à mesma. O quinto capítulo apresenta os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas, o que precede o capítulo das considerações finais.

⁵ Neste trabalho, serão entendidos como participantes do festejo os que de alguma forma estabeleceram relações com ele, seja de forma ativa (organizadores e pessoas que desfilaram no cortejo) ou apenas a ele assistindo.

1 METODOLOGIA

Parto do pressuposto que o estudo do lazer inserido no campo dos festejos religiosos, bem como a participação popular nestes eventos, se apropriando do espaço, pode contribuir no aprofundamento de diversas questões referentes ao lazer. Quando defini uma festa como objeto a ser analisado, pude perceber que “a festa é o lugar social e simbólico cuja análise tem como premissas suas conotações político-ideológicas e sociais” (SANTOS, 2005, p. 11). Tendo em vista tal questão, precisei percorrer um vasto caminho de leituras que pudessem me aproximar dos diversos aspectos que permeiam esta perspectiva, uma vez que estudar cientificamente tal assunto de forma mais desenvolvida é algo hodierno para mim, além do fato ainda ser pouco discutido quando este se relaciona com lazer e religião.

Utilizo-me da linguagem cinematográfica a fim de ilustrar a ciência trazendo à tona um filme intitulado “A Festa da Menina Morta” (2008) dirigido por Matheus Nachtergaele. A obra cinematográfica aborda uma festa realizada no alto Amazonas, que atrai peregrinos anualmente em busca das bênçãos de um jovem considerado santo, popularmente chamado de Santinho. O adolescente teria recebido de um cachorro trapos de um vestido de uma menina desaparecida no mesmo momento em que a sua mãe ceifava a própria vida. A partir desse momento, a criança desaparecida, posteriormente tida como morta, passou a se comunicar com as pessoas do vilarejo por meio do rapaz quando este entrava em transe.

Nachtergaele tem como foco central um evento para compor toda a trama que se desenrola por meio de uma festa religiosa permeada por músicas, comilanças e bebedeiras, em que os personagens do filme ilustram toda uma rede que se forma por meio da festividade expondo sentimentos que se mesclam entre o misticismo, religiosidade, sexo e contradições sociais. Desta forma o diretor aclara a afirmação de Caillois (1988, p. 122) quando define festa como “sagrado de transgressão” em que ali são desenvolvidos momentos de subversão dos ritmos cotidianos, transgressão das regras de conduta social, exagero no consumo de alimentos e bebidas e exacerbação do desejo sexual.

Assim, Caillois (1988) nos alerta sobre a complexidade envolvida em uma festa, bem como uma perspectiva de que ela não é apenas momentos de diversão, lazer, e distração possibilitando recarregar as forças físicas e mentais, e com base nas ideias de Simmel (1983), que permite entender as festas como lugar de sociabilidade, tendo em vista os vínculos coletivos tecidos, onde os envolvidos participam de um “estar juntos” e relacionam-se uns com os outros construindo maneiras de interação na coletividade, o presente estudo terá inspiração

etnográfica. Embora se saiba, que tanto a etnografia mais tradicional (GEERTZ, 1989; LÉVI-STRAUSS, 1964) quanto a mais moderna (ERIKSON, 1992; WOODS, 1986; MEHAN, 1992; SPIDLER, 1982) exijam do pesquisador longos períodos de tempo de observação, para este trabalho, passar vários meses no local onde se está estudando era inviável tendo em vista primeiramente a temporalidade da festa, realizada apenas uma vez ao ano, e a temporalidade do mestrado que exige o cumprimento de créditos e demais atividades presenciais em apenas dois anos o que tornou inviável minha presença durante longos períodos em outra cidade.

Entretanto, além de uma observação sistemática, o presente estudo terá outras fontes de coletas de dados, como entrevistas. Dessa forma, não se pode negligenciar as questões abordadas por Geertz (1989), principalmente quando afirma que a cultura é uma trama de significados construída pelo próprio homem, onde os mesmos são compartilhados, e servem de orientação para conduta dos seus membros, em que tais significações podem ser múltiplas de acordo com o contexto em que ocorrem, fazendo com que por meio da análise da cultura possa se estabelecer formas de construção destes significados e decifrar os códigos estabelecidos. O autor ainda destaca que

para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo, com que finalidade eles pensam o que estão fazendo, é necessário adquirir uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado em meio aos quais elas vivem. Isso não requer sentir como os outros ou pensar como eles, o que simplesmente é impossível. Nem virar nativo o que é uma ideia impraticável e inevitavelmente falsa. Requer aprender como viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente (GEERTZ, 2001, p. 260).

Sendo assim, inicialmente realizei uma observação participante a partir de um mergulho no cotidiano da cidade. May (2001) destaca que tal método se dá a partir do momento em que um investigador estabelece um relacionamento multilateral com uma associação humana e na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo. Com o propósito de descrever o ambiente em que a festa está inserida, ou seja, a cidade de Diamantina, os sujeitos, e as atividades ali realizadas que serão orientadas por questões inicialmente mais ampliadas, e posteriormente mais específicas passei a observar o cotidiano da cidade.

Tendo em vista a posição de Canclini (1983), ao afirmar que a profusão e as práticas festivas não se limitam apenas às suas formas manifestas no período consagrado, mas se inserem no cotidiano por meio das práticas, preparativos, e sentidos que constituem mesmo quando não se está no período festivo, iniciei a pesquisa de campo duas semanas antes da festa. Na primeira semana, realizei a observação sistemática, pretendendo entender como é a rotina

Quadro 1 – Cronograma Para Observação Sistemática da Cidade – pré-festejo

Data	Manhã	Tarde	Noite
16/05/14	08:00 h às 09:00 h	14:00 h às 15:00 h	18:00 h às 19:00 h
17/05/14	10:00 h às 11:00 h	15:00 h às 16:00 h	20:00 h às 21:00 h
18/05/14	08:00 h às 09:00 h	14:00 h às 15:00 h	18:00 h às 19:00 h
19/05/14	10:00 h às 11:00 h	15:00 h às 16:00 h	20:00 h às 21:00 h
20/05/14	08:00 h às 09:00 h	14:00 h às 15:00 h	18:00 h às 19:00 h
21/05/14	10:00 h às 11:00 h	15:00 h às 16:00 h	20:00 h às 21:00 h
22/05/14	08:00 h às 09:00 h	14:00 h às 15:00 h	18:00 h às 19:00 h

Fonte: Elaboração própria

A fim de facilitar, e melhor orientar a observação, utilizei um roteiro norteador (apêndice B) com perguntas e pontos a serem observados. Nele estavam estruturados pontos que estipulavam dimensões para descrição dos lugares, as principais atividades desenvolvidas, detalhamento do público presente, demais aspectos como arquitetura, espaço para uso turístico, comércio e atividades de lazer, principais diferenças entre os horários observados, elementos que envolviam a apropriação das pessoas com o local, dentro outras ponderações. Apesar de ter estipulado horários para observação, ela se deu muito além do planejado, tendo em vista que eu estava hospedado em uma das ruas do trajeto, o que me proporcionou constatar diversos enfoques mesmo fora do tempo deliberado para este fim, além do que, o cotidiano dos dias posteriores, também permitiu tal observação mesmo que de forma mais informal.

Na semana seguinte, a observação foi realizada juntamente aos organizadores do festejo. Uma vez que nesta etapa buscava entender toda a dinâmica que é necessária para ser realizada a festa, bem como uma maior vivência nos aspectos que permeiam a mesma, julguei pertinente acompanhar seus organizadores. Como a cada ano uma pessoa é eleita para ser o festeiro⁶, identifiquei o mesmo, e mediante conversa prévia e exposição dos objetivos do trabalho, me foi permitido que estivesse junto nas ações a serem realizadas no que se refere às questões que antecede o evento até o dia que o mesmo se iniciasse.

Desta forma, entre os dias 23 a 29 de junho, eu o acompanhei em múltiplos compromissos que envolviam a organização das comemorações em prol do Divino Espírito Santo. Dada a grandiosidade da festa, ele contava com pessoas que o auxiliavam em diversos assuntos, as quais também tive a oportunidade de acompanhar em distintos momentos. Tendo

⁶ O termo festeiro faz referência à pessoa responsável por organizar a Festa do Divino, o qual em alguns momentos também é denominado como imperador, dado ao cargo ocupado durante as comemorações.

em vista a imprevisibilidade dos afazeres e da ausência de rotina, se tornou inviável estipular um cronograma ou um roteiro a ser seguido, desta forma, optei por utilizar um diário de campo no qual anotava tudo aquilo que julgava pertinente.

Na semana da festa, a observação se deu durante as comemorações e celebrações (quadro 2). Mesmo que o foco principal deste trabalho seja o domingo, dia que o Cortejo do Divino acontece, acompanhei a novena e demais solenidades a fim de entender os processos que permeiam as solenidades. No ano em que foi realizada a pesquisa, as comemorações em prol da Festa do Divino coincidiram com a data em que é comemorada a Festa de Santo Antônio, padroeiro de Diamantina. Desta forma, a novena do Divino, que tradicionalmente ocorre na Igreja do Amparo, foi celebrada em conjunto com a trezena de Santo Antônio na Catedral Metropolitana. As demais atividades paralelas, como procissão, levantamento do mastro, dentre outras ocorreram como de costume. As observações desta etapa, com exceção do domingo, foram realizadas no decorrer das atividades acompanhadas, sendo anotado no diário de campo questões pertinentes àquilo que se objetiva nesse estudo.

Quadro 2 – Cronograma para Observação das Comemorações da Festa do Divino

Dia	Horário	Atividade	Local
30/05/14	06h:30min	Alvorada	Igreja do Amparo
	07:00h	Distribuição do Bolo de Arroz	Igreja do Amparo
	19:00h	Primeiro dia de Novena	Catedral Metropolitana
31/05/14	19:00h	Segundo dia de Novena	Catedral Metropolitana
01/06/14	19:00h	Terceiro dia de Novena	Catedral Metropolitana
02/06/14	19:00h	Quarto dia de Novena	Catedral Metropolitana
03/06/14	19:00h	Quinto dia de Novena	Catedral Metropolitana
04/06/14	19:00h	Sexto dia de Novena	Catedral Metropolitana
05/06/14	19:00h	Sétimo dia de Novena	Catedral Metropolitana
06/06/14	18h:30min	Procissão dos Milagres	Saindo da Igreja do Amparo até a Catedral Metropolitana
	19:00h	Oitavo dia de Novena	Catedral Metropolitana
07/06/14	19:00h	Nono dia de Novena	Catedral Metropolitana
	Após a Novena	Levantamento da Bandeira ao Mastro	Praça Doutor Prado
08/06/14	7:00h	Concentração para preparação do Cortejo	Casa da Glória
	09:00	Cortejo Imperial e Procissão do Divino	Saindo da Rua da Glória em direção a Catedral Metropolitana
	Após o cortejo	Missa	Catedral Metropolitana

Fonte: Elaboração própria.

No último dia das comemorações, momento em que ocorre o cortejo, primeiramente observei, de forma breve, as ruas pelas quais o mesmo passou a fim de identificar como são feitos os preparativos para tal acontecimento bem como as pessoas estão se relacionando com estes espaços neste momento. Em seguida, fui para a Casa da Glória, local em que as pessoas que se vestiram para sair em procissão se reúnem, a fim de acompanhar os preparativos para a realização do evento. Neste momento, tive a oportunidade de conversar informalmente com diversos participantes do cortejo, bem como demais pessoas que os acompanhavam, as quais me forneceram diversas informações que também foram anotadas no caderno de campo.

Tendo em vista que Perez (2011) destaca que na sociedade brasileira existe um multiverso caracterizado por uma pluralidade de vozes, de paisagens e de formas de organização que compõem estruturalmente sua população, sendo moldando assim o seu perfil, no momento da festa, considerei dois públicos distintos: os que estão participando do cortejo, ou seja, os que se fantasiam e saem em procissão, e os que o assistem. Optei por separá-los em grupos tendo em vista que é possível que suas relações com o momento em questão podem se dar de formas diferentes. Utilizei um roteiro (apêndice B) que auxiliou a observação de alguns pontos-chave do cortejo, o qual era dividido em três pontos: Participantes do Cortejo, Público que assistiu e Lugares por onde o cortejo passou.

No primeiro ponto o objetivo foi o de descrever assuntos pertinentes às pessoas que estavam fantasiadas, além dos organizadores. O roteiro continha elementos que organizavam a observação de aspectos pertinentes ao modo com que os mesmos se organizavam, faixa etária aparente, com quem estavam acompanhados, o que estavam fazendo ou qual função exerciam, como eles se relacionavam entre si e com as pessoas que estavam ao seu redor, entre outros assuntos. Semelhante ao primeiro ponto, o segundo diz respeito às pessoas que estavam assistindo ao cortejo. Assim como no anterior, as observações diziam respeito às características do público, bem como as interações e atividades que ali são desenvolvidas. Por fim, o roteiro para observação dos lugares por onde o cortejo passou foi estruturado de forma semelhante ao roteiro para observação da cidade, o qual seguiu de orientação para descrição dos aspectos físicos dos lugares do momento das atividades ali desenvolvidas, bem como observações para que fosse possível realizar um contraponto do cotidiano local.

Mesmo que existisse um roteiro a ser seguido, no momento em que estava realizando tais atividades percebi que deveria ir além do que já estava estruturado. Desta forma também utilizei o diário de campo o qual anotei diversas questões que julguei pertinente bem como elementos que percebi durante conversa informal com os presentes.

Para encerrar as observações, novamente examinei o cotidiano da cidade (quadro 3) da segunda seguinte após o encerramento da festa até o domingo, seguindo a mesma perspectiva anterior, a fim de verificar se existe algum contraponto ao constatado anteriormente, bem como as pessoas retornam para seu cotidiano após uma semana festiva.

Quadro 3 – Cronograma para observação sistemática da cidade – pós festejo

Dia	Manhã	Tarde	Noite
09/06/14	08:00 h às 09:00 h	14:00 h às 15:00 h	18:00 h às 19:00 h
10/06/14	10:00 h às 11:00 h	15:00 h às 16:00 h	20:00 h às 21:00 h
11/06/14	08:00 h às 09:00 h	14:00 h às 15:00 h	18:00 h às 19:00 h
12/06/14	10:00 h às 11:00 h	15:00 h às 16:00 h	20:00 h às 21:00 h
13/06/14	08:00 h às 09:00 h	14:00 h às 15:00 h	18:00 h às 19:00 h
14/06/14	10:00 h às 11:00 h	15:00 h às 16:00 h	20:00 h às 21:00 h
15/06/14	08:00 h às 09:00 h	14:00 h às 15:00 h	18:00 h às 19:00 h

Fonte: Elaboração própria.

Ainda almejando obter mais dados que pudessem permear a temática aqui abordada, e tendo em vista que por meio de entrevistas é possível obter “maior sinceridade de expressão, adequada para obter informações de indivíduos mais complexos e emotivos, ou para comprovar os sentimentos subjacentes a uma opinião” (DENCKER, 2007, p. 130), na etapa seguinte, realizei entrevistas com os participantes do cortejo, tenham eles desfilado ou apenas assistido. Estas pessoas foram previamente selecionadas aleatoriamente durante todo o processo de observação, tendo como base as relações que eles estabeleceram com a festa. Em seguida elas foram contatadas para que se pudesse agendar um encontro. Neste momento o objetivo principal foi o de identificar os valores, interesses, sentimentos e significados produzidos pelo festejo nas pessoas que possam se vincular às práticas de lazer.

A partir dos conhecimentos adquiridos pela vivência das observações sistemáticas aliado às informações adquiridas com a construção do referencial teórico e leituras complementares estruturei um cronograma (apêndice A) para nortear as entrevistas com questões norteadoras, as quais foram divididas em cinco blocos. O primeiro contém questões introdutórias que visam conhecer a respeito do entrevistado como suas características, trajetória pessoal, relação com a cidade e religião, formas de lazer. O segundo grupo explora questões relativas à Diamantina, onde o objetivo é identificar acerca do lazer local, as festas religiosas desenvolvidas na cidade, a população em geral e a cultura local. Em seguida, estão os questionamentos referentes à Festa do Divino, onde o assunto diz respeito à festividade em si, e à visão que as pessoas dela possuem. No quarto grupo estão dispostas perguntas que visam reconhecer as percepções e sentimentos particulares frente à festa em questão. Por fim, o quinto

bloco foi realizado apenas com os organizadores da festa, a fim de identificar questões a respeito da organização da mesma, bem como as demais questões que envolvem o desenvolvimento das comemorações.

Foram realizadas 16 entrevistas no total, as quais foram realizadas em distintos lugares que variaram de acordo com a disponibilidade individual, fazendo com que as condições de produção da pesquisa fossem bastante variadas. A seguir apresenta-se um quadro representando as datas das entrevistas, bem como a principal função estabelecida com a Festa do Divino. Os nomes dos entrevistados foram alterados para nomes fictícios a fim de manter a privacidade dos participantes.

Quadro 4 – Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Data	Forma de participação
Cleusa	23/07/14	Organização
Vitória	23/07/14	Colaboradora
Sandra	25/07/14	Organização
Maurício	29/07/14	Desfile
Aline	30/07/14	Desfile
Carolina	30/07/14	Desfile
Adriana	31/07/14	Organização
Mariana	31/07/14	Organização
Pedro	01/08/14	Desfile
Alexandre	01/08/14	Expectador
Sara	02/08/14	Expectador
Evaldo	02/08/14	Expectador
Irene	03/08/14	Expectador
Juliana	03/08/14	Expectador
Arthur	05/08/14	Expectador
Rudson	05/08/14	Desfile

Fonte: Elaboração própria.

Vale destacar que possuía a intenção de entrevistar o festeiro do ano em que a festa foi realizada. Entretanto, tal fato não foi possível tendo em vista que o mesmo reside em outra cidade, o que dificultou o encontro para tal fim. Com todos os dados coletados, inicialmente organizei as observações em tópicos, onde os dados passíveis de comparação foram estruturados em quadros de forma a facilitar a compreensão dos mesmos, e as demais informações foram organizadas em um único documento unindo as informações semelhantes e separando as mesmas por temas.

As entrevistas foram transcritas, e apesar de alguns problemas, como ruídos externos nas gravações e a baixa qualidade de outras, todos os dados obtidos puderam ser utilizados. Em seguida os dados foram tratados mediante análise qualitativa. Após leitura sistemática e análise dos conteúdos das entrevistas em um primeiro momento, organizei os dados em categorias de

conteúdo mais específicos, a fim de elucidar os elementos centrais do texto. As categorias de conteúdo identificadas foram: a) o lazer e as pessoas – percepções e sentimentos, b) o lazer e a cidade, festa religiosa de várias religiões, c) a festa da cidade d) a festa das pessoas, as pessoas da festa, e) formas de participação, motivações, percepções e sentimentos, f) o lazer e a festa.

2 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: LAZER, RELIGIÃO, CIDADE E FESTA

Nasci em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais chamada Urucânia, a qual é regionalmente conhecida por questões ligadas à fé, tendo em vista que residiu na cidade, entre os anos de 1947 a 1963, o Padre Antônio Pinto, que ganhou certa notoriedade por realizar milagres em nome de Nossa Senhora das Graças. Nessa época, a cidade atraía diariamente centenas de pessoas de diversos lugares do Brasil e do mundo que iam até o município em busca das bênçãos do sacerdote. Mesmo que tais milagres ainda não tenham sido reconhecidos pelo vaticano, e anos após a morte do padre, a cidade ainda recebe pessoas que vão em busca do contato com estas questões religiosas, o que se acentua nos dias que antecede o dia vinte e sete de novembro, dia de Nossa Senhora das Graças, quando é realizada novena.

Desta forma, aquela pessoa conhecida por realizar milagres representava para os fiéis algo que ia mais além de sua titulação eclesiástica, o que o tornava diferente dos demais padres. Neste sentido, adoto o termo hierofania apontado por Eliade (1992), o qual é utilizado a fim de indicar o ato da manifestação do sagrado, tendo em vista que todas as religiões são marcadas por um número significativo de hierofanias que vão desde algo mais elementar como a manifestação do sagrado em um objeto qualquer, urna, pedra ou uma árvore, ou até algo mais supremo como é para os cristãos a encarnação de Deus em Jesus Cristo.

Mesmo com toda a manifestação religiosa presente na cidade, a credulidade nas curas realizadas pelo padre em questão é colocada em dúvida por pessoas que não acreditam que ele possa ter operado os milagres que o tornou afamado. Neste aspecto, Eliade (1992) acrescenta que o homem ocidental moderno possui certa dificuldade em aceitar tais formas de manifestação do sagrado, tendo em vista que é difícil admitir que, para certos seres humanos o sagrado possa se manifestar em pedras ou árvores por exemplo. Entretanto, o autor explica que não se trata da veneração de uma pedra como pedra ou de uma árvore como árvore, mas de uma pedra ou uma árvore sagrada, justamente porque são hierofanias tendo em vista que revelam algo que já não é pedra nem árvore, mas o sagrado. Mesmo que um objeto qualquer possa tornar-se outra coisa quando o mesmo manifesta o sagrado, ele continua a ser ele mesmo, ou seja, uma pedra sagrada não se torna menos pedra (quando se adota um ponto de vista mais profano).

Assim, podem-se visualizar duas modalidades de experiências – a sagrada e a profana. Sendo assim, Eliade (1992) define o sagrado como algo que se opõe ao profano, tendo em vista que a oposição entre eles pode trazer uma perspectiva onde o sagrado pode ser entendido como

algo que ultrapassa a experiência natural do homem impossibilitando assim uma definição racional.

A partir deste pressuposto, Eliade (1992) apresenta duas possibilidades para se encarar o tempo: o tempo profano e o tempo sagrado. Entende-se o tempo profano como uma “duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso” (ELIADE, 1992, p. 38), ao passo que o tempo sagrado representa uma descontinuidade em relação ao primeiro, é ontológico: não muda nem se esgota. É a partir desta perspectiva sobre o tempo que a autora distingue o homem religioso do não religioso. O primeiro busca viver no âmbito do sagrado, se constituindo em uma existência aberta, o qual permite transcender-se, tendo em vista que ele vive em um plano duplo entre a própria existência humana e a vida trans-humana ligada ao cosmo e ao divino. O homem religioso é um homem primitivo. Entretanto, denominá-lo dessa forma, como aponta Cassirer (1977), é dizer que a mentalidade primitiva não é a sua lógica, mas o seu sentimento geral da vida, uma vez que ele não vê a natureza com os olhos do naturalista que deseja classificar as coisas com a finalidade de satisfazer uma curiosidade intelectual, nem tampouco se acerca dela com o interesse puramente pragmático – ou técnico: “sua visão da natureza não é meramente prática; é simpática” (CASSIRER, 1977, p. 135).

Já o homem não religioso não busca a eternidade, pois vive sempre o presente, o tempo histórico. Chamado também por Eliade (1992) de homem moderno, este dessacralizou o mundo em que vive, tendo em vista que nega a transcendência e aceita a relatividade da realidade, uma vez que assumiu uma nova existência reconhecendo-se como único sujeito e agente da história.

Portanto, pode-se dizer que para o homem religioso o tempo pode ser dividido entre o que é sagrado e profano. O tempo sagrado fornece ao mesmo algo transcendental, o contato com questões divinas, ao passo que o tempo profano pode ser entendido como o tempo cotidiano, onde ocorrerem coisas que são privadas de significados religiosos. Como caracteriza Eliade (1992, p. 314),

Todo o tempo, qualquer que ele seja, se abre para um tempo sagrado ou, por outras palavras, pode reavaliar aquilo que chegaríamos, em expressão cômoda, o absoluto, quer dizer, o sobrenatural, o sobre-humano, o supra-histórico. [...] o tempo desvenda uma nova dimensão que podemos designar de hierofânica e à qual a duração em si adquire não só uma cadência particular, mas também ‘vocações’ diversas, ‘distintas’ e contraditórias. Evidentemente, esta dimensão hierofânica do tempo pode ser revelada, causada, pelos ritmos cósmicos.

Deste modo, o tempo sagrado revela uma continuidade que só é descontinuado pela intermitência de ciclos profanos que ocorrem no cotidiano.

Já o tempo para o homem não religioso pode ser visto como algo contínuo, tendo em vista que sua percepção está atrelada ao fato de que a vida é algo que pressupõe uma sequência de fatos onde nada se repete. Contudo, o tempo para ele também pode ser visualizado como algo heterogêneo, uma vez que existe o tempo rotineiro em que está inserido o trabalho e demais afazeres que se repetem diariamente e o tempo do lazer, o qual o retira de seu cotidiano.

Ainda que possa existir certa semelhança na ruptura temporal, o que diferencia a concepção de tempo do homem primitivo para o homem moderno diz respeito à concepção que eles possuem nesta heterogeneidade. O primeiro identifica os intervalos sagrados, e dá a eles significativa importância, tendo em vista que este é um momento santificado pelos deuses, e que norteia sua forma de viver, ao passo que o segundo não visualiza estas questões transcendentais, pois percebe o mundo sem rupturas ou mistérios, pois o tempo está ligado diretamente à sua existência.

O ser humano, mesmo sendo ele religioso ou não, é um agente transformador e em transformação, o qual cria e recria espaços atribuindo a eles diferentes significados e sentidos. Retomando o exemplo citado a respeito de minha terra natal, foi erguido em Urucânia um santuário em homenagem à Nossa Senhora das Graças, tendo em vista todo o misticismo envolvido na história de Padre Antônio, o qual se tornou um lugar onde as pessoas têm a oportunidade de vivenciar um maior contato com as questões que estão permeadas por sua fé. São a partir das experiências ali experimentadas que se pode dizer que o santuário pode ser considerado como um espaço vivido, o qual segundo Corrêa (2001, p. 32):

(...) é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento em um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário. O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, rico em simbolismo que vão traduzir em sinais visíveis não só o projeto vital da sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura.

Desta forma, as representações simbólicas desenvolvidas é que determinam o espaço vivido, onde estes símbolos, aqui ligados principalmente à religiosidade, são experimentados pelo sujeito que singularizam o espaço, o transformando em um espaço sagrado. Sendo assim, da mesma forma em que ocorre a divisão do tempo, têm-se também uma heterogeneidade no que diz respeito aos espaços para o homem religioso, tendo em vista que definir um espaço tido como sagrado o possibilita ter ali um ponto de referência, que o permite minimizar, ou até mesmo descartar o fato de se viver em um mundo que também pode ser visualizado como profano. “O templo constitui por assim dizer, uma ‘abertura’ para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses” (ELIADE, 1992, p. 30).

Em contraste, para o homem não religioso o espaço pode ser entendido como homogêneo e neutro em que nenhuma interrupção é capaz de diferenciar qualitativamente o seu cotidiano. Entretanto, pois mais que se julgue determinada existência profana, ela não está abdicada completamente de uma conduta religiosa, tendo em vista que existem valores que de alguma forma retomam a não homogeneidade da experiência religiosa em relação ao espaço. Ou seja, todos possuem locais tidos como *sui generis* que remetem a uma significação diferenciada dos demais, como determinada paisagem que marcou algum acontecimento, uma cidade visitada que remete boas experiências ou mesmo a universidade em que se alcançou algum título. Desta forma todos estes locais podem remeter a uma experiência singular, o remetendo a uma experiência diferente daquela em que está inserida na sua vida cotidiana – da mesma forma em que os lugares sagrados remetem ao homem religioso – se tornando uma espécie de lugar sagrado para o universo particular deste indivíduo.

Tendo em vista tais pressupostos, é possível afirmar que sagrado e profano fazem parte do mesmo processo, pois embora se tratem de momentos distintos, para que o sagrado se manifeste é necessário que o profano esteja inserido no processo haja vista que um faz oposição ao outro. Sendo assim, a seguir apresento discussões a respeito das possíveis relações entre o lazer e a religião partindo do pressuposto que mesmo que a primeira possa determinar como o segundo será realizado, muitas vezes um se contrapõe ao outro.

2.1 Apontamentos sobre Lazer e Religião

A religião acompanha o homem desde os seus primórdios. Até mesmo entre as culturas mais antigas é possível encontrar evidências que remetam a adoração de um povo a um ser superior, como é o caso dos deuses gregos e das representações mitológicas do antigo Egito. A experiência religiosa é um fato comum a todos os povos, idades e civilizações, e essa, marca profundamente a história desses, bem antes do aparecimento das religiões universais e das religiões salvacionistas (REEBER, 2002).

É certo que diferentes religiões incutem diferentes atitudes. Neste contexto, cada uma tem sua forma de interpretar deuses ou demônios, e até mesmo em certos casos uma mesma religião, ou certa divindade pode suscitar distintas formas de pensar e agir. O traço comum é a busca por algo superior, que ofereça formas de entender o universo, propiciando aos seus fiéis formas de relação e orientação moral, tendo em vista que “todas as principais religiões do mundo oferecem aos seus seguidores códigos da conduta correta, encorajando-os a viver da maneira ensinada pelos fundadores e pelos profetas da religião” (TILGHMAN, 1994, p. 151).

A própria etimologia da palavra religião deriva do verbo religar, ou seja, ligar novamente, atar algo, assim faz alusão ao sentido de religar os seres humanos entre si, ao religá-los todos com a Divindade (GONDIM, 1998).

O cristianismo, mantém com folga, a condição de maior religião do mundo, englobando a Igreja Católica Romana, a Ortodoxa, todas as Evangélicas e o Espiritismo Cristão (OLIVEIRA, 2009). As pessoas desta ordem religiosa acreditam em um só Deus, aquele que criou tudo e todos, sendo também Jesus Cristo uma das bases de sua crença. Utilizam-se da Bíblia como livro sagrado, ainda que com diferentes interpretações. O Cristianismo é basicamente uma religião histórica, pois não se baseia em princípios abstratos, e sim em acontecimentos concretos, em ocorrências históricas reais (SMITH; SCOSS, 2007).

As religiões, em sua maioria, criam os seus lugares sagrados, e suscitam o deslocamento das pessoas até eles. Um exemplo deste deslocamento é o caso da cidade de Meca, que abriga Caaba, primeiro santuário construído para adorar um Deus único, edificada por Ibrahim (Abraão) a pedido de Alá, onde todos os muçulmanos devem ir ao longo da vida (HUSAIN, 2009). Estes deslocamentos em prol do culto a divindades podem ser notados desde muitos milênios, como era o caso dos jogos helênicos, surgidos no século VIII a.C., quando ocorriam na Grécia disputas entre povos por meio dos esportes, e que faziam parte de um festival sagrado em honra dos Deuses (LIMA, 1996).

As análises entre as temáticas lazer e religião podem ser realizadas por meio de diversas perspectivas onde as práticas de tais atividades variam de acordo com o espaço em que estão inseridas. Dessa forma, é provável que as atividades desenvolvidas por um muçulmano no Afeganistão tendam a ser diferentes das realizadas por um católico brasileiro. Neste sentido, Gabriel (2008, p. 80) destaca que

[...] as discussões entre a teoria do lazer e a teologia, principalmente no que diz respeito ao cristianismo, são preponderantes para superar ranços de dogmatismos tradicionais que acabam por impedir uma relação possível entre essas temáticas. Vale destacar a importância que a teoria do lazer e a teologia possuem no afã de encontrar uma nova síntese comprometida com a vida e a serviço da dignidade humana. A religião, entendida tanto em suas práticas formais, quanto em práticas e dinâmicas que venham a caracterizar um movimento religioso (sem necessariamente estarem formalizadas ou institucionalizadas), age de maneira determinante na forma como o lazer se concretiza.

Gomes (2008) destaca que com o advento do cristianismo, as concepções referentes ao tema adquirem novas acepções, uma vez que a religião visou controlar as possíveis tentações que estariam vinculadas ao ócio. O termo lazer muitas vezes é referido em oposição ao tempo de não trabalho. Tendo em vista a moralidade católica, já que o labor possuía conotação de algo

penoso, um sacrifício, uma punição por conta do pecado original, o ócio deveria ser orientado para a busca da paz e purificação da alma, evitando todo tipo de tentação causada pelos prazeres da carne.

Turino (2005) destaca que a Europa medieval, totalmente submetida ao catolicismo possuía praticamente um feriado a cada três dias trabalhados. Porém, a partir da Revolução Industrial, sob a pretensão de separação do Estado da religião, essas pausas, em geral relacionadas a festas religiosas, foram praticamente eliminadas com o advento da Reforma, sendo o tempo destinado a elas preenchido com a produção, cada vez maior, de mercadorias, praticamente duplicando a jornada de trabalho. Desta forma os trabalhadores estavam se “libertando do jugo da Igreja para melhor os submeter ao jugo do trabalho” (LAFARGUE, 2001, p. 40).

Gabriel (2008) aponta que a Reforma Protestante, marcadamente a partir do Século XVI, com suas novas doutrinas buscou conciliar o ideal capitalista com as práticas religiosas, uma vez que o trabalho e o lazer passaram a ser vistos de forma diferente. Os seguidores de João Calvino (1509-1564) enfatizavam uma ética de trabalho disciplinada, preocupando-se com os bens materiais. O trabalho, castigo divino, passou a ser vislumbrado como virtude, ao passo que o ócio como perda de tempo. A partir desta perspectiva, Turino (2005) destaca que essa ética parte do princípio da virtuosidade cristã de apologia ao trabalho e ao sacrifício, confundindo vadiagem com diversão. A partir do fortalecimento da lógica capitalista que classifica a acumulação de bens como o principal objetivo de vida, e a falta de trabalho como uma barreira para essa acumulação, o tempo de lazer passou a ser considerado como desperdício, uma vez que condutas preguiçosas são opostas ao ideal de um “bom” cristão.

Mesmo que em determinado momento a reforma tenha tirado “todos os santos dos céus para abolir suas festas na terra” (LAFARGUE, 2001, p. 160), Parker (1978) destaca que o puritanismo foi um movimento minoritário, pois suas concepções mais extremas quanto ao lazer eram incompatíveis com o grosso da população. Ele ainda afirma que os divertimentos populares permaneceram socialmente funcionais, já que em grande parte da Europa católica a participação da Igreja nessas festividades permaneceu vigorosa. Os feriados ainda eram de alguma forma, dias santos, tendo sido mantido um calendário de feriados religiosos.

A rotina de trabalhos imposta na lógica industrial levava inúmeros trabalhadores ao esgotamento de suas forças, tendo em vista as longas jornadas laborais. Além disso, Lafargue (2001, p. 84) afirma que

é preciso que o proletariado pisoteie os preconceitos da moral cristã, econômica e livre-pensadora; é preciso que volte a seus instintos naturais, que proclame o Direito à preguiça, mil vezes mais nobres e mais sagrados que os tísicos Direitos do Homem, arquitetados pelos advogados metafísicos da revolução burguesa. É preciso que ele se obrigue a não trabalhar mais que três horas por dia, não fazendo mais nada, só festejando, pelo resto do dia e da noite.

É a partir desse entendimento que se pode encontrar a experiência do ócio confundida, já no Brasil, como vagabundagem, o vício, a delinquência e a criminalidade, onde tal movimento promovia mudanças nas relações de trabalho e diversão, bem como alterações profundas nos estilos de vida, hábitos, comportamentos, significados culturais, implicando sobre a configuração do ócio uma atividade presente na vida cotidiana (MARCASSA, 2004).

Do ponto de vista de Parker (1978), há algum tempo tem havido tentativas de reconciliar o espírito lúdico e o lazer com a religião, tendo em vista primeiramente que ambos têm a possibilidade de serem sérios e imbuídos de ideais de perfeição. Em segundo lugar que os dois relacionam-se ao espaço físico, que é finito, mas não ilimitados na imaginação. E, por fim que tanto o sagrado quanto o “faz-de-conta” são simbólicos, fazendo uso de cerimoniais, vestimentas e linguagem especiais. Levando em consideração estes aspectos, é possível afirmar que lazer e religião, mesmo que em alguns momentos possam se repelir, eles se assemelham e até mesmo se completam em diversos outros.

Por sua vez, Parker (1978) apresenta algumas afinidades entre os temas aqui estudados. O autor inicialmente expõe o desejo de ambos, o lazer e a religião, em oferecer realização e bem-estar aos seus praticantes. Desta forma, é possível destacar que o lazer, principalmente na atualidade, tem se preocupado cada vez mais com o desenvolvimento humano. Somando a isto, Silva (2004) se refere ao termo, enquanto percebido como parte da qualidade de vida, como de suma importância para o equilíbrio em todos os sentidos, além de ser um fator importante para a construção da cidadania. Do mesmo modo, a religião oferece aos seus fiéis momentos de reflexão, cumplicidade, equilíbrio e condescendência social, o que acaba por estimular um sentimento de gratidão e companheirismo entre as pessoas.

Outro tema abordado por Parker (1978) diz respeito às esferas que oferecem oportunidades para o exercício do livre arbítrio e para a expressão de nossos desejos íntimos. Por certo, umas das principais discussões centrais no que se refere aos estudos do lazer se refere à livre possibilidade de escolha do indivíduo. Dumazedir (1973, p. 34) caracteriza o lazer como um

... conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver

sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembarcar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Dessa forma, é possível entender que, para a concretização do lazer, é necessário que a atividade desenvolvida seja realizada livremente de obrigações e de acordo com a vontade própria do seu executor. Mesmo que em determinados momentos históricos o lazer não tenha se desenvolvido por meio da vontade própria de seu praticante, sendo influenciado muitas vezes por questões voltadas à igreja, na esfera religiosa o livre arbítrio responsabiliza o homem por seus atos, sejam eles voltados para o bem ou para o mal. Herrero (2006, p. 65) destaca que

o livre arbítrio (do indivíduo), para se propor fins com base em interesses e valores pressupostos hipoteticamente; a livre decisão (do membro de uma comunidade), na qual se cruzam os papéis de participante no discurso e de membro de uma comunidade histórica; e a vontade livre ou autônoma, na qual os participantes agem segundo leis que eles mesmo se dão.

Assim, pode-se visualizar que tanto a religião quanto o lazer evidenciam o sujeito como expressão dos desejos íntimos reconhecendo as necessidades individuais de cada um, em que cada pessoa é sua própria autoridade, mesmo que ambos possam estar inseridos em contextos que possam influenciar a liberdade de escolha de cada um.

Parker (1978, p. 130) ainda descreve mais um aspecto referente à semelhança entre lazer e religião no que se refere à compreensão do que seja re-criação (recreação). “Com ‘recreação’, queremos dizer restaurar, reestabelecer, retornar a um estado original ou ideal: recriar”. Desta forma, tal termo muitas vezes é utilizado como sinônimo de lazer, uma vez que, entre outros motivos, o mesmo visa propiciar aos seus praticantes a “fuga de tensões e ao esquecimento dos problemas que permeiam a vida cotidiana” (GOMES, 2008, p. 9). A religião também se insere neste mesmo sentido, uma vez que interpreta a vida, e apresenta caminhos para uma vida melhor, tendo em vista que “a Bíblia, com suas narrativas, orações, visões e oráculos faz parte de um processo de recriação religiosa no mundo das grandes metrópoles” (NOGUEIRA, 1999, p. 29).

Mais uma questão bordada por Parker (1978, p. 130) diz respeito às prescrições religiosas para o lazer, uma vez que “as religiões estabelecidas também podem exercer uma influência restritiva nas formas pelas quais o público em geral usa o seu lazer”. Como já apontado, em épocas mais distantes, o lazer era fortemente influenciado por questões religiosas. Mesmo que nos dias atuais tais influências sejam menores que no passado, tais aspectos não podem ser negligenciar. Em adição, Melo (2003, p. 64) destaca que

a religião tem grande importância e influência na vivência dos momentos de lazer, não só devido ao tempo que ocupa (muitas vezes as cerimônias são realizadas em finais de semana e feriados), mas também devido à própria natureza das diferentes religiões, que encaminham e estimulam diferenciadas formas permitidas de “diversão”.

Tendo em vista as possíveis influências exercidas pela religião nas perspectivas de lazer, é importante destacar as diversas ações que vem sendo criadas pelas instituições religiosas que visam o divertimento de seus fiéis. Mariano (1999, p. 195) ao estudar o pentecostalismo no Brasil destaca que visando um maior controle das ações de seus fiéis, e para afastar os crentes dos perigos mundanos, é preciso ocupar o seu tempo livre com as atividades da igreja e restringindo sua vida associativa aos irmãos de fé. O autor acrescenta também demonstrando que

Além da música, desenvolvem práticas esportivas (jogos de vôlei; a Universal, fundada e liderada por um botafoguense, promove até campeonatos de futebol), gincanas, acampamentos, grupos de teatro, cafés da manhã, almoços, chás, jantares, festa de aniversário de fiéis e da igreja.

Além disso, Parker (1978, p. 135) demonstra que “a competição entre as atividades religiosas e outras maneiras de ocupar o tempo numa sociedade carente de tempo e orientada para o consumo leva-nos à proposição de que a própria religião pode ser uma forma de atividade de lazer”. Em adição, Marcellino (2002) afirma que o pensamento católico tradicional reduz o lazer a mero complemento ou compensação do trabalho estafante. Porém diversas correntes surgidas por pensadores católicos, e pela própria atuação da Igreja como instituição, quebraram a unidade e matizaram o pensamento tradicional, incorporando e analisando os comportamentos gerados no lazer. Desta forma, a igreja, como parte da sociedade, vem assumindo valores de tal atividade, o que não significa, ausência de reservas e até mesmo oposição a eles.

Assim, é possível identificar práticas de lazer inseridas em diversas esferas religiosas, bem como o inverso também é possível, uma vez que ambos abarcam em si múltiplos aspectos que não podem ser negligenciados. Além de todos os pontos abordados até o momento, deve-se destacar o legado que a religião deixa para a prática do lazer que vão desde espaços, até práticas, como as festividades que serão expostas mais à frente.

2.2 Lazer, Cidade e Festa

Durante minha vivência acadêmica no período de graduação, tive a oportunidade de participar de um projeto da universidade, o qual visava preparar famílias de pequenos distritos da cidade de Diamantina para receberem turistas em suas residências. Neste processo tive a oportunidade de visitar diversos lugares do entorno do município, alguns onde residiam no máximo cinco ou seis famílias.

Foi enquanto pensava no que escrever neste capítulo, que me recordei de uma história contada por uma senhora que conheci enquanto realizava pesquisas de campo em uma dessas pequenas localidades. Já de idade avançada, ela vivia apenas com seu marido em uma casa simples, na qual criou seus cinco filhos. Tendo em vista as poucas perspectivas que o local oferece, todos os seus filhos se mudaram para a capital mineira em busca de melhores condições de vida.

Dado momento de nossa conversa, indaguei a mulher se ela não se sentia sozinha naquele lugar, tendo em vista que viviam apenas ela e o esposo. Para minha surpresa ela disse que não, pelo contrário, acrescentou que havia se sentido isolada quando foi viver com sua filha mais nova. Estranhando tal afirmativa, pedi para que ela me explicasse melhor o que havia me dito, pois tinha em mente que tendo maior contato com sua família, e vivendo em um lugar onde havia mais pessoas ao redor, teria uma melhor sociabilidade. Então a senhora me explicou que sua filha vivia em uma área de subúrbio da capital, onde mal havia condições básicas de sobrevivência, e que apesar de seus filhos viverem próximos uns dos outros, era difícil o encontro, tendo em vista que a rotina de trabalho os obrigava a sair bem de manhã e quando retornavam, esgotados, já era noite. E disse também que o contato com os vizinhos era praticamente nulo. Foi aí que percebi que apesar desta senhora viver em um lugar com uma densidade populacional significativamente baixa, e apesar de estar vivendo longe dos seus filhos, ali a vida em comunidade propiciava a moradora um sentimento de bem estar.

Atualmente os grandes centros urbanos tem se destacado pela sua grande densidade populacional, econômica e cultural inerente ao cotidiano. Sendo assim, as cidades encastelam diversas limitações e recursos possibilitando a segregação, afugentamento e atração de indivíduos, os quais vivem de acordo com a lógica imposta a eles. Neste sentido, os indivíduos prescindem a importância dos espaços e de tempos livres como é o caso do lazer, contribuindo para que as cidades se tornem cada vez mais espaços desumanizados.

Mesmo antes de ter um maior contato com as perspectivas do lazer, sempre vislumbrei as possibilidades que ele oferece, bem como a importância dele estar inserido em nosso cotidiano. Uma definição para este termo ainda não é bem estabelecida, tendo em vista que este é um fenômeno dinâmico que se altera de acordo com a posição tomada por diferentes autores.

Muitos dos valores relacionados a esta temática estão ligados ao trabalho, e a uma ética cristã, onde o mesmo ganha uma conotação negativa como uma atividade de ociosidade, perda de tempo, e desvirtuação de valores morais.

Entretanto estudos mais recentes acerca do tema denotam outro sentido, atribuindo a ele aspectos positivos ao se referirem ao mesmo como possibilidade na melhoria da qualidade de vida, desenvolvimento pessoal, descanso, dentre outras questões. Frente ao desenvolvimento de estudos científicos da temática, o lazer tem sido cada vez mais valorizado pelo homem, como se pode comprovar pelo avanço nas publicações, grupos de estudos e congressos que enfatizam sua importância, e que o referem como um estudo interdisciplinar abrangendo diversas áreas como o Turismo, Economia, Educação Física, entre outras.

Tido por alguns autores como fruto da era da industrialização em meados do Século XX, o lazer é considerado por muitos autores obra da modernidade, criado pela civilização industrial. Uma vez que o relógio foi introduzido na jornada de trabalho fabril, o ritmo de trabalho deixa de ser pessoal e passa a ser cronometrado. À medida que os trabalhadores reivindicam melhorias no campo do trabalho, foram adquirindo maior tempo livre como o descanso semanal e férias (ARANHA, 2003).

Com o passar do tempo, o lazer foi adquirindo mais espaço na sociedade moderna, conquistando características próprias até o ponto de atualmente ser considerado como um direito social assegurado pela Constituição Federal brasileira, passando a ser encarado como de fundamental importância para a vida dos indivíduos. Devido a esta relação direta com o tempo de não trabalho, alguns autores determinam que para que uma atividade possa ser considerada lazer, a mesma deve estar desvinculada da rotina trabalhista. Porém, para este trabalho, o termo será encarado como uma

necessidade humana e dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. Assim o lazer é constituído na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social. Juntos, esses elementos configuram as condições materiais e simbólicas, subjetivas e objetivas que podem- ou não- fazer do lazer um potente aliado no processo de transformação de nossas sociedades, tornando-as mais humanas e inclusivas (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 82).

Desta forma, é possível visualizar o lazer não ligado apenas ao tempo livre, mas a diversas práticas culturais, o qual possibilita o desenvolvimento do ser humano por meio de uma melhor qualidade de vida. Mesmo que para muitos o lazer seja reduzido a apenas as atividades realizadas em detrimento da recreação, divertimento, ócio, entretenimento e relaxamento, ele “não pode ser entendido apenas como um simples assimilador de tensões ou

alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais” (MARCELLINO, 2002, p. 16).

Assim, é necessário assimilar o lazer além do que se refere às atividades que ele tem a oferecer. Nesta perspectiva, é preciso que seja desenvolvido um lazer que possibilite atividades que estimulem a coletividade em detrimento do individualismo onde as pessoas possam desenvolver sua solidariedade. Em complemento, Mascarenhas (2005, p. 250) destaca que é preciso que seja desenvolvido um lazer que tenha como

objeto central de preocupação a educação, sempre buscando proporcionar meios e condições aos sujeitos que de seu exercício tomam parte para refletirem sobre suas condições de vida e sobre a sociedade mais ampla na qual estão inseridos, possibilitando-lhes não só o acesso, mas o entendimento do lazer como manifestação de uma cultura e como possível instrumento de ligação com sua realidade. [...]. E mais, preconiza a noção de direitos e deveres, incentivando a participação para a tomada de decisões que correspondem à organização de uma dada coletividade, procurando garantir a reflexão acerca das relações de poder e do significado das regras e valores necessários à convivência comum, desmistificando o subjetivismo axiológico que cerca a ideia de lazer como fazer o que se quer, entendendo a liberdade, que deve ser inerente à sua prática, como consciência da necessidade.

O lazer deve ser vislumbrado como uma atividade que, além das suas características de diversão e entretenimento, também possa possibilitar uma melhor educação por meio do aprendizado e desenvolvimento pessoal. Nesta perspectiva, Muller (2002, p. 25-26) destaca que o espaço dedicado ao lazer tem uma importância social, uma vez que ele é um espaço de convívio onde pode acontecer a tomada de consciência, o despertar da pessoa para descobrir que os espaços urbanos equipados, conservados e fundamentalmente animados para o lazer são indispensáveis para uma vida melhor para todos.

Quando se fala em espaços urbanos voltados para a prática do lazer, tem-se uma discussão ampla no que se refere à ausência de equipamentos e infraestrutura, além das questões econômicas que muitas vezes são impostas sobre estas práticas. A respeito de tal problemática Krippendorf (2003, p. 37) destaca que “as cidades não se preocupam muito com o lazer nem com as necessidades de relaxamento de seus habitantes. A maioria são cidades de trabalho incompatíveis com uma vida plena”.

Portanto, a oferta democrática do espaço deve ser realizada no sentido do mesmo estar disponível para o atendimento da população de maneira contínua e eximida de barreiras que possam impedir o livre acesso das pessoas de qualquer ordem. Além da melhoria nas condições de acesso das pessoas, está incluso nesse processo de democracia ensinar os indivíduos usufruir e se sentirem pertencentes a estes espaços. Do mesmo modo, Gomes (2004, p. 124) caracteriza o espaço como um “lugar que vai além do espaço físico por ser um ‘local’ dos quais os sujeitos

se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com os outros e com o mundo). E de convívio social para o lazer”.

É fato que as pessoas com maior poder de compra são as que mais se beneficiam com os espaços voltados para o lazer, tendo em vista que os melhores ambientes urbanos voltados para tal fim, em geral, estão localizados em bairros de classe alta⁷. Somado a isto, como expõe Marcellino (2002), cada vez mais as camadas menos favorecidas da população estão sendo expulsas para a periferia, tendo como resultado o afastamento dos serviços e dos equipamentos específicos justamente das pessoas que não podem contar com condições mínimas para a prática do lazer para quem o transporte adicional, além de economicamente inviável é muito desgastante.

Neste sentido, é fundamental que as cidades sejam mais igualitárias, possibilitado que todos possam ter o livre acesso ao lazer, cultura, bens e serviços. Ainda na visão de Marcellino (2002, p. 25) “democratizar o lazer significa democratizar o espaço. E se o assunto for colocado em termos da vida diária, do cotidiano das pessoas, não há como fugir do fato: o espaço para o lazer é o espaço urbano”. Assim, para que possa haver o lazer, se faz necessário que, durante o tempo livre, também deva existir um espaço acessível.

Muitos dos locais destinados para tais atividades passaram a ser vislumbrados pelos investidores como possibilidades de faturamento, fazendo com que as mesmas se tornem mercadorias de venda. Atualmente existem diversos produtos destinados à cultura de massa⁸, em que cada vez mais é possível encontrar pelas cidades, locais onde essas mercadorias são compradas como lazer como é o caso, por exemplo, nos *shopping centers*. A questão da privatização do espaço caracterizada pela comercialização do lazer pode provocar conflitos no meio em que está inserido, como destaca Cortés (2008 p. 98) ao afirmar que “o consumo produz uma série de signos – diferenciação, posição social e prestígio – que estabelecem uma

⁷ Sobre classes, adota-se o conceito elaborado por Lênin (s.d., p. 504), o qual afirma que “chamam-se classes a grandes grupos de homens que se diferenciam pelo seu lugar no sistema historicamente determinado de produção social, pela sua relação (na maioria dos casos confirmada e precisada nas leis) com os meios de produção, pelo seu papel na organização social de trabalho e, por conseguinte, pelos meios de obtenção e pelo volume da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos de homens em que uns podem apropriar-se do trabalho dos outros graças à diferença do lugar que ocupam num sistema da economia social”. Tendo como base tal definição, considero como sendo classe alta aquela formada por pessoas com baixo grau de vulnerabilidade, ou seja, com uma mínima possibilidade de se tornarem pobres no futuro imediato.

⁸ Segundo Morin (1969), a expressão ‘cultura de massa’, ou ‘indústria cultural’ é aquela criada com o objetivo de atingir a massa popular, maioria no interior de uma população, transcendendo, assim, toda e qualquer distinção de natureza social, étnica, etária, sexual ou psíquica. Esta foi uma elaboração do completo industrial, um produto definido, padronizado, pronto para o consumo.

troca simbólica que vai muito além da troca e do uso, do valor e da equivalência, para se converter também, em um dispositivo hipnótico de controle social”.

Por sua vez, bens materiais e simbólicos, e serviços voltados para tais fins são cada vez mais transformados em objetos a serem comprados. Na visão de Sassen (2000, p. 20), “há muito a cidade deixou de ser basicamente um espaço público, neutro, sem querer chamar atenção. A própria cidade é um produto a ser vendido para o desenvolvimento de atividades lucrativas”.

Tendo o espaço urbano como perspectiva, Lefebvre (2008, p. 12) acrescenta que

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem, além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro).

A partir desta perspectiva, é possível afirmar que a as festividades também fazem da cidade um lugar de consumo onde ocorre a circulação de capital.

Por falar em festa, tamanha é a importância de tal atividade no Brasil, que existe um dito popular inserido na sociedade em que as pessoas costumam dizer que “no Brasil o ano só começa depois do carnaval”. De certa forma creio que existe fundamento nesta afirmação, tendo em vista que tal espaço de tempo, muitas vezes é tido como um período em que grandes ações ou decisões não são realizadas, como é o caso de muitas escolas e universidades que esperam o encerramento da folia para que possam iniciar suas atividades.

Se melhor for analisado, é possível perceber que em dezembro a rotina das de muitas pessoas do país é alterada, tendo em vista a mobilização feita para realização das comemorações natalinas, onde tais indivíduos se voltam para tal, decorando as casas e ruas, comprando presentes a serem partilhados e preparando os alimentos para a ceia. Logo que as comemorações do nascimento de Jesus Cristo se encerram, as pessoas já começam a se preparar para festejar a vinda de um ano novo. Tamanha é a mobilização para o evento, que grande parte das cidades brasileiras promove festas públicas, além da cidade do Rio de Janeiro ser detentora de um dos maiores *réveillons* do mundo, em que anualmente mais de dois milhões de pessoas lotam a praia de Copacabana.

Passado o período de comemorações, iniciam-se as aulas, alguns trabalhadores retornam de suas férias, acabam-se os recessos, porém quarenta dias após o fim das comemorações carnavalescas, muitos iniciam as festividades realizadas em prol da Semana Santa. Paralelo a isso, o país celebra diversas datas, como é o caso do dia primeiro de maio onde é festejado o dia do trabalhador, o dia Sete de Setembro com as solenidades em prol do dia em que o Brasil

se tornou independente, dentre outras tantas. Em adição, cada cidade possui comemorações específicas, como são os casos das festas de padroeiros, comemorações de aniversários do município, dentre inúmeras celebrações inerentes à cultura popular local.

A respeito da festa, Rosa (2002, p. 12), destaca sobre o tema:

a festa (celebração, fruição, diversão, evento, espetáculo, brincadeira, investimento, exaltação, trabalho filantrópico e econômico), uma das manifestações das culturas dos povos, é tempo e espaço para expressão, rebeldia, devoção, manifestação, reivindicação, oração etc.

É a partir dos pressupostos apontados pela autora que serão apresentadas as premissas referentes à festa, uma vez que a mesma está entremeada por inúmeras questões referentes à vida do indivíduo, e que ela muitas vezes é a responsável por dinamizar a vida humana.

Mesmo sendo a festa realizada por diversas pessoas, têm-se o indivíduo como personagem central da mesma. Desta forma, pode-se dizer que “a festa pode, assim, ser descoberta por diferentes caminhos ou olhares, como o do folião, do morador do local onde ela acontece, do administrador, do pesquisador ou do turista” (ROSA, 2002, p. 12). Cada ponto de vista pode revelar e suscitar diferentes significados, uma vez que ele representa valores e princípios referentes ao contexto sociocultural no qual as pessoas estão inseridas.

Mesmo que tais significações surjam a partir de uma individualidade, não se pode negligenciar o caráter agregador que uma festa possui. Assim é possível evidenciá-la como um intenso organismo de interação uma vez que ela “é o espaço por excelência de reunião social, de assembleia coletiva e de socialidade” (PEREZ, 2011, p. 45). Portanto as festas são capazes de oferecer certa interação social por meio da partilha cultural e formas de sociabilidade que permitem aos envolvidos diversos arranjos de comunicação e estreitamento de laços sociais.

Ainda sobre a festa, é possível afirmar que a mesma está inerente ao lúdico, sendo percebidas como momentos transcendentais que proporcionam bem estar aos indivíduos por meio de atividades prazerosas fruídas por momentos de descontração como o ato de comer, beber, dançar, rir, situações de alegria, dentre outros. Neste sentido, Rosa (2007, p. 197) apresenta algumas atividades pertinentes à temática festiva como

(...) planejamento, programação, organização, e estruturação, que proporcionam divertimento, prazer, trabalho, protesto, comemoração, devoção, euforia, transgressão, reinvenção, excesso, criatividade e alegria: elementos que não se apresentam isolados ou em oposição, mas em tensão permanente, por ser a festa um tempo/espaço de ambiguidades.

Tendo em vista tais características pertinentes à festa, é possível identificar uma ruptura com o cotidiano que muitas pessoas adquirem durante a realização de um festejo, certo descumprimento da rotina imposta pela vida. Duvignaud (1983) afirma que festa é ruptura, poder subversivo, negador, onde nela o ser humano tem a capacidade de se libertar de si mesmo e de enfrentar uma diferença radical no encontro com o universo sem leis e nem forma que é a natureza. Portanto pode-se dizer que “as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito” (DURKHEIM, 1996, p. 418), ou seja, “um festival é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição” (FREUD, 1974, p. 168).

Pensar em festa no contexto brasileiro, têm-se que levar em consideração também as festas religiosas aqui realizadas, uma vez que ela está presente em toda territorialidade nacional. Neste sentido Durkheim (1996, p. 417) destaca que “toda festa mesmo que puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio que não é desprovido de parentesco com estado religioso. Para falar de festa e religião, principalmente no contexto brasileiro, é preciso retomar, ainda que rapidamente, a história local, pois a construção da identidade festiva nacional perpassa pela e multiplicidade dos seus significados transmitidos ao longo dos anos.

O catolicismo tradicional foi inicialmente imposto com a chegada dos portugueses, e que com o passar dos anos se adaptou e se transformou no catolicismo popular brasileiro. Steil (1997, p. 97) define esta forma de catolicismo como:

Um conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas e partilhadas por um número significativo de católicos que mantém uma independência relativa da hierarquia eclesiástica e dos quadros intelectuais a elas ligados. De um ponto de vista subjetivo, podemos entendê-lo como uma maneira religiosa peculiar de um grupo ou indivíduo viver a sua fé. Num sentido objetivo, trata-se de um sistema religioso centrado no culto aos santos, compreendido dentro de uma lógica contratual de relações interpessoais, e mantido por um corpo difuso de agentes religiosos leigos.

Desta forma, pode-se dizer que este catolicismo desenvolveu-se por meio de suas festas e tradições onde o distanciamento da Igreja institucional em relação ao cotidiano dos seus fiéis, era suprido pelas irmandades e ordens terceiras. Devido a esse distanciamento com a autoridade papal e a ausência de padres, o catolicismo no Brasil assumiu características distintas da Igreja Católica europeia. Neste sentido, o culto aos santos envolvia a realização de grandes festas com eleições de reis, músicas, banquetes e danças.

Dada a liberdade que as pessoas possuíam na realização de suas celebrações, pode-se dizer que

na cultura religiosa colonial, as festas eram utilizadas pela população para diversos fins. Entre os negros associados em irmandades, elas serviam, entre outras funções, para celebrar uma vivência devocional no espaço de suas associações religiosas e ser uma referência para a (re)construção das relações de poder e de identidades dentro e fora de tal espaço. Ao mesmo tempo, elas também lhes serviam como momento de lazer; uma brecha ou pausa momentânea nas relações de trabalho e da vida cotidiana (EUGÊNIO, 2010, p. 67).

Assim, pode-se dizer que as festas religiosas do período colonial brasileiro, com diversas características relativas ao sagrado e ao profano, eram caracterizadas por ser um ritual público que tinha papel tanto de reforçar os laços de solidariedade entre os fiéis, quanto o de fornecer um espaço de lazer e diversão para as pessoas. Como exemplo, as festas realizadas pelas irmandades negras podiam conter simultaneamente procissão religiosa católica, tambores, danças e cantos africanos (BOTELHO; REIS, 2001).

A religião era o núcleo firme da convivência, foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir (WERNET, 1987, p. 24-25).

São essas questões do sincretismo religioso e da liberdade de escolha das irmandades que determinaram o caráter peculiar de grande parte dos festejos brasileiros. Deve-se levar em conta também que “as festas barrocas renascentistas, de que as festas monárquicas são a expressão saliente, representam a ritualização espetacular do exercício do poder” (PEREZ, 2011, p. 25). Desta forma, muitas festas hierarquizavam os lugares sociais exaltando uns e excluindo outros. Sendo assim, cada irmandade queria demonstrar seu poder e influência por meio das mais belas e pomposas festas.

Elas mesclavam diversos rituais que iam desde missas, novenas e procissões à banquetes, danças e fogos de artifício. Tinhorão (2000, p. 8) destaca que “os dias santificados, domingos e os dias dos santos padroeiros da cidade, da vila e da freguesia, o resultado era que as festividades promovidas pela Igreja Católica totalizavam um terço do ano”.

Uma parcela significativa das festas religiosas realizadas na atualidade, principalmente nas que é possível vincular os aspectos lúdicos das mesmas, é de espólio colonial ou do

catolicismo popular. Por isso além de se constituírem um importante referencial da fé, possuem elementos voltados para a sociabilidade e divertimento das pessoas que delas participam.

Devido a esta herança histórica e artística, muitas festas religiosas brasileiras são consideradas um importante fenômeno cultural, como é o caso do Círio de Nazaré que atualmente foi reconhecido pelo IPHAN como patrimônio cultural e imaterial do povo brasileiro. Estas celebrações estabelecem diversos elementos em sua temática como expressões artísticas, culinária, artes visuais, danças e cantos que, como afirma Ferretti (1995) não atraem somente devotos, mas também pessoas que não professam da fé que ali se apresenta, mas que visualizam uma oportunidade de conhecer ou de até mesmo se apropriar de alguns elementos culturais ali presentes.

3 DIAMANTINA

Para que pudesse compreender acerca das perspectivas que envolvem Diamantina, foi necessário encará-la além de um olhar superficial. Neste sentido, por mais que uma cidade possa aparentar ser um amontoado de prédios e estabelecimentos em um determinado espaço geográfico por onde as pessoas circulam e desenvolvem suas necessidades, foi preciso voltar o olhar no sentido de encará-la como um espaço complexo, dotado de histórias e identidades, caos e quietudes onde existe “um sistema multidimensional de atores articulados pelo cotidiano, hierarquizado pelo poder que alguém detém (ou pode vir a deter), vivendo em tempos e espaços comuns” (FISCHER, 1997, p. 75).

Desta forma, corroboro com as ideias de Calvino (1995, p. 310) quando afirma que:

Para ver uma cidade não basta ter os olhos abertos. Antes de mais nada é preciso ver tudo aquilo que impede ver, todas as ideias recebidas, as imagens pré-constituídas, que continuam ocupando o campo visual e a capacidade de compreender. Em seguida é preciso simplificar, reduzir ao essencial a enorme quantidade de elementos que a cada segundo a cidade põe diante dos olhos de quem a observa, e juntar os fragmentos espalhados em um desenho analítico e ao mesmo tempo unitário, como o diagrama de uma máquina pelo qual se possa entender como funciona.

O autor ainda acrescenta que, mesmo lento ou rápido, todo movimento em um curso na sociedade deforma ou readapta – ou degrada irreparavelmente – o tecido urbano, sua topografia, sua sociologia, sua cultura institucional e sua cultura de massa em que um olhar mais atento é capaz de desvendar uma cidade ainda inédita, a ser definida. Levando em conta as diversas particularidades que se possa encontrar em Diamantina, adotar esta postura frente à cidade se torna necessário para que se possa constituir uma perspectiva sobre o que a ela tem a nos apresentar.

Neste capítulo, ainda que rapidamente, julgo de fundamental importância abarcar questões pertinentes à história da cidade de Diamantina, tendo em vista que muito do que a cidade apresenta atualmente é determinado pelo processo histórico pelo qual a mesma passou. Seja por sua configuração espacial, formas de lidar com o espaço, ou mesmo suas tradições culturais refletem o desembolar de uma temática que vêm se construindo ao longo de diversos anos, pois como aponta Abreu (1997), para melhor compreensão do espaço não basta apenas desvendar apenas as suas múltiplas dimensões contemporâneas, deve-se também investigar acerca do processo histórico do qual faz parte, pois aí estão, muitas vezes, os segredos de sua interpretação.

Também destaco que o principal objeto de estudo deste trabalho, a Festa do Divino Espírito Santo, se iniciou ainda na Diamantina Colonial, e traz consigo muitas características do Brasil Imperial, e da religiosidade barroca imposta em toda Minas Gerais. Deve-se dar atenção também que tal objeto se trata de um objeto fixo, está em movimento, o qual é construído ano a ano, estando sempre em vias de se transformar. Ainda sobre este aspecto, Santos (2008, p. 103-104) aponta que

A história é sem fim, está sempre se refazendo. O que hoje aparece como resultado é também um processo; um resultado hoje é, também, um processo que amanhã vai tornar-se uma outra situação. O processo é o permanente devir. Somente se pudéssemos parar a história é que teríamos um estado, uma situação permanente. Toda situação é, do ponto de vista estático, um resultado, e do ponto de vista dinâmico um processo. Numa situação em movimento, os atores não têm o mesmo ritmo, movem-se segundo ritmos diversos. Portanto, se tornarmos apenas um momento, perderemos a noção do todo em movimento. Os cortes no tempo nos dão situações em um determinado momento. Não captam o movimento, são apenas uma fotografia. Já o movimento é diacrônico, e sem isso não há história. Não haveria dialética se o movimento dos elementos se desse de maneira sincrônica.

Levo em conta ainda, os apontamentos feitos por Moraes (2002) ao dizer que a colonização expressa, muitas vezes momentos de ação da sociedade sobre o espaço em que por meio do capital fixado no território colonial formam-se as bases de movimentos econômicos, e que ela pode ser equacionada como um processo de valorização do espaço, com suas modalidades de relação. Sendo assim, o que hoje se tem em Diamantina, simboliza a própria interação da sociedade local sobre o espaço e suas tradições. Sendo assim, antes de apresentar os resultados das observações realizadas em campo, retomarei, de forma sintetizada, a história da cidade.

3.1 Caminhos Históricos de Diamantina

Inicialmente a ocupação na região onde se localiza a cidade de Diamantina se deu com um grupo orientado por Jerônimo Gouvêa que ao seguir o curso do Rio Jequitinhonha encontrou na confluência do Rio Piruruca e Rio Grande uma vasta quantidade de ouro. Tendo em vista que às margens deste regato eram pantanosas, deram ao local o nome de Tijuco⁹, que de acordo com o vocábulo indígena quer dizer lama (SAINT-HILAIRE 1974). Assim surgia ali um pequeno arraial formado em torno da exploração aurífera onde em meados de 1713 construíram uma capela que homenageava o padroeiro Santo Antônio.

⁹ Alguns autores grafam Tijuco, outros Tejuco.

Mesmo que a fama das lavras de ouro tenha se espalhado, o que fez com que a região passasse a atrair diversas pessoas em busca de riquezas (MACHADO FILHO, 1980), seu desenvolvimento se acentuou a partir da descoberta dos diamantes na região. Santos (1976) acrescenta que não se sabe dizer ao certo quem fora o primeiro descobridor ou mesmo conhecedor dos diamantes naquela localidade. Alguns atribuem a descoberta a Bernardo da Fonseca Lobo, e outros incubem tal responsabilidade a um frade, cujo nome não se declara, que ao ir ao Tijuco depois de estar em Golconda¹⁰, onde já se minerava a pedra preciosa, percebeu que os tentos que serviam de torniquetes para marcar jogos de carta eram fabricados com diamantes.

Santos (1976) ainda destaca que o comunicado da descoberta das jazidas dos diamantes à corte só foi feito no dia 9 de fevereiro de 1730 por meio da carta régia, quando, mesmo após o estranhamento de tal comunicado, o rei de Portugal deu à D. Lourenço de Almeida poderes amplos e ilimitados para regular e controlar a exploração dos diamantes. “Em 1731, o distrito foi demarcado e procurou-se dificultar o acesso às lavras, por meio de altíssimas taxas de capitação¹¹, que eram constantemente elevadas” (FURTADO, 1996).

Desta forma, a mineração determinou uma ordem administrativa especial para o território principalmente após a criação da Intendência dos Diamantes¹² no ano de 1734, quando a exploração da pedra preciosa foi proibida, só sendo permitida novamente no ano de 1739 sob o regime dos contratos¹³. Segundo Santos (1976), o primeiro contrato para exploração dos diamantes, vigorado entre o período de 1º de janeiro de 1740 a 31 de dezembro de 1743, foi o de João Fernandes em sociedade com Francisco Ferreira da Silva. Neste período os contratadores podiam minerar no perímetro demarcado, pagavam duzentos e trinta mil réis por tais atividades, e podiam ter até seiscentos¹⁴ escravos trabalhando nas lavras. Foi nessa fase da

¹⁰ Golconda é uma região da Índia, onde até meados do século XVII, quase todos os diamantes comercializados no mundo tinham origem nas minas deste local.

¹¹ Capitação: imposto sobre o número de escravos utilizados nas lavras.

¹² Segundo Prado Junior (1972), a Intendência dos Diamantes, instalada inicialmente para as regiões que circundavam o Arraial do Tijuco e ampliada depois de cinco anos para abranger os distritos vizinhos, determinava que naquele local ninguém podia se estabelecer, nem ao menos entrar ou sair sem autorização especial do intendente, tendo em vista que ausência de juizes ou tribunais e nenhuma outra autoridade superior dava a ele poderes que iam até o confisco de todos os bens e decretação de morte civil sem forma de processo ou recurso algum. Tudo isso objetivando uma melhor fiscalização da extração e impedimento do descaminho das pedras.

¹³ “Quando as lavras foram reabertas em 1739, passaram a ser monopólio particular de um contratante, ou consórcio de arrematantes, que por concessão privilegiada compravam da Coroa o direito de extração do diamante em todo o território demarcado. Estes contratadores adquiriram uma riqueza incalculável e um poder enorme, sonegando da coroa grande parte do que extraíam, sendo quase impossível iniciá-los seus crimes” (FURTADO 1996, p. 26).

¹⁴ Apesar do controle imposto pela coroa, Machado Filho (1985) aponta que era comum o abuso dos contratadores que chegavam a empregar 4.000 escravizados nas lavras.

história que a população local aumentou significativamente, bem como o comércio se desenvolveu, além da construção de importantes edifícios para a cidade.

O regime de contratos durou até o ano de 1771, quando em agosto a coroa instituiu no Arraial do Tijuco a Real Extração, quando resolveu “assumir a própria extração e comercialização das pedras, alegando que não conseguia impedir as fraudes dos contratadores, controlar a população e, com isto, impedir a garimpagem e o contrabando” (FURTADO, 1996, p. 26). As regras locais foram estabelecidas pelo Regimento Diamantino, conhecido popularmente como Livro da Capa Verde¹⁵, que continham cinquenta e quatro artigos, os quais instituíam normas rígidas como horário de fechamento dos comércios, proibição da presença de vendedores ambulantes nas ruas, restrição de circulação de mulheres e até mesmo padres.

Machado Filho (1985) acrescenta que, ao longo dos anos, diversos intendentes assumiram o poder local, sempre ocupados em coibir o contrabando e em luta contra os garimpeiros, pobres mineiros que outra coisa não faziam se não tentar prover a sua subsistência com o produto daquilo que a natureza punha ao alcance dos descobridores. Lima Junior (1945) ainda expõe que muitos moradores do local por estarem privados de minerar foram se deslocando para as regiões interioranas desbravando serras, transpondo rios, penetrando nas florestas, e marchando através dos sertões fazendo com que se distanciassem cada vez mais dos núcleos povoados.

Furtado (1996) aponta que o período que se inicia com a Real Extração em 1772 e principalmente o compreendido entre 1775 até 1795 correspondeu ao auge da produção diamantina, ao passo que a partir de 1795 houve uma queda brusca da produção, chegando em 1808 o volume do contrabando ser igual ao da produção oficial. Entretanto ao lado da mineração do diamante, as lavras de ouro continuaram livres e eram arrematadas em leilões, além de outros setores daquela sociedade que contribuíam na geração de renda. De acordo com Furtado (1996, p. 72),

A Real Extração, multiplicando o número de cargos e funções, criou ao seu redor uma “corte” de privilegiados e garantiu também o sustento de uma grande parcela da população, mesmo em seus escalões inferiores, tornando a vida da Demarcação intimamente ligada a sua própria existência. Mas nada impediu que encastelados na administração, a classe dominante usufrísse de seus privilégios para aumentar seus ganhos, burlando a lei e, com isto, prejudicando os interesses da Coroa que lhes investira tal poder.

¹⁵ Segundo Santos (1976), tal documento ficou conhecido popularmente com este nome tendo em vista que o único exemplar remetido ao intendente foi impresso em folio e encadernado com capa de marroquim verde.

Mesmo que apresentasse características favoráveis, foi somente no ano de 1819 que o Tijuco foi elevado a Paróquia de Santo Antônio, tendo em vista que o local, governado por uma lei especial, não podia sair do estado de Arraial, uma vez que seria incompatível com o sistema do poder despótico dos Intendentes, com seu poder ilimitado, que não devia ser partilhado por um Senado, e outras autoridades civis e criminais que se estabeleceriam com sua elevação à categoria de vila (SANTOS, 1976).

O Arraial do Tijuco foi elevado à Vila Diamantina em 1831 e, em 1838, à cidade de Diamantina. Vasconcelos (1953, p. 153) aponta que no ano em que a vila se tornou cidade, o “diamante já escasseara e o ouro desaparecera quase por completo, tendo persistido apenas a riqueza advinda do comércio regional, favorecido depois pela estrada de ferro, que consolidaria a cidade como ‘boca do sertão’ e entreposto do nordeste mineiro”. Desta forma a Real Extração foi extinta no papel em 1832, porém colocada em prática nove anos depois, o que tornou legítimo o comércio e o garimpo de diamantes por qualquer pessoa naquela região.

Entretanto, como salienta Santos (1976), a decadência da Real Extração não se deu pela falta de terrenos diamantinos, mas principalmente pelo abandono em que a deixara o Governo, não enviando a tempo os fundos necessários para sua sustentação. Desta forma com a liberação do garimpo, foram descobertos inúmeros terrenos inexplorados e férteis em diamantes. “Os garimpeiros, que nada tinham a perder, não empregando capitais, (...) escavavam por toda parte (...) e descobriam lavras riquíssimas” (SANTOS, 1976, p. 300), fazendo com que os anos subsequentes favorecessem um grande acúmulo de capital.

Por outro lado na década de 1960 iniciou-se uma grave crise na região, tendo em vista a queda do preço dos diamantes, sendo explicado pela saturação da pedra preciosa no mercado com a descoberta de grandes depósitos de diamantes na África do Sul. Desta forma, as pessoas se viram obrigadas a encontrar outras alternativas de renda, fazendo com que buscassem um melhor aproveitamento dos recursos naturais.

Por sua vez, no fim do Século XIX e início do XX, foram implementadas à base da economia da cidade pequenas indústrias, principalmente no setor têxtil. Como caracteriza Magnani (2008, p. 30):

Por ter um solo que praticamente inviabiliza a atividade agropecuária em larga escala, diferente de outras cidades mineiras, Diamantina encontrou na indústria de tecidos sua alternativa de sobrevivência econômica. Foi instalado então em Diamantina e região um complexo industrial de importância e magnitude consideráveis para aquele momento histórico – a construção de três grandes cotonifícios industriais: a Fábrica de Biribiri, a Fábrica de São Roberto, e a Fábrica de Santa Bárbara, todas pertencentes à Igreja.

A cidade também se beneficiou no que se refere ao comércio tendo em vista sua localização geográfica, por estar situada no Alto Jequitinhonha, era a cidade mais desenvolvida da região, tornando-se assim um núcleo urbano, pois era a que possuía melhor sistema viário, além de estar localizada no entroncamento de acesso ao norte de Minas Gerais. Martins (2008, s/p) ainda acrescenta que

No período de 1830-1930, os líderes políticos diamantinenses tiveram como principais preocupações: a) a abertura de estradas de rodagem no Alto Jequitinhonha e a construção de ramal ferroviário que alcançasse a cidade; b) o controle da Administração dos Terrenos Diamantinos, impedindo sua transferência para a nova capital; c) a atração de órgãos públicos estaduais e federais para a cidade, reforçando o peso político-administrativo de Diamantina no Norte mineiro e; d) a viabilização de recursos para obras de melhoramentos urbanos na “Atenas do Norte” (MARTINS 2008, s/p).

Vislumbrando mais progresso para a cidade, a possível construção de uma ferrovia que ligaria Diamantina ao Rio de Janeiro e a diversas outras cidades, fez crescer a esperança de desenvolvimento do local. O seguinte trecho, escrito por Josefino Vieira Machado correspondente do jornal “O Jequitinhonha”, publicado em 29 de novembro de 1868, exemplifica a ansiedade em usufruir dos benefícios que o transporte ferroviário traria ao local:

[...] como a Diamantina está longe do Rio de Janeiro.
E longe continuará a estar em quanto jazer emperrado na câmara dos senadores o projeto sobre o prolongamento das nossas estradas de ferro, discutido e aprovado na câmara dos deputados em 1834.
Se a estrada de Pedro II já tivesse chegado ao Rio das Velhas, qualquer que fosse o terminal d’ella, poderíamos ler no Rio de Janeiro, cada segunda feira, o Jequitinhonha de domingo, do mesmo modo que em Londres se lêem ao meio dia os jornaes que de manhã são distribuídos em Pariz (O JEQUITINHONHA, 1868, p. 1).

Este discurso se acentuou na cidade com a chegada da ferrovia no ano de 1914 que facilitaria o transporte de cargas e pessoas da cidade a outros municípios, e que também traria visitantes ao local. Porém com a implementação da rede ferroviária no final de 1920, a importância da cidade diminuiu frente a outros municípios que se viram na oportunidade de desenvolver, com a chegada da linha férrea aos seus municípios. Além disso, a indústria têxtil já não estava mais indo tão bem devido à pequena importância das pequenas indústrias frente às grandes indústrias têxteis que surgiram no estado e país (MARTINS, 2000).

Paralelo ao desejo de desenvolvimento, Diamantina recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o título de Patrimônio Histórico em 1938, sendo feito pelo órgão o tombamento de parte da cidade, favorecendo assim a preservação dos seus casarões, templos e construções coloniais. Somado a isso, a cidade se candidatou no ano de 1999 ao título de

Patrimônio Cultural da Humanidade o que a fez ser reconhecida pela UNESCO como tal no mesmo ano.

Com os títulos que a cidade recebeu, aliado à diversas iniciativas de preservação e restauração, o local passou a ser mais reconhecida pela sociedade brasileira. Seus recursos naturais e históricos contribuíram para que a localidade passasse a receber um maior fluxo de visitantes, fazendo com que a mesma se tornasse um conhecido destino turístico de Minas Gerais.

É certo também que o catolicismo, ao longo da construção da cidade de Diamantina, exerceu uma forte influência sobre que a cidade é nos dias de hoje, se fazendo imprescindível contextualizar acerca da temática para que se possa melhor compreender tais fatos, o que será abordado a seguir.

3.1.1 Apontamentos sobre a Religião em Diamantina

Quando se pensa no caminho que o catolicismo percorreu em Diamantina, não se pode deixar de voltar o olhar para a história da cidade, onde o catolicismo sofreu diversas influências de determinados momentos históricos que a cidade passou. Deve-se ter em mente também a presença das irmandades¹⁶, associações católicas leigas, que atuaram nos diversos setores da sociedade, e que tiveram presença marcante na história do município.

O surgimento de Portugal como nação independente da Espanha, aconteceu durante a Reconquista cristã entre os anos de 1139 a 1249, quando se lutou contra os muçulmanos que haviam conquistado uma relevante parte da Península Ibérica alguns séculos antes (GALLI, 1997). No fim da Idade Média na Península Ibérica, o Estado tinha forte ligação com a Igreja, dando então origem ao “padroado” ou patronato real, onde a Igreja de Roma concedia a um governante certo grau de controle sobre a Igreja de seu país. Durante este período, alguns Papas concederam a Portugal o direito do padroado, objetivando a união na descoberta de novas terras, possibilitando assim trazer mais pessoas para o cristianismo (PAIVA, 2006).

Tendo em vista tal relação, pode-se dizer que a colonização do Brasil pelo Estado português foi feita em conjunto com a Igreja Católica, uma vez que uma das primeiras medidas a serem tomadas quando se chegou à nova terra, foi a vinda de congregações religiosas objetivando evangelizar o indígena e controlar a vida no local. Ao lado do Estado colonizador

¹⁶ Considerando o propósito deste trabalho, serão tratadas como irmandade todas as associações leigas que tinham vínculo com o religioso, colocando em uma mesma categoria as irmandades, ordens terceiras, confrarias e arquiconfrarias, mesmo que existam especificidades institucionais.

Português, íntima e juridicamente ligado a ele, estava o poder da Igreja, levando-se em conta que esta se organizou primeiro que a própria coroa (SALLES, 2007).

Entretanto, nas Minas Gerais, a situação foi um pouco diferente do resto do Brasil, uma vez que o território, com suas densas florestas, não atraía muito a presença das autoridades religiosas. Durante todo este período, o Estado não teve interferência direta de nenhuma autoridade episcopal, fazendo com que o gentio mineiro ficasse sem a catequização. A região acabou sendo evangelizada pelas irmandades, ordens terceiras ou ermitães (cristãos austeros, dedicados a vida religiosa, mais sem depender de ordens ou de conventos) (RAMPAZZO, 2004).

No período da grande extração de ouro e diamante nas Minas Gerais, a presença das Ordens Primeiras e Segundas foi proibida pela coroa, a fim de manter um controle rígido da exportação do ouro e diamantes para Portugal, no intuito de erradicar o contrabando, além de o Estado temer a independência destes (BETHEL, 2004). Com a ausência de órgãos romanos da Igreja no Arraial do Tijuco, as pessoas e instituições leigas, fundavam os seus próprios templos, iniciavam uma Irmandade “entre as quais a população se dividia segundo as camadas sociais” (MACHADO FILHO, 1980, p. 80) e consagravam à escolha do seu fundador seu santo protetor. Um exemplo disso é a Igreja do Carmo, erguida por iniciativa do contratador de diamantes e marido de Chica da Silva:

manifestação da importância de João Fernandes no arraial, junto aos poderosos locais, foi o apadrinhamento da construção da Igreja Nossa Senhora do Carmo. No documento em que, em 1788, Sua Majestade confirmou o compromisso da Irmandade, estabelecido na década de 50, o escrivão anotou: “a capela que [os irmão do Carmo] presentemente possuem por doação dela fez o Desembargador João Fernandes de Oliveira, edificada pelo mesmo com licença do Ordinário da respectiva Diocese” (FURTADO, 2001, p. 28).

Nesse momento, as irmandades ganharam força, e outras foram surgindo, tendo em vista a necessidade em se ter uma vida espiritual, na medida em que não se podia contar com as ordens religiosas. Assim, a religiosidade mineira é marcada por características populares, e estas irmandades prestavam auxílio tanto na vida social, promovendo o amparo a quem necessitava, quanto na vida cultural, na organização de festejos religiosos (SALLES 2007).

Estas irmandades, até certo ponto, possuíam autonomia quanto à administração de seus templos, tendo em vista que eram os seus próprios integrantes que administravam suas sedes, resolvendo questões internas e externas dessas sociedades. Nesse contexto, Quintão (2002, p. 38) destaca que “a principal característica das irmandades neste período era a sua autonomia.

Através da Mesa administrativa geriam todos os seus negócios e decidiam sobre todas as questões internas e externas”.

As irmandades eram formadas em sua maioria por autoridades do local ou por pessoas que queriam ascender na sociedade, tendo em vista que integrá-las naquela época era um grande prestígio social. “Essa ascensão era calcada na busca de prestígio e status a partir do reconhecimento da população, em função de disputas relacionadas à construção de templos suntuosos e à realização de festejos pomposos” (EUGÊNIO, 2010, p. 166). Considerando essa necessidade de se obter o prestígio por meio das irmandades, estes órgãos queriam fazer de seus templos os mais belos de todos, colocando em evidência suas riquezas com a maior quantidade de ouro possível em seus altares, com as pinturas dos artistas mais renomados da época, e as festas mais grandiosas, favorecendo, assim, uma espécie de competição entre as irmandades de um mesmo local (QUINTÃO, 2002).

Assim, sabendo que as irmandades eram formadas por pessoas leigas à instituição religiosa, e que tinham a liberdade de construir seus templos e ornamentá-los sem inferências ou regulamentações da Igreja, aliado à intenção de propagar os seus valores por meio da ostentação de seu poder, os templos mineiros foram marcados por suas peculiaridades arquitetônicas, e retratam a imagem de cada irmandade (MIRANDA 2009). Além disso, é inegável que os templos eclesiásticos mineiros possuem grande valor artístico e arquitetônico, pois tanto a arquitetura de suas fachadas, como pinturas, imagens e ornamentação de altares hoje em dia são apreciados tanto pela religião, quanto pela beleza e história que possuem.

As igrejas em Diamantina foram erguidas graças ao ciclo do ouro e do diamante, pois, como se pode notar em todo o estado de Minas Gerais, só as cidades tri-seculares que passaram pelo extrativismo é que possuem diversos templos em estilo barroco. A exploração de metais e pedras preciosas, também favoreceu a criação de acervos e bens culturais como pinturas com representações religiosas, retábulos e imagens. Independente ao tamanho do templo, no momento das construções destes, sempre se buscava o máximo de apuro e elegância possível (MIRANDA, 2009).

A exploração dos diamantes não dependia de grandes investimentos, e possibilitava o enriquecimento de uma pessoa da noite para o dia, então muitos garimpeiros afortunados, e sem ter onde gastar seu dinheiro devido à precariedade do comércio no Arraial do Tijucu acabavam construindo seus próprios templos, ou contribuindo para a construção dos mesmos, e quanto maior e mais suntuosa a construção, maior era a expressão de poder e prestígio da pessoa ou de membros de uma irmandade (MIRANDA, 2009).

Nesse contexto, é possível observar que as igrejas da cidade são bastante diferenciadas das outras construções coloniais do estado. Tal fator se deve ao isolamento pelo qual a área diamantífera viveu durante muitos anos, uma vez que o Rei impediu o livre acesso ao local até meados do Século XIX, dificultando um intercâmbio cultural e fazendo com que estas construções pouco sofressem influências de templos erguidos em outras cidades.

A coroa portuguesa não estava preocupada com a presença dessas instituições nas regiões mineiras, pelo contrário, a situação era conveniente para o Estado, pois elas não constituíam instrumentos contestatórios, além de oferecer estabilidade para a constituição da ordem social e política da Minas setecentista (FERNANDES; CONCEIÇÃO, 2007).

As Irmandades, ultrapassando seu caráter religioso, ofereciam amparo social aos diversos setores da sociedade, chegando, em dado momento, a trabalhar em favor da libertação dos escravos, como é possível verificar em uma publicação do jornal “O Jequitinhonha” feita pela Igreja de Nossa Senhora das Mercês, onde divulgava o “Estatuto da Sociedade” contendo 5 capítulos e 26 artigos, sendo que nos artigos 5, 6 e 7 do segundo capítulo que se referia aos sócios estava estipulado:

Art.5-Serão considerados sócios todas as pessoas de qualquer sexo, naturalidade, idade ou condição, que quiserem fazer parte da sociedade uma vez que o declararem pessoalmente, por escripto ou por procurador, cumprindo as obrigações d'estes estatutos.

Art.6-Serão sócios honorarios os bemfeitores, quantos, por uma ou mais vezes, fizeram dadas á sociedade, não menores de 200\$000, libertarem em nome d'ella escravos de qualquer valor, e prestarem serviços relevantes á causa de emancipação.

Art.7-Todos os sócios tem o dever de proteger as causas de liberdade, sendo justas.
(O JEQUITINHONHA, 1870, p. 1.)

A religiosidade leiga no Arraial do Tijuco se manteve atuante mesmo após a contrarreforma europeia estipulada no Concílio de Trento, pelo menos até os anos de 1844, quando se iniciou a reforma de Dom Viçoso, no Bispado de Mariana¹⁷, na qual objetivavam o controle do clero com bases no então Concílio Tridentino (FERNANDES; CONCEIÇÃO, 2007). Com isto as Irmandades foram perdendo suas forças, ficando sujeitas a determinações de uma ordem maior. Este movimento reformista que se fundamentavam na autoridade papal, e visava uma Igreja única, fizera com que os padres passassem a ter maior poder frente às paróquias, e as Igrejas que antes pertenciam às Irmandades, passassem a pertencer à Cúria.

¹⁷ O Bispado de Mariana, nessa época, era responsável por controlar tudo o que se referia à assuntos religiosos em toda Minas Gerais

Tamanho foi o desenvolvimento dessas irmandades que o bispado de Mariana, estava preocupado com a autonomia e independência delas, teve como ação principal a criação de seminários, destinados à formação de sacerdotes, os quais contribuiriam no controle e imposição das ordens então atribuídas pelo clero. Em Diamantina foi criada a primeira Diocese Sufragânea de Mariana, sendo nomeado Dom João como Bispo. É possível verificar em carta dedicada aos diocesanos, suas primeiras ações:

De nossa parte nos esforçamos por cumprir, com graças de Deus, os deveres de nosso ministério, e sendo um delles a criação de um Seminário Ecclesiastico, será este um dos nossos primeiros cuidados com uma instituição tão importante que o concílio Tridentino collocou entre os objetos mais necessários da disciplina eclesiástica para a educação do clero, debaixo da immediata inspecção do bispo (FIGUEIREDO; FERNANDES; CONCEIÇÃO, 2010, p. 23).

A contenção dos pecados, então muito presente na cidade, fez com que a Igreja organizasse ações que favorecessem a moralização de seus fiéis. Uma delas foi a fábrica de tecidos de Biribiri, fundada por Dom João Antônio dos Santos e seus irmãos, a qual

foi concebida como lugar de “moralização dos costumes”, exemplo de vida comunitária feminina. Nessa fábrica, as moças operárias, sempre em grupo, iam do “convento” (dormitório) para o refeitório, para a fábrica, para a igreja, para o largo. Entre as operárias, a emulação era de prestígio, não monetária. O bom comportamento garantia a ascensão no quadro funcional, expresso por meio de fitas azuis, roxas, vermelhas e verdes. A doutrinação não era dirigida ao ascetismo do capital, mas para o ascetismo do trabalhador. O trabalho entendido como graça divina (MARTINS, 2001, p. 300) .

Ainda a respeito da imposição do Clero frente às Irmandades, Dom Joaquim, sucessor de Dom João, criou o Primeiro Sínodo da Diocese de Diamantina, com 83 artigos, que continha algumas intenções visavam subordinar à autoridade dos párocos, proibindo abusos nos cultos, uniformizando os procedimentos do Clero, as eleições e nomeações de empregados das Ordens Terceiras, ficariam subordinadas à aprovação do Clero, extinguindo, assim, definitivamente a autonomia das Irmandades, fazendo com que os leigos passassem a agir em consonância com a ação social e pastoral coordenada e indicada pela Igreja (FIGUEIREDO; FERNANDES; CONCEIÇÃO, 2010).

Estas ações sociais cristãs contribuíram para a criação e construção de diversos espaços que visavam o controle dos maiores problemas sociais do local, levando prosperidade aos diversos públicos da sociedade. Dentre as obras, destacam-se o Hospital Nossa Senhora da Saúde, a Sociedade Protetora da Infância, a Escola Profissional Irmã Luiza – EPIL, a Vila Educacional de Meninas – VEM, a AJIR – Amparo à Juventude para Inserção Rápida e o asilo

Pão de Santo Antônio. As obras de caridade na cidade, a partir de então, não pararam. Posteriormente, também outras ações foram criadas, apoiadas e incentivadas por outras autoridades eclesiásticas, como o Colégio Nossa Senhora das Dores, a Comissão do Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha – CODEVALE, a Reflorestadora do Alto Jequitinhonha – REFLORALJE, a implantação da cultura do tapete arraiolo, e o Coral dos Bem-Te-Vis. A maioria destas ações permanece atuante até os dias de hoje (FIGUEIREDO; FERNANDES; CONCEIÇÃO, 2010).

Atualmente a religião católica em Diamantina permanece forte. Caminhando pela cidade é possível notar a predominância dos templos católicos coloniais frente às discretas igrejas evangélicas e centros espíritas. O catolicismo que se formou na cidade foi influenciado por todos estes precedentes históricos, combinando os diversos elementos que o compuseram, fazendo com que a religião possua uma devoção muito característica, mesclada pelo tradicionalismo da Igreja, e pela herança laica das Irmandades.

As Irmandades, mesmo após as repressões, mantêm muito de suas características originais e permanecem ativas, prestando seus serviços sociais, organizando seus festejos, como a tradicional Festa do Divino e a Festa do Rosário, além de seguirem cuidando de seus próprios templos e dando apoio aos seus membros associados. São elas: Irmandade de São Francisco de Assis, Irmandade dos Carmelitas e dos Vicentinos. As construções feitas por elas, além dos festejos característicos de cada uma, contribuem na atração de turistas à Diamantina que vêm, entre outros motivos, em busca de conhecer e ter contato com uma cultura diferenciada do seu cotidiano.

3.1.2 As Festas Religiosas de Diamantina

Hoje, segunda-feira, estou aqui com saudades da Semana Santa que aproveitei tanto! O Domingo da Ressureição é para mim o melhor dia do ano. Primeiro porque fico cansada de tanto jejuar e no domingo eu desforro na começão de carne de galinha; depois por ser o dia mais alegre do ano. Vovó costuma passar a Semana Santa na casa de Tio Geraldo. Nós todos vamos à igreja assistir às aleluias. Que alegria a gente sente quando rompem as aleluias! Os sinos da cidade, as campainhas e tudo tocam ao mesmo tempo. A cidade se alegra de repente. Não se vê mais o homem de opa nas ruas, tocando matraca o dia inteiro. Tudo é só alegria (MORLEY, 1999, p. 139).

A citação anterior foi retirada do livro “Minha Vida de Menina” criado a partir de um diário escrito por Helena Morley entre os anos de 1893 a 1895. A partir de uma sugestão de seu pai, a autora passou a descrever quase que cotidianamente sobre as ocorrências rotineiras que faziam parte do seu dia a dia na cidade de Diamantina: a relação com seus familiares, amigos e com a sociedade no geral, tarefas domésticas, ócio, religião, festas, escola, superstições, dentre

diversos assuntos. As memórias da autora apresentam algo que vai além de histórias corriqueiras de uma menina, o livro é capaz de constituir-se em um painel detalhado da realidade social da época ao abordar as mais variadas temáticas, fazendo com que tais escrituras possam ser consideradas registros históricos.

Desta forma, é a partir desta passagem do livro que inicio este tópico, tendo em vista que a mesma é capaz de descrever como eram, e de certa forma ainda são, grande parte dos festejos religiosos diamantinenses: destinados a questões sagradas, mas permeados com as mais variadas perspectivas que vão desde comemorações, à banquetes, diversão e sociabilidade.

As práticas ligadas à religião católica desenvolvidas no Brasil durante o século XIX ficaram conhecidas, como aponta Souza (1986, pág. 88) como “religiosidade colonial”, a qual foi abalizada pelas diversas manifestações externas às celebrações eclesiais por meio das pomposas procissões cheias de alegorias, além das festas onde as pessoas das mais variadas condições sociais se alegravam com músicas, dança, mascaradas e com fogos de artifício (REIS, 1991).

Como já apontado, as confrarias organizadas pelos leigos, tratadas aqui neste trabalho como irmandades de forma geral, não estavam diretamente subordinadas às ordens religiosas, e eram formadas pelos mais distintos membros que se organizavam em devoção a um determinado santo protetor. Desta forma, mesmo que o catolicismo fosse ensinado aos indígenas por meio da catequização, e aos negros posteriormente, a religião não foi desenvolvida da forma como esperavam, fazendo com que o Cristianismo fosse fundido a outras crenças, tanto pagãs quanto europeias, indígenas ou africanas ocasionando em práticas particulares ao catolicismo colonial brasileiro.

Tais questões fizeram com que as festividades coloniais, religiosas em sua maioria, fossem permeadas tanto por questões pertinentes à rituais religiosos quanto profanos. Del Priore (2000) ao estudar as festas do Brasil colonial aponta que no momento em que a celebração chegava à rua com suas danças e nos desfiles de cortejos ou procissões, os eventos dentro da festa se tornavam independentes onde cada uma das manifestações possuía vida própria e significados particulares.

Estas manifestações comemorativas, tidas como um dos momentos de maior destaque das irmandades, além de seu caráter religioso, preservava e mantinha a identidade cultural destes grupos sociais oferecendo aos seus participantes a possibilidade de se igualar, mesmo que por determinado momento, às demais pessoas da sociedade, como é o caso dos escravos, que durante a Festa do Rosário deixavam de ser apenas negros cativos, ou crioulos libertos e passavam a ser vistos como membros da irmandade, sendo respeitados até mesmo pelos

brancos. Além disso, estes momentos festivos também carregavam consigo a possibilidade de socialização entre as pessoas, se tornando um espaço de alegria, e até mesmo de transgressão à ordem imposta pela sociedade, uma vez que possibilitava a ruptura do cotidiano local. Scarano (1975), ao estudar a Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos de Diamantina no século XVIII apontou que as associações do Rosário permitiam que o escravo e outros homens de cor se reunissem dando vazão às tendências gregárias ou lúdicas, como era o caso das celebrações que eram ordinariamente religiosas, e assim abertas a toda população, onde nas comemorações em homenagem aos seus santos protetores o preto se tornava o organizador, o dono da festa, patrocinando-a a seu gosto.

Spix e Martius¹⁸ (1981), ao chegarem no então Arraial do Tijuco foram surpreendidos com as comemorações religiosas realizadas pelos pretos, fazendo com que os mesmos dedicassem algumas páginas do livro “Viagem Pelo Brasil” para sua descrição. Em tal relato, é possível identificar toda perspectiva proeminente de tal festividade, onde é possível identificar os aspectos presentes às dualidades existentes entre o sagrado e o profano, o popular com o cívico, além das quebras das ordens sociais então estabelecidas:

O novo rei dos negros recebeu oficialmente a visita de um enviado estrangeiro à corte do Congo (a denominada congada). A família real e a corte, em roupas de gala, dirigiram-se com pompa à praça do Mercado; o rei e a rainha sentaram-se em cadeiras, à sua direita e esquerda, acomodaram-se, em bancos baixos, os ministros, camareiros e camareiras e os mais dignitários do reino. Deante deles estavam colocados, em dupla fila, os músicos da banda, com sapatos amarelos, e vermelhos, meias pretas e brancas, calças vermelhas e amarelas, com capinhas de seda, todas rotas, e faziam uma algazarra infernal com tambores, flautas, pandeiros, chocalhos e com a chorosa marimba; os dançadores anunciaram o enviado com pulos e cabriolas, com as mais singulares caretas e as mais profundas medidas, e traziam os seus presentes, apresentando tão bizarro espetáculo, que se imaginava estar deante de um bando de macacos. Suas Majestades pretas a princípio repeliram a visita do estrangeiro, mas acabaram recebendo-o com estas palavras: - “Que lhe estavam abertas às portas e o coração do rei”. O rei do Congo convidou o enviado a tomar assento à sua esquerda, e, ao som da música ruidosa, fez distribuição de comendas e bastões espanhóis (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 48).

Não somente as festas organizadas pelas irmandades possuíam cunho religioso, mas em geral qualquer celebração que se almejasse realizar na localidade possuía de certa forma algum aspecto que a ligasse às questões religiosas. Como exemplo disso, têm-se o relato de Gardner¹⁹

¹⁸ Spix e Martius iniciaram em 1817 uma das mais importantes expedições de reconhecimento da América Latina, sendo financiados pela Academia de Ciências de Munique. Em Minas Gerais os cientistas realizaram o caminho entre Ouro Preto e o Arraial do Tijuco por volta do ano de 1818.

¹⁹ Gardner veio ao Brasil em 1836 no intuito de realizar pesquisas referentes à botânica sobre financiamento de amigos da Sociedade de Linneus. Esteve em Minas Gerais entre os anos de 1839 e 1841.

(1942, p. 390), que teve a oportunidade de acompanhar as comemorações da maioridade Dom Pedro II em Diamantina, e descreve que:

Durante minha residência na cidade, chegou notícia sensacional: D. Pedro II, o jovem imperador, fora chamado a assumir as rédeas do governo, em oposição ao desejo do Regente, antes de ter atingido a idade estabelecida por lei. Parece que o fato merecia aprovação decidida da maior parte da população, havendo por isso, manifestações de regozijo na ocasião. À tarde houve missa cantada na igreja matriz, estando presente todos os membros do Conselho Municipal, bem como toda corporação da guarda-nacional. À noite houve iluminação pública e a guarda-nacional, após várias descargas em frente do quartel, desfilou pelas ruas principais, com banda de música à frente, acompanhada do conselho municipal e os principais habitantes da cidade. Acompanhei o conselho, ao qual fora convidado pelo presidente, tendo assim oportunidade de observar toda a cerimônia: aqui e ali, fazia-se alto em frente à casa de algum cidadão respeitável, recitando cinco ou seis pessoas versos compostos durante o dia em honra do dia, enquanto das sacadas as senhoras da casa atiravam flores perfumadas com água de Colônia. Também de vez em quando a multidão cá em baixo era honrada com uma canção de uma das belas. Isto se repetiu por três noites sucessivas. (1942, p. 390, 391).

Como se pode observar, mesmo que a comemoração não tenha se desenvolvido por motivos religiosos, práticas diretamente ligadas ao catolicismo estiveram presentes nas festividades, como foi o caso da celebração da missa cantada. Deve-se dar destaque também para as comemorações que surgiam por iniciativa popular, como a celebração denominada “Te Deum”, realizada em geral em agradecimento por alguma graça alcançada. Como descrito por Furtado (2003, p. 42),

O Te Deum, como que teve lugar no Tejuco em 9 de novembro de 1751, para celebrar a aclamação de Dom José I. Organizada por ordem do Capitão dos dragões Simão da Cunha Pereira, a comemoração se estendeu por três dias de danças, máscaras, luminárias, missa cantada e Sermão na Igreja do Rosário. Todo o evento foi acompanhado pelo intendente dos diamantes e os principais habitantes do arraial, e foi concluído com um banquete oferecido pelo primeiro.

Efetivamente, mesmo que tais festividades possuíssem essência religiosa, quase sempre é possível identificar aspectos a elas inerentes que podem ser entendidas como atividades ligadas mais diretamente ao lazer e diversão que propriamente pela fé, como eram o caso dos banquetes, coroações de reis e rainhas, além das comemorações realizadas após as procissões regadas por músicas profanas e bebidas.

A religiosidade leiga no Arraial do Tijuco se manteve como em suas origens até o momento em que a Igreja passou a exercer um maior controle do clero tendo como base o Concílio Tridentino, principalmente quando Dom Viçoso iniciou uma reforma no Bispado de Mariana. A partir de uma preocupação a autonomia e independência exercida pelas irmandades, entidades do catolicismo institucional visaram o aumento do controle frente a estas entidades o

que fez com que influíssem mais diretamente nas questões referentes às festividades organizadas pelos leigos, objetivando um maior controle de todos aspectos presentes nas mesmas, principalmente no que se refere aos pontos tidos como profanos.

Tais questões incomodavam sobremaneira aqueles que estavam mais ligados diretamente ao catolicismo institucional. Em matéria publicada no jornal *A Estrella Polar*, a qual ocupa a capa e contém duas colunas, é possível notar tamanho o descontentamento por parte dos clérigos frente aos festejos religiosos:

A ocasião, para este fim não podia ser mais oportuna do que na quadra presente, em que se celebram tantas festividades religiosas, muitas dellas mescladas, infelizmente, de praticas abusivas, condemnadas pela Igreja e que a propria civilização dos nossos tempos não póde acceitar sem reparo em sem desdouro. [...] Entretanto, este culto, tão justo e tão racional, é frequentemente deturpado pelos fieis, que costumam converte-lo muitas vezes, em causa de escândalo e graves offensas de Deus. Assim é que quase não há festejo aos Santos, sem as <<competentes>> pandegas, bordios e jantares acompanhados de dansas escandalosas, com promiscuidade de sexos, bebidas até á embriaguez, desvios de dinheiro dados como esmola, quando muitos templos estão, uns a desabar, outros a pedir reparos, e todos carecendo dos paramentos e alfaias mais necessarias ao culto.[...] E os foliões vão de rua em rua, de casa em casa, durante dias e dias de bandeira alçada, a pedir esmolas para N. Senhora do Rosario, para S. Sebastião, para os Reis Magos, para o Divino, etc., etc., sem que, afinal de contas (porque elles não nas prestam a ninguém), nada se empregue na capella que é dedicada ao Santo e, não raro, sem se remunerar o Sacerdote pelos seus serviços. [...] Bom será que no Synodo, cuja celebração se projecta nesta Diocese, tomem-se medidas relativas á pratica do verdadeiro culto e se cortem tantos abusos que tão altamente depõem contra a nossa fe e a nossa civilização. (A ESTRELLA POLAR, 1903, p. 01)

Nesta passagem está nítida a expressa necessidade em combater dos festejos religiosos os rituais que não estivessem ligados às práticas religiosas. Tais ações deveriam não somente ser combatidas de forma informal: é explícito também que tais ações sejam documentadas a partir da criação do Sínodo da Diocese de Diamantina. Demonstrando que tais fatores estavam, de fato, sendo tratados como certa prioridade, no mesmo ano tal documento escrito por Dom Joaquim, possuía em seu capítulo II, artigo 24 diretrizes para o controle de tais questões:

Como por ocasião de certas festividades é costume antigo e geral haver danças com os nomes marujada, catopé, caboclinhos, etc.etc., prohibam energicamente os Parochos não só o ingresso dos dançantes na igreja com o fim nella se exhibirem dançando ou cantando, como que semelhantes divertimentos continuem pelo tempo que durar a missa, e isto para que todo o povo a possa ouvir socegradamente. Prohibam também nas suas igrejas as musicas de character theatral ou mundano, como valsas, polkas, mazurkas, etc. etc., bem assim aquelles cânticos que apezar de sua antiguidade, mereçam ser proscriptos, ou não tenham sido approvados pela autoridade competente, que é o Bispo. (FERNANDES e CONCEIÇÃO, 2007, p. 50).

Neste momento as festividades então realizadas no local passaram a ser ainda mais acompanhadas pelo clero, e a partir de um maior controle e imposição do catolicismo

institucional, os párocos foram instruídos a rejeitar o que era de costume não religioso em tais festividades. Neste aspecto, manifestações como a marujada, catopé, caboclinho, dentre outros grupos onde era hábito dos integrantes dançarem dentro das igrejas passaram a ser mal vistas pelos clérigos, uma vez que tal atividade poderia servir como distração dos fiéis durante as celebrações ou missas.

A partir de uma maior influência institucional na religiosidade que até então era comandada por leigos, comemorações mais oficiais do catolicismo ganharam mais espaço na cidade, como é o caso da Semana Santa e Corpus Christi. Entretanto a tentativa do controle das atividades realizadas nas festas religiosas não surtiu o efeito esperado. Pelo contrário, agora com um calendário festivo mais amplo, de certa forma, elas continuaram a ser realizadas como anteriormente.

Santo Deus! Já é demais! Incontestavelmente a Diamantina é a cidade mais festiva que se conhece. No mez que se findou nesta semana, tivemos duas festividades do mez Marianno, solemnizadas com todo brilhantismo ou antes *smartismo* como hoje se diz: uma na freguezia da Sé, outra na freguezia da Luz, sob a direção do incançavel e virtuoso Padre Lessa, que se sahiu da emreza *comme il faut*. (O NORTE, 1906, p. 02)

Como apontado no trecho retirado de um artigo do Jornal “O Norte”, de circulação em Diamantina, é possível identificar que a cidade é farta de comemorações festivas, dentre a grande maioria de cunho religioso. Apesar de algumas delas terem se perdido no tempo, seja pelo fechamento de uma irmandade, ou por falta de articulação ou de recursos de outras, atualmente a cidade de Diamantina preserva grande parte das mesmas, conservando em sua maioria características de quando o Brasil ainda era colônia. Apesar de atualmente algumas comemorações não serem mais organizadas por iniciativa das irmandades, é notório o esforço por parte de alguns populares para que as mesmas continuem sendo feitas a fim de preservarem suas tradições. Desta forma, a Igreja e a população local, com certo apoio do poder público seguem realizando as festividades que por suas belezas e grandiosidades, acabam por atrair um fluxo significativo de pessoas da cidade, e até mesmo de outras localidades.

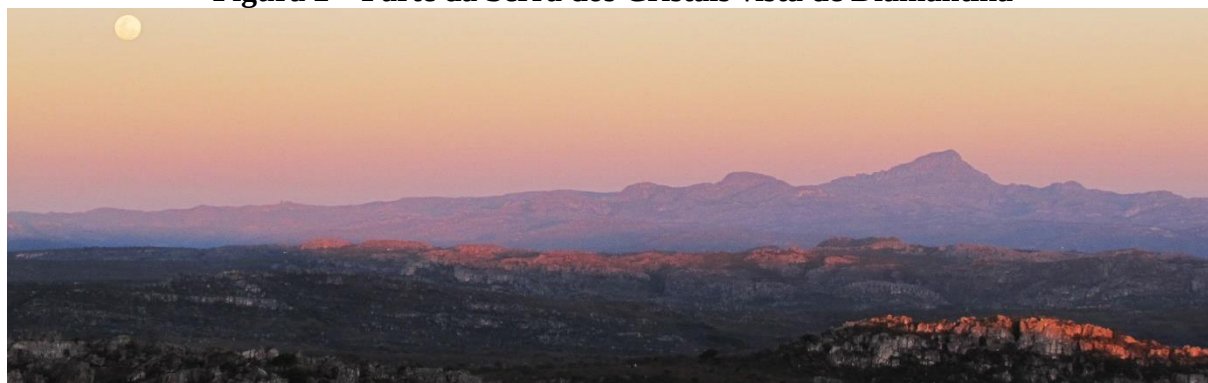
3.2 Diamantina contemporânea

Diamantina apresenta um farto acervo natural, histórico, cultural, arqueológico, arquitetônico e religioso de significativa importância para humanidade, o que é confirmado pelo seu título de patrimônio concedido pela UNESCO. Suas múltiplas vertentes conferem à

paisagem local um panorama singular a qual é reafirmada rotineiramente pelos turistas que visitam a localidade. Tendo em vista a beleza cênica que a região possui, os cenários urbano e natural local já foram palco de diversos programas televisivos e filmes²⁰, sem contar as inúmeras reportagens que já foram, e ainda são, realizadas.

Localizada na região nordeste de Minas Gerais, o município de Diamantina possui uma área territorial de 3870 km² distribuídos entre a cidade e seus 22 municípios. Quando se chega à cidade, uma das principais paisagens que se destaca no cenário local é a Serra dos Cristais, uma formação rochosa que faz parte da extensa Serra do Espinhaço²¹, onde a variação de altitude alcança até 150 metros de diferença, o que torna possível contemplar essa paisagem natural em basicamente qualquer ponto da localidade. Tendo em vista a sua elevação geográfica, a cidade possui um clima tropical de altitude, o que favorece temperaturas frias no período de inverno, e temperaturas amenas na época do verão.

Figura 2 – Parte da Serra dos Cristais vista de Diamantina



Fonte: Acervo do autor (2014).

A vegetação predominante é o cerrado, no qual suas árvores de galhos tortuosos e de pequeno porte e raízes profundas compõe os diversos cenários naturais, nos quais fazem parte diversas unidades de conservação da natureza que cercam toda a cidade: Parque Estadual do Pico do Itambé, Parque Estadual do Biribiri, Parque Estadual de São Gonçalo do Rio Preto e Parque Nacional das Sempre Vivas, os quais abrigam variadas espécies de fauna e flora. Tendo em vista o seu relevo acidentado, tais espaços de preservação, além de nascentes, abrigam

²⁰ Como exemplos pode-se citar as novelas “Chica da Silva” e “Irmãos Coragem”, ‘Séries como “A Cura” e “As Brasileiras”, e os filmes “Minha Vida de Menina” e “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”.

²¹ A Serra do Espinhaço com mais de 1000 km de extensão é uma cadeia montanhosa localizada entre os estados de Minas Gerais e Bahia, a qual é entrecortada por montanhas e vales. Dada a sua relevância internacional, a mesma foi considerada pela Organização das Nações Unidas – ONU em 2005 a sétima reserva da biosfera brasileira tendo em vista a sua grande diversidade de recursos naturais.

diversas cachoeiras as quais servem como atrativos para diversos visitantes. No que se refere à vegetação local, deve-se dar destaque às sempre vivas²², um tipo de flor recorrente na região que se tornou um símbolo local, a qual é muito utilizada na confecção de artesanatos.

Figura 3 – Cerrado de Diamantina



Fonte: Acervo do autor (2014).

Figura 4 – Artesanato de Sempre Vivas



Fonte: Acervo do autor (2014).

Segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Diamantina possuía no ano de 2010 uma população de 45.880 pessoas, sendo que a população estimada em 2014 era de aproximadamente 47.803, demonstrando um pequeno crescimento populacional. Entretanto, é possível constatar que um número significativo desta população é composta por estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri²³, os quais residem na cidade apenas no período em que estão cursando o ensino superior, o que contribui para que o município seja denominado como uma cidade universitária.

Desde o momento em que conheci a cidade, que se deu no início da minha vida universitária no ano de 2008 até os dias atuais, foi possível notar um significativo crescimento dos estabelecimentos comerciais na cidade, tendo em vista que inicialmente grande parte destes estavam situados na região central, ao passo que atualmente muitas áreas que cercam tal região também contam com um expressivo número de comércio.

²² Nome comum dado a flores de diversas espécies, as quais mesmo depois de colhidas, tem a capacidade de permanecer como se estivessem vivas, as quais estão quase em extinção.

²³ De acordo com o site da UFVJM, a instituição completou no ano de 2013, 60 anos de existência, a qual possuía no mesmo ano, um número de 4860 matriculados, dos quais a grande maioria é composta por alunos oriundos de diversas localidades do Brasil.

Quadro 5 – Valor Adicionado Bruto (VAB) dos Segmentos a Preços Corrente (Mil Reais)

Segmento	Ano			
	1999	2003	2008	2012
Agropecuário	3.667	6.901	10.615	26.095
Industrial	13.367	21.628	36.352	51.839
Serviços	69.817	11.559	209.282	341.334

Fonte – Adaptado - Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Econômicos e Sociais.

Os diversos segmentos da cidade se desenvolveram significativamente nos últimos anos como se pode comprovar no quadro 5, entretanto o setor de serviços é de longe o que mais tem se desenvolvido na cidade. Tal fato pode ser explicado pelo crescente número de turistas que frequentam a cidade a cada ano, tendo em vista que é visível a contínua criação de novos estabelecimentos de apoio turístico como é o caso dos meios de hospedagem e restaurantes. Neste sentido, a economia local a cada ano vem recebendo um movimento financeiro significativo o que contribui na geração de empregos, mesmo que não exista uma equitativa distribuição de renda entre a população.

Sendo assim, a atividade turística está presente grande parte do território diamantinense, portanto, vale destacar que o “turismo é um fenômeno complexo, com aspectos sociais, econômicos, políticos, ambientais e psicológicos. É um setor que impacta um largo número de indivíduos” (WAINBERG, 2003, p. 1). Desta forma, o desembolar de tal atividade numa localidade afeta sobremaneira o estilo de vida de todos que estão ali presentes, mesmo daqueles que não desenvolvem nenhuma atividade ligada diretamente ao setor. Cruz (2003) acrescenta que do uso determinante pelo turismo decorrem tipos (e intensidades) diferentes de fluxos (de capitais, de informações, de pessoas etc.) que passam a existir nesse local, os quais são tendencialmente, determinados fora do lugar, pelas pontes estabelecidas entre o local e o global. Assim, o turismo em Diamantina cumpre um importante papel na economia local, além do mesmo ser o responsável pelo desenvolvimento de grande parte das atividades culturais ou de lazer presentes na cidade.

No que se refere à paisagem urbana local, a cidade apresenta um conjunto preservado, sendo a área localmente denominada como centro histórico marcado pela arquitetura colonial de inspiração barroca, com edificações construídas ainda quando a cidade possuía a exploração dos diamantes como principal fonte de renda. A preservação do patrimônio histórico de Diamantina se torna ainda mais latente quando se observa as relações que ali são estabelecidas entre passado e presente, e até mesmo no que tange as expectativas futuras, como se pode observar quando se compara as imagens a seguir (figuras 5 e 6) onde em ambas está retratado o prédio em que atualmente funciona o Centro de Geologia Eschwege, popularmente conhecido

como Casa da Glória. Mesmo que os cliques das máquinas tenham se dado com mais de cem anos de diferença, as semelhanças da paisagem são latentes, possuindo como distorção apenas elementos modernos, como os postes de iluminação pública e os automóveis da segunda imagem.

Figura 5 – Colégio Nossa Senhora das Dores



Fonte: Arquivo Público Mineiro, 1900-1910 (data provável).

Figura 6 – Casa da Glória



Fonte – Acervo do autor (2014).

Apesar do seu título de patrimônio da humanidade, o que poderia pressupor uma estagnação local, é possível perceber, por meio de uma breve observação, que a cidade permanece ativa mesmo nos lugares protegidos pelo IPHAN. Neste sentido, corroboro com as ideias de Santos (1982, p. 83) quando o autor afirma que o espaço deve ser compreendido e apreendido como uma “acumulação desigual do tempo”. Desta forma, esta “(...) acumulação [desigual] do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial” (SANTOS, 1997, p. 53).

Tendo em vista que o tempo é capaz de criar novas formas e dar novas funções a objetos que incorporam novos conteúdos, vale destacar que diversos monumentos históricos da cidade foram adquirindo novas formas de utilização ao longo dos anos, como é o caso do prédio localmente conhecido como Cadeia Velha. Construído inicialmente no ano de 1840 para abrigar o Teatro Santa Isabel, o espaço foi utilizado ao longo dos anos como um importante palco para apresentações teatrais, bailes e conferências populares. Entretanto com a crise econômica pela qual a cidade passou, o prédio foi vendido em 1912 quando foi adaptado para o funcionamento de uma cadeia pública, a qual funcionou durante anos, até ser novamente restaurada no ano de 2007 para abrigar novamente o Teatro Santa Isabel.

Figura 7 – Cadeia Velha ao Lado Direito

Fonte: Arquivo Público Mineiro (sem data).

Figura 8 – Teatro Santa Isabel

Fonte: Acervo do autor (2014).

A propósito, a área do centro histórico é onde se pode notar um maior fluxo de pessoas que se mesclam entre moradores e turistas. O entorno da Catedral Metropolitana de Diamantina, por exemplo, é formado majoritariamente por construções coloniais, o qual pode ser visualizado como um centro político tendo em vista a presença da prefeitura, polícia militar e arquidiocese no local. Ali também é possível identificar espaços que fazem parte da oferta turística, bem como estabelecimentos voltados quase que exclusivamente para autóctones. Juntamente com os casarios coloniais utilizados como residências, existem também estabelecimentos comerciais como lojas de calçados e roupas, prédios públicos, além de museus e restaurantes.

Ainda sobre o ambiente em questão, observo certa tendência à cenarização do patrimônio local, tendo em vista principalmente que o centro histórico da cidade vem a cada dia sendo mais subordinado ao mercado uma vez que existe certa tendência em se colocar a cultura local como uma mercadoria a ser consumida pelos visitantes. Sobre este fenômeno, Silva (2004, p. 22) aponta que “os cenários de lazer surgem a partir da apropriação de imagens com o objetivo de compor repertório de lugares turísticos que possam ser facilmente identificáveis ou categorizados pelo turista”.

Tendo em vista toda esta questão econômica que permeia o centro da cidade, mesmo que existam diversas residências por ali, está é uma região de dimensões restritas, o que faz com que, com o desenvolvimento local, vá se ampliando também outros bairros, bem como surgindo diversos loteamentos, contribuindo para o crescimento do seu entorno. Tal fato, também auxilia no aumento da área periférica da cidade, em que a população de baixa renda tem sido abrigada. Local em que muitas vezes é carente de saneamento básico, iluminação pública, calçamento, dentre outras necessidades básicas.

Neste sentido, Jacobs (2000, p. 123) aponta que “um bairro bem-sucedido é aquele que se mantém razoavelmente em dia com seus problemas, de modo que eles não o destruam. Um bairro malsucedido é aquele que se encontra sobrecarregado de deficiências e problemas e cada vez mais inerte diante deles”. Assim, tendo em vista toda problemática apresentada nos bairros periféricos diamantinenses, a realidade local está distante de ser vislumbrado como algo ideal, tendo em vista que segundo a autora, um bairro digno deve estar dotado de diversos aspectos que satisfaçam as necessidades de seus moradores.

Certeau (1994, p. 40) ainda pondera que o bairro é

um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano, na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano deste espaço.

É no sentido de se sentir reconhecido no entorno onde o indivíduo reside, como apresentado por Certeau, que, mais uma vez, identifico que a existência da UFVJM na cidade também colaborou para a reconfiguração do espaço local, tendo em vista que a ida de estudantes para a cidade fez com que a construção de novas moradias se modificasse a fim de atender a demanda por residências que servissem de repúblicas. Desta forma, é comum encontrar pequenos prédios onde a maioria dos apartamentos é destinada aos alunos universitários, além das diversas adaptações nas casas já existentes, onde é comum verificar que os porões das antigas casas coloniais foram reformulados a fim de abrigar pequenas repúblicas, ou mesmo na construção de anexos nas residências já estruturadas. A criação de novos cursos na universidade também fez com que se aumentasse significativamente o número de professores na cidade, o que também colaborou para o novo formato que a cidade vem adotando, tendo em vista que vêm surgindo áreas de habitação onde tem sido construída casas para estes novos residentes.

As desigualdades entre os bairros em Diamantina são eminentes, pois basta uma breve caminhada pela cidade que será possível perceber a fragmentação destes espaços, principalmente ao se comparar o centro que é enaltecido, com a periferia e suas fragilidades. Ali, cada espaço acarreta marginalizações territoriais que são capazes de refletir as relações sociais estabelecidas na cidade, as quais são originadas por um processo de domínio social e econômico que tem se desenvolvido com o passar do tempo.

A cidade não tem sido reconfigurada apenas em seu meio econômico e espacial, mas também no que se refere às questões culturais. O acréscimo das pessoas de diversas proveniências à população original faz com que a cidade se adapte ao que é trazido por estes

sujeitos com os mais diferenciados perfis e costumes. Tal questão contribui para a que a cidade viva em meio a uma ebulição cultural permeada por rupturas e continuidades, encontros e desencontros. Em meio a tais questões, pode-se citar como exemplo o trotão, realizado por iniciativa estudantil, circundado por diversos conflitos. Todos os anos, os representantes do Diretório Central dos Estudantes – DCE precisam se articular com diversas esferas do poder local, a fim de conseguirem realizá-lo. Uma multidão de jovens, ao saírem pintados pelas ruas e becos da cidade em ritmo carnavalesco alteram significativamente a rotina local (figura 9). Enquanto para alguns esta é uma manifestação legítima dos estudantes, um momento de diversão e descontração, para outros trata-se de um momento de caos, onde centenas de pessoas, muitas delas embriagadas, acabam por sujar de tinta os diversos monumentos da cidade e deturpam a ordem e o silêncio local.

Figura 9 – Trotão de Diamantina



Fonte: Acervo do Autor (2011).

Em suma, é possível identificar na cidade uma diversidade muito grande de culturas, modos de pensar e agir, na qual tais aspectos possam contribuir para o desenvolvimento de um possível conflito, mesmo que de forma velada, onde um em certo momento se incomode com as características do outro. Sob o mesmo ponto de vista, me remeto à afirmação de Larossa e Skliar (2001, p. 136) quando dizem que “A intolerância tem uma grande familiaridade com a indiferença”. Talvez no ponto em questão, o ponto-chave das questões apresentadas até o momento não dizem respeito exclusivamente à tolerância, mas sim o de se saber conviver com o outro em sua alteridade.

Sabendo-se que “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (SILVA, 2000, p. 81), é possível concluir que onde existe diferenciação, aí está presente o poder. O autor ainda acrescenta que existe uma série de processos que traduzem esta diferenciação, como incluir e excluir, identificando e representando, marcando, simbolizando quem pertence, quem não pertence; ou também demarcar fronteiras que definem e separam “nós” e “eles”, classificando e normalizando. Assim, a cidade vai se remodelando, o que também contribui no estabelecimento de fronteiras, sendo estas algumas vezes brandas, ou até mesmo viscerais, o que faz com que as relações se tornem muitas vezes fragmentadas. Logo, é possível que muitos estudantes da UFVJM em geral se relacionem entre si ou com pessoas mediadas pela instituição, turistas com seus companheiros de viagem ou pessoas que trabalham no setor, e moradores com seus semelhantes.

Neste paradoxo estabelecido na cidade, têm-se três grupos distintos: o estudante, o turista, e o autóctone. Tal classificação faz com que os muros existentes entre eles dificultem o rompimento das barreiras ali concretizadas. Mesmo que eu tenha vivido na cidade por quatro anos, e a meu ver, tenha me aproximado significativamente do modo de vida local, além de ter me relacionado sobremaneira com as pessoas ali nascidas por meio dos diversos estágios que fiz, pelos projetos de extensão que participei, ou mesmo pelas relações de amizade que estabeleci, em geral era sempre inserido no grupo dos estudantes. Hoje não mais residindo por lá, percebo que mudei de grupo, sou rotulado como turista.

Portanto o ato comum de definir quem é o outro, e torná-lo identificável, contribui para uma classificação que define quem é a identidade, e quem é a diferença. O desequilíbrio cultural instaurado é causado pela realidade dinâmica pela qual a cidade vive, e que aparenta ser um problema cultural em que a grande diversidade de visões de mundo e formas de relacionamentos determina a posição que o sujeito ocupa na cidade, contribuindo para que permaneçam os rótulos de que as festas de república são para os universitários, as vespertais para os turistas, e os eventos sociais para a comunidade local.

3.3 A cidade, o lazer e as pessoas

A cidade, diante de todo pressuposto apresentado até o momento, compreende um aglomerado de temáticas sociais, políticas e econômicas que acompanham a transformações em curso, onde o contraste e a coexistência das manifestações e modos de vida interagem entre si. Este, por sua vez se trata de um movimento progressivo que se remodela com o tempo redefinindo o enredo cotidiano. Observar as práticas de lazer neste contexto exige um trabalho

laborioso, o qual deve compreender todas as temáticas que permeiam o objeto e que permitam identificar as tendências preeminentes em sua unidade, levando em conta inclusive as suas realidades paradoxais.

Levo em conta ainda, como aponta Marcelinno (2006, p. 66), que [...] o espaço para o lazer é o espaço urbano. As cidades são grandes equipamentos e espaços de lazer”. Tal fato se legitima ainda mais quando os espaços públicos são utilizados “como espaço de encontro, convívio, do encontro com o ‘novo’ e com o diferente, lugar de práticas culturais, de criação, de transformação e de vivências diversas, no que diz respeito a valores, conhecimentos e experiências” (GOMES, 2006, p. 73).

Sendo assim, descrever os aspectos que mediam o lazer designa identificar mudanças, compreender as (des)continuidades, identificar as heterogeneidades. Tendo em vista toda a complexidade da temática envolvida, determinar as práticas de lazer inseridas em uma cidade produz material suficiente para a escrita de uma dissertação completa, entretanto o objetivo desta seção é o de contextualizar acerca das práticas de lazer que estão envoltas na cidade de Diamantina, sem a pretensão de englobar todas as ações e sentimentos ali compreendidos, mas com o objetivo de apresentar os encadeamentos de tal atividade que possam contribuir no esclarecimento e apreensão da temática proposta nesta pesquisa propondo uma reflexão sobre a sociedade aqui abordada, bem como as inter-relações com o espaço observado.

Desta forma, como o ponto-chave deste trabalho é a Festa do Divino, será apresentada as conclusões de uma observação sistemática realizada nos arredores do trajeto por onde o Cortejo Imperial da festa em questão passou, para que se possa fazer um contraponto acerca das práticas de lazer ali desenvolvidas, bem como o processo de apropriação dos espaços em questão. Tal área delimitada a princípio pode aparentar-se diminuta perante o campo pesquisado, entretanto a área compreendida neste processo abarca os principais espaços de lazer da cidade utilizados tanto para os moradores locais, quanto para os turistas, como apresentado anteriormente.

Durante o período de observações, mesmo que de maneira informal, tive a oportunidade de conversar com diversas pessoas, as quais contribuíram no esclarecimento e melhores percepções acerca do ambiente em que estava estudando. Durante este período, era recorrente ouvir de diversas pessoas a seguinte afirmação: “Em Diamantina não se tem nada para fazer”. Apesar de esta ser uma frase corriqueira, a afirmação tem muito a dizer a respeito do que se tem a ser analisado sobre as práticas de lazer desenvolvidas naquela cidade. Mesmo que não seja objetivo deste trabalho descrever todos os equipamentos de lazer da cidade, quando penso nas opções encontradas nos lugares por onde observei, a variedade é significativamente restrita,

sendo limitados quase sempre a bares, restaurantes ou casas noturnas. Tal fato se torna ainda mais surpreendente quando se tem em mente que os principais espaços destinados ao lazer estão concentrados na região central da cidade.

A centralização dos equipamentos de lazer²⁴ em determinada região da cidade desencadeia uma série de perspectivas que são capazes de influenciar no ritmo/forma de vida dos moradores locais. Sobre este aspecto, Cruz (2001, p. 88) destaca que

[...] o que se observa nas cidades é uma organização que contribui para a exclusão. Um espaço urbano onde os equipamentos de entretenimento destinados ao público em geral são concentrados, reduzidos e carentes de boa manutenção. Uma exclusão que significa e negação, à maioria da população, do acesso ao encontro, às vivências culturais, aos prazeres da vida, enfim, àquilo que hoje conhecemos pelo nome de lazer.

Portanto, pode-se dizer que tal fato contribui na segregação da oferta de lazer para o público diamantinense, uma vez que a necessidade em se deslocar para outros bairros pode fazer com que as pessoas se sintam desmotivadas a buscar por opções em outros lugares, tendo em vista que a centralização dos espaços de lazer tende a beneficiar apenas aqueles que moram próximos a estes equipamentos, reforçando os apontamentos de Camargo (1999) quando diz que para que as pessoas possam usufruir dos equipamentos e espaços de lazer, é necessário que estes estejam próximos a suas residências, para se evitar os possíveis transtornos advindos da locomoção.

Aliado a isso, têm-se a questão do tempo disponível para a realização de tais atividades, pois “ao se considerar o espaço é preciso que se considere o tempo. [...] os usos de um se desdobram nos usos do outro, e vice-versa (MARCELLINO, 2002 p. 69). Tendo em vista a posição que o trabalho ocupa no cotidiano do homem contemporâneo, o tempo de não trabalho, quando hipoteticamente as pessoas poderiam se dedicar a realizar atividades que não estão ligadas à sua rotina laboral, acaba se aproveitando destes momentos para realizarem suas tarefas habituais ou mesmo para o descanso. A esse respeito, Marcellino (2002, p. 23) pondera que

embora possa ser discutida a qualidade das ocupações desenvolvidas pelas pessoas no seu tempo disponível, não se pode negar que ele é preenchido com atividades. No entanto, quando se observa a realidade concreta, verifica-se um rompimento do quando ideal do desenvolvimento do lazer pela população em geral, podendo ser observado que, mesmo em cidades de ‘tradição’, no que se refere a essa esfera de atividade, como o Rio de Janeiro, por exemplo, grande parcela dos habitantes trabalha nos finais de semana e, mesmo as pessoas que não exercem atividades profissionais,

²⁴ Entendimentos acerca de espaços e equipamentos de lazer podem se confundir, entretanto Marcellino (2002) pondera que o espaço pode ser entendido como o suporte para os equipamentos. Equipamentos são compreendidos como objetos que organizam o espaço em função de determinada atividade. Desta forma, é possível se exercer atividades de lazer sem um equipamento, entretanto não é possível se exercer atividades de lazer sem a existência de um espaço.

restringem suas programações, a grande maioria ficando presa ao ambiente doméstico.

Sendo assim, noto que as casas das pessoas que residem em Diamantina são um importante espaço para a prática de lazer, tendo em vista que a pouca oferta, ou a distância dos equipamentos contribuem para que os mesmos desenvolvam suas atividades dentro de suas próprias residências como assistir televisão, navegar na internet, ou até mesmo no desenvolvimento de práticas lúdicas.

Aliado a esta questão, existe também o fato de uma parcela significativa dos equipamentos de lazer serem geridos pela iniciativa privada, que os enxerga como mercadorias a serem oferecidas aos consumidores na busca pelo lucro. Sendo assim, como dito, os principais espaços de lazer identificados na região pesquisada dizem respeito a bares e restaurantes. É imprescindível, para exemplificar tal questão, que se utilize a Rua da Quitanda (figura 10), a qual é fechada para o fluxo de veículos, o que possibilita que os diversos bares localizados no local distribuam suas mesas ao longo da mesma. Tal localidade é um dos principais pontos de encontro entre pessoas na cidade. Independente ao dia da semana, ou ao horário do dia, é comum encontrar pessoas sentadas nas tradicionais cadeiras de madeira equilibradas nos calçamentos irregulares ao longo da via aladeirada.

Figura 10 – Rua da Quitanda



Fonte: Acervo do autor (2011).

Nos bares distribuídos pelo caminho em questão, todo tipo de público se faz presente. Jovens, adultos e crianças se misturam uns aos outros, fazendo com que o ambiente seja utilizado tanto por famílias, quanto por grupos de jovens (principalmente os universitários da

cidade) ou pelos turistas. Marcellino (2002) aponta que em geral os bares vem perdendo suas características de ponto de encontro, embora algumas iniciativas ocorram para atividades como exposições, lançamentos de livros, músicas ao vivo etc. O autor ainda acrescenta que “essas iniciativas quase sempre se restringem aos chamados ‘barzinhos’. Os tradicionais ‘botequins’ são substituídos pelas lanchonetes, os *fast foods*, onde o consumo é rápido, e a convivência, desestimulada” (MARCELLINO, 2002, p. 73). Entretanto Diamantina aparenta estar em contrapartida desta lógica econômica, tendo em vista que seus bares permanecem com as características que possibilitem a sociabilidade entre as pessoas. Inclusive, em meio aos bares da Rua da Quitanda, existe uma lanchonete, de uma pequena rede mineira, a qual sugere um fluxo contínuo de pessoas, mas que se adaptou à temática local, onde existem mesas no exterior do estabelecimento, as quais são utilizadas pelas pessoas que desejam passar maior tempo no local, bem como mesas em seu interior, em geral utilizada por aqueles que desejam apenas realizarem uma breve refeição e saírem.

Outro equipamento de lazer que merece destaque é o Mercado Municipal (figura 11), construído no ano de 1835 para servir como ponto de descarregamento e venda de mercadorias entre os comerciantes e mineradores que passavam pela cidade. Atualmente o lugar serve de espaço para realização de diversos eventos, bem como as feiras que ocorrem às sextas e sábados nas quais sempre ocorrem apresentações musicais de artistas da região. Em todas as sextas-feiras acontece a partir das dezoito horas a popular “sexta nossa”, onde são vendidos pratos típicos da culinária mineira, bem como bebidas variadas. Neste dia da semana, o público em geral é composto por adultos, dentre os quais é possível identificar predominantemente turistas sentados às mesas, bem como alguns poucos moradores locais. Já aos sábados pela manhã a variedade entre as pessoas é bem mais latente. Em meio aos estandes de artesanato, comidas, ou mesmo de hortaliças se encontram desde crianças, até idosos, turistas, universitários e moradores local. Percebo que ali é um importante ponto de encontro e sociabilidade para as pessoas que estão na cidade, o qual permite que os mais distintos públicos possam desfrutar por momentos de lazer, independente à classe social, grupo que ocupa na sociedade, idade ou sexo.

Figura 11 – Praça do Mercado



Fonte: Acervo do autor (2011).

Em frente ao mercado também se encontra a Praça Barão de Guaicuí (figura 12), onde estão localizados alguns bancos em que é possível encontrar pessoas sentadas principalmente no fim de tarde. Embora seja difícil de se encontrar um consenso na conceituação para a palavra praça, Robba e Macedo (2003, p. 17) a define como “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”. Apesar desta não ser uma definição que a caracterize em sua totalidade, ela ajuda a compreender o real objetivo destes espaços, o qual tem o lazer como ponto focal para o seu desenvolvimento. Ainda que as atividades de lazer sejam o principal meio que justifique a existência das praças, no espaço em questão, não existem equipamentos que incentivem o desenvolvimento de práticas lúdicas. Como dito, o espaço dispõe apenas de bancos, os quais são utilizados pelas pessoas que estão transitando pelos arredores, sendo pouco provável que os mesmos se desloquem até o lugar para desenvolver algum tipo de atividade, com exceção dos dias em que há algum evento no local.

Figura 12 – Praça Barão de Guaicuí



Fonte: Acervo do autor (2011).

Ademais, Diamantina é uma cidade com um considerável patrimônio artístico e histórico, o qual contribui para a oferta de espaços de lazer, os quais vão desde museus, a institutos e casarões. É notório que as atividades desenvolvidas nestes espaços são desenvolvidas em geral para o público visitante da cidade, onde vez ou outra acontecem ações que visem a participação da população local, o que faz com que os autóctones quase nunca frequentem os espaços tidos como patrimônio local. Sobre esta temática, Marcellino (2002) aponta que a participação da população em atividades realizadas nos equipamentos específicos, principalmente naqueles que são dirigidos às áreas de interesses intelectuais e artísticos, como as bibliotecas, museus, galerias de arte, teatro etc., frequentemente possuem uma participação dificultada e inibida pelo ar de santuário de que se revestem as construções e sua sistemática de utilização, principalmente quando são mantidos pelo poder público.

Um espaço interessante identificado durante as observações são as escadarias da Catedral Metropolitana da cidade, onde é comum ao longo do dia encontrar pessoas sentadas descansando, ou mesmo conversando entre si. É provável que durante o dia as pessoas que se utilizam deste espaço sejam aquelas que por algum motivo transitam pelo centro, e vão até o local para o rápido momento de descanso. Entretanto durante a noite, é comum identificar grupos de adolescentes que se encontram por ali para socialização com grupos de amigos. Sendo assim, a utilização de um espaço sem o mínimo de infraestrutura que permita recebe-los evidencia uma ausência de espaços que se destinem a sociabilidade destas pessoas.

De modo geral, possível identificar certa carência de espaços e equipamentos no ambiente pesquisado, o que de fato reafirma o que muito ouvi dos moradores locais quando

afirmam que em Diamantina não se tem nada para fazer. A dinâmica e o desenvolvimento destes espaços para que se possa assegurar o lazer a todos resultam do interesse de diversos agentes – políticos, entidades públicas e privadas, sociedade civil – a fim de que possam garantir que no processo de urbanização sejam assegurados além do progresso, a garantia de lugares que possibilitem o desenvolvimento de atividades a serem realizadas durante os momentos de ócio. Certa desarticulação visualizada frente a tais infraestruturas coloca em evidência não só as carências aqui apontadas, como também um contraste de renda entre as diferentes classes econômicas, além de uma certa exclusão social.

Este trabalho não tem a pretensão de concluir a respeito dos processos de lazer a cidade, tendo em vista que para que se possa obter conclusões mais apuradas sobre as práticas de lazer da cidade, se faz necessário estudos mais aprofundados que permitam identificar de fato as percepções dos indivíduos quanto aos espaços e equipamentos existentes, além de uma análise mais detalhadas sobre estes ambientes que permitam responder a perguntas como: qual seria a qualidade dos espaços existentes? Estes são adequados ou suficientes? Eles atendem a toda população? Entretanto, como objetivo proposto, pôde-se ter uma luz de como as atividades de lazer na cidade se desenvolvem, contribuindo para uma melhor elucidação do que será exposto no capítulo a seguir. Como conclusão, mesmo que assumindo certa simplicidade nas análises, com a pesquisa aqui realizada pude identificar que de fato a cidade, principalmente o centro histórico, carece de áreas que permitam o desenvolvimento de atividades de lazer.

4 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Quando o meu neto tinha cinco anos de idade, comecei a perceber que ele tinha dificuldades em se locomover pela casa, pois ao passar pelas portas ele sempre batia a cabeças nas quinas. Foi aí que comecei a desconfiar que ele possuía problemas nas vistas. Por isso eu comentei com o meu filho que ele deveria levá-lo a um oculista. Ele o levou ao médico aqui em Diamantina, só que com o problema que o meu neto tinha, ele precisava de um especialista que só tinha lá em Belo Horizonte. Então o levamos até lá. Aí que veio a surpresa: o médico nos disse que o menino já estava quase completamente cego, e que devido ao avanço da doença, era pouco provável que ele voltasse a enxergar bem novamente, mas que mesmo não garantindo a cura, era indicado que ele passasse por uma cirurgia.

Com essa cirurgia, mais um problema apareceu, pois esse procedimento ficaria por aproximadamente cinco mil reais. Esse dinheiro há oito anos era muita coisa, e nós não tínhamos muitas condições para bancar isso. Eu perguntei para o médico se ele poderia dividir esse valor para mim, porque não tínhamos esse dinheiro em mãos, aí ele falou que não, e para piorar ainda mais falou que só tínhamos no máximo um mês para realizar a cirurgia, porque o problema dele já estava avançado demais.

Na situação que a gente se encontrava foi aquela choradeira toda, meu filho e minha nora entraram em desespero. Eu sou muito tranquila com relação à doença, não adianta se preocupar demais, tem que se ter um autocontrole. Foi então que eu falei com eles que não precisavam se preocupar porque eu iria dar um jeito. Assim que voltamos pra Diamantina eu fui na casa da minha irmã, e comentei com ela o que estava acontecendo. Foi aí que ela me disse que tinha uma amiga que era agiota, e que ela poderia conversar com ela, e que essa moça me emprestaria o dinheiro.

Quando a moça falou que me emprestaria o dinheiro, eu fui lá conversar com ela. Olha só como o Divino anda com a gente, eu disse para ela que precisaria de seis mil reais, porque também tinha que pagar as despesas com o hospital, aí ela disse assim: “não tem problema não, eu te empresto o dinheiro, e você me paga em dez vezes de seiscentos e sessenta reais”. Olha que coisa boa!

Peguei o dinheiro, e paguei a operação. Quando o menino operou, ele dormiu no hospital, porque no dia seguinte tem que tirar a venda que é colocada no olho. Depois da cirurgia o médico chegou perto da gente e falou assim: “olha, vamos ter que tirar essa venda que eu coloquei nele, e vocês não se assustem, porque é normal que ao tirar o olho fique todo coberto

de sangue, e como o problema dele é grave, eu não estou garantindo a cirurgia”. Aí todo mundo começou a berrar de novo. Ô povo escandaloso o meu. Aí eu falei assim com meu filho: “eu entreguei nas mãos do Divino Espírito Santo, e tenho certeza de que ele vai voltar a enxergar, pode ter certeza”.

No dia seguinte quando o médico passou lá, ao tirar a venda ele exclamou alguma coisa que eu não entendi muito bem o que foi. Na hora eu perguntei: “o que foi doutor, deu errado?”. Ele falou: “não, uai, não tem nem uma gota de sangue nos olhos desse menino”. Na hora que eu olhei os olhos dele, estava normal, iguais aos nossos. Aí o médico falou: “mas eu não estou entendendo”, e eu disse: “você não precisa entender não, eu sei o que foi”.

Depois disso o meu neto veio para casa, e se você ver ele hoje, nem imagina pelo que ele passou. Hoje ele usa um óculos normal, porque nós achamos que ele ia usar esses tipo fundo de garrafa. Aí uns dias depois da recuperação dele, eu peguei ele e levei ele na igreja e falei: “olha meu neto, vamos lá agradecer ao Divino Espírito Santo porque ele te curou”. Quando nós chegamos lá no altar perto do Divino, eu achei tão bonitinho, porque ele chegou lá e falou: “ó, você que me curou né, muito obrigado”.

No ano seguinte eu organizei a Festa do Divino aqui da cidade como forma de agradecimento a benção recebida. Então eu sou devotíssima dele, eu acredito piamente que ele está comigo.

O enredo desta história foi retirado de uma das entrevistas realizadas durante a realização desta pesquisa, contado por uma senhora quando indagada do porquê de ter se disponibilizado em determinado ano para a realização das comemorações em prol do Divino Espírito Santo. Optei por iniciar este capítulo com esta história, pois ela tem muito a demonstrar sobre a temática que envolve a festa.

A Festa do Divino Espírito Santo é realizada em diversas cidades do mundo, a qual sempre é comemorada de modo exuberante, onde cores e formas em movimento constituem um forte apelo estético sempre presente. Diversos são os autores, como Brandão (1978), Salvador (1987), Abreu (1999), Cascudo (1962), Moraes Filho (1999) e Van Gennep (1947), por exemplo, que produziram literatura a respeito da festa do Divino a redor do mundo, os quais abordam sobre perspectivas folclóricas, históricas, antropológicas, dentre outras. Apesar da ampliada gama de publicações sobre esse tema, em nenhuma foi possível identificar estudos que se propusessem a relacionar esta temática com práticas de lazer. Desta forma, se fez

necessária a utilização de distintas referências bibliográficas que permitissem nortear as discussões aqui apresentadas.

O culto ao Divino Espírito Santo, segundo pesquisadores como Cascudo (1962), Silva (2001) e Abreu (1999), têm origem no século XIII em Portugal a partir do Século XIII o qual foi instituído pela Rainha Isabel, também conhecida como Rainha Santa, esposa do Rei Dom Diniz, iniciada com a construção da Igreja do Espírito Santo na vila de Alenquer no ano de 1325. Cascudo (1962) ainda complementa que em início a festa se dava de forma simples, apenas com distribuição de esmolas, se tornando auspiciosa apenas no século XVII sob o reinado de Dom João IV. A partir daí a festa ganha tons majestosos, com uma corte organizada.

Etzel (1995) ainda aponta que apesar de se acreditar que estas comemorações tenham vindo com os primeiros portugueses, foi somente no fim do Século XIX que ela teve pleno desenvolvimento. Por se tratar de uma festa luso-brasileira, ela pode ser visualizada como um elo articulador entre Brasil e Portugal no contexto histórico da colonização. Amaral (1988) pondera que as festas parecem ter tido início nas áreas de mineração do ouro como Minas Gerais e Goiás. Sobre isto, ela ainda acrescenta que “A respeito dos primeiros tempos da Festa do Divino no Brasil e as formas pelas quais teria sido levada à região central, existem poucas e imprecisas informações, tanto nos vários autores que dela trataram como também segundo alguns moradores desta região” (AMARAL, 1998, p. 86).

Muitas são as cidades brasileiras que realizam a Festa do Divino pelo Brasil, desta forma, vale destacar que em cada região estas comemorações adquirem especificidades que variam de acordo com questões culturais de cada uma. Entretanto em todas estas regiões é comemorado o episódio bíblico da descida do céu do Espírito Santo em formas de línguas de fogo sob os apóstolos de Jesus, sendo representada iconograficamente por uma figura de uma pomba. Com data móvel que segue o calendário cristão, ela é celebrada no dia de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa.

Muitas são as particularidades das festas, o que determinaria um exaustivo trabalho ao se tentar comparar as principais Festas do Divino realizadas pelo Brasil, haja vista que falar nas comemorações do dia de Pentecostes em território nacional não denota falar em uma única festa, mas de várias com as mais distintas facetas. Desta forma me atentarei em descrever a festividade realizada em Diamantina, haja vista que ela por si só já é entremeada por diversos símbolos e momentos.

4.1 A Festa do Divino Espírito Santo em Diamantina

Não existe documentação oficial onde seja possível identificar exatamente o momento em que a comemoração em prol do Divino Espírito Santo chegou à Diamantina, entretanto, de acordo com a narrativa popular, esta é uma das festas mais antigas realizadas na cidade. Mesmo que esta tenha o seu ápice no domingo de Pentecostes, as celebrações na cidade duram dez dias em que ocorrem diversos eventos, os quais serão expostos mais à frente. Entretanto, a organização de um novo festejo inicia no mesmo dia em que o outro termina, tendo em vista que diversas ações são realizadas em prol de tais atividades que visem arrecadar fundos para que a mesma ocorra, sem contar no exaustivo trabalho que é necessário na confecção dos estandartes, vestimentas e demais acessórios.

No ano de 2014, no qual tive a oportunidade de realizar a pesquisa para o presente trabalho, o organizador das festividades foi o Senhor Carlos Moraes, o qual apesar de não residir em Diamantina, possui uma significativa ligação com a cidade. Este também já havia assumido a mesma função no ano de 2010. Como ponderado anteriormente, as comemorações ocorreram de 30 de maio a 8 de junho, com vasta programação, a qual pode ser verificada no anexo B.

Tendo em vista que cada momento da festa é único, optei por apresentar separadamente cada um, mesmo que, como dito anteriormente, o ponto principal desta comemoração se dê no domingo com a realização do cortejo imperial.

4.1.1 *O Imperador*

Apesar de este ser um ícone presente no cortejo, o qual será abordado mais à frente, julgo pertinente apresentá-lo antes que qualquer personagem, haja vista que em muitos momentos será necessário fazer referência ao mesmo. Este pode ser considerada a figura central da festividade, também denominado de festeiro, ele é o responsável por organizar todos os momentos, bem como custear com recursos próprios, ou por ele arrecadados todos os custos das comemorações. Ele representa o Rei perante toda a corte que também é representada durante o cortejo. Segundo história oral, tal tradição iniciou-se quando a Rainha Isabel convidou o clero, a nobreza e o povo para assistirem a Missa de Pentecostes. Nesse momento, a majestade convidou a pessoa mais pobre presente no local para ocupar o lugar do rei, o qual foi coroado pelo bispo que celebrava a cerimônia. Nos anos seguintes, mandou-se fazer coroas semelhantes à do rei em todas as regiões de Portugal e colônias.

Tal ato que se repetiu ao longo dos séculos mantém a simbologia de que o imperador seria alguém abençoado pelo Divino Espírito Santo. Desta forma, era tradição na cidade de Diamantina que os imperadores dos sete últimos anos se reunissem no último dia das comemorações para indicar sete nomes que pudessem ocupar este cargo. Assim, era feito um sorteio, onde o nome que saísse por três vezes seria eleito o festeiro do ano seguinte. Sobre este momento, Couto (2002, p. 187) descreve:

Estamos entre uma e duas horas da tarde. Paira na cidade um momento de ansiedade. É que no consistório da Imperial Capela de Nossa Senhora do Amparo, sorteia-se o novo imperador do Divino que substituirá o que hoje entrega a coroa. No instante em que os sinos repicam anunciando a escolha de um dos nomes da grande lista organizada, os corações pulsam desordenadamente [...]. Agora um só coração continua na sua marcha taquicárdica, enquanto os outros aliviam-se satisfeitos. Muitos recebem a escolha com prazer e alguns até promessa fazem para ser contemplados com o título, enquanto outros, conhecendo o peso da festa e as preocupações procuram todos os meios dela se esquivar.

Entretanto nos dias de hoje, a eleição de um novo imperador já não é mais feita por meio do sorteio como há anos atrás, haja vista que muitos dos sorteados já não estavam mais se dispondo a assumir a tarefa, fazendo com que não houvesse tal comemoração no ano seguinte, como aconteceu no ano de 1991. Atualmente há sempre uma pessoa que se voluntaria a assumir o posto de imperador.

4.1.2 A Missa da Alvorada

Marcada para as sete da manhã, saio de casa às seis e meia objetivando chegar com antecedência ao local para que pudesse acompanhar toda a trama envolvida neste dia. Dou dois passos na rua, e começo a ouvir um som advindo do repique dos sinos que anunciavam o início das comemorações em prol do Divino Espírito Santo. No trajeto cruzo com poucas pessoas, as quais aparentemente estão indo trabalhar, ou estudar. O frio predominante na cidade serrana nesta época do ano parece estar acentuado até que o sol apareça no céu por completo.

Com uma breve caminhada, chego à capela em poucos minutos. Lá me deparo com algumas pessoas, aparentemente muito atarefadas transitando de um lado para o outro no ambiente. Quando finalmente os identifico, noto que juntamente com o festeiro estão as pessoas que se disponibilizaram em ajudar na realização de tudo, todos trabalhando juntos para deixar o local em ordem para receber as pessoas. Posicionei-me no banco ao fundo, onde pude ter uma melhor visualização de todo o espaço, facilitando a observação. Ali pude perceber que o templo

havia sido decorado com diversas esculturas de pomba em madeira, bem como alguns arranjos de flores junto ao altar.

Pouco a pouco vão chegando as pessoas, em sua maioria senhoras idosas, que em geral conhecem uns aos outros, tendo em vista que ao adentrarem no recinto se cumprimentam e aproveitam enquanto a celebração não inicia para conversarem entre si. Entretanto tal atitude não é unânime, uma vez que uma parcela destes indivíduos se ajoelha para rezarem assim que tem a oportunidade de escolher o lugar onde ficarão.

Pontualmente às sete horas o padre inicia a celebração, a qual dura aproximadamente uma hora (figura 13). Suas falas em geral fazem referência à terceira pessoa da trindade²⁵, e do quanto importante é a data de Pentecostes para o catolicismo. Ao fim, o padre encerra convidando a todos os presentes a se dirigirem até a sacristia onde foi servido o tradicional bolo de arroz. Espero até que todos se desloquem até o local, e quando adentro o recinto, após todos já acomodados, percebo a atmosfera festiva pela qual o ambiente foi transformado. Em uma mesa ao centro estão dispostas três cestas recheadas com pedaços de bolo de arroz²⁶, cada um embrulhado em um guardanapo personalizado identificando o nome da festa e o nome da cidade em que a mesma ocorre (figura 14).

²⁵ A Santíssima trindade é um mistério composta por três pessoas: Pai, que é representado por Deus (primeira); Filho, representado por Jesus Cristo (segunda pessoa); Espírito Santo, representado pelo amor do Pai e do Filho (terceira pessoa).

²⁶ O bolo de arroz faz parte da tradição da cidade, o qual ao longo da história era feito para alimentar os romeiros que vinham de outra cidade para as celebrações. Atualmente ele é servido pelo festeiro a todos os presentes na missa da alvorada para que se mantenha a tradição. Tal quitanda, de cor amarelada, possui um sabor bem acentuado de canela, o que faz com que se não fosse o seu próprio nome, seria difícil identificar o principal ingrediente da receita. Tamanha é a importância deste alimento para a cultura local, que o modo de fazer do mesmo é atualmente registrado como patrimônio imaterial local.

Figura 13 – Missa da Alvorada na Capela do Amparo



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 14 – Bolo de Arroz



Fonte: Acervo do Autor (2014).

A sociabilidade entre as pessoas neste local é latente, uma vez que o momento de descontração acompanhado do lanche servido com café ou chá cria um ambiente favorável para um momento de diversão entre os indivíduos ali presentes (figura 15). Tamanho era o entrosamento entre todos, que aquele momento poderia ser facilmente comparado a uma comemoração familiar, como uma festa de aniversário mais intimista, ou mesmo um encontro de parentes no final de semana. Todos permanecem ali entre trinta a quarenta minutos, até que pouco a pouco vão deixando o recinto, não sem antes se despedir e agradecer ao festeiro e as pessoas que o ajudaram.

Figura 15 – Distribuição do Bolo de Arroz



Fonte: Acervo do autor (2014).

4.1.3 A novena

No mesmo dia em que ocorreu a missa da alvorada, houve também o primeiro dia da celebração noturna que aconteceu regularmente por nove dias consecutivos. Como já disse anteriormente, no ano em que realizei a pesquisa, a Festa do Divino coincidiu com Festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade, o que fez com que as celebrações que tradicionalmente acontecem na Capela do Amparo fossem realizadas na Catedral Metropolitana. Desta forma, somente o primeiro dia da novena ocorreu no templo como ocorre tradicionalmente, haja vista que somente no segundo dia é que se iniciava também a trezena em prol do padroeiro local.

Pela noite, a celebração reuniu um número muito maior de fiéis que pela manhã, além de reunir um público bastante heterogêneo com pessoas de todas as idades, sendo bastante comum identificar aparentes grupos familiares. A partir do segundo dia, tendo em vista que a celebração desta festa se uniu a outra passando a ser celebrada na Catedral, foi notório um expressivo aumento de pessoas (figura 16). Lá, não havia uma decoração mais ostensiva como na capela, apenas era possível identificar ao lado esquerdo do altar a representação do divino acima da imagem de Santo Antônio, ambos rodeados por arranjos de flores em meio a dois castiçais (figura 17).

Figura 16 – Novena na Catedral Metropolitana.



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 17 – Representação do Divino Espírito Santo



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Durante as novenas, é pertinente destacar a quinta-feira na qual após a celebração religiosa houve dentro do templo um concerto com a Banda do Terceiro Batalhão da Polícia Militar juntamente com o Coral do Conservatório Lobo de Mesquita (figura 18). Ali foram apresentadas diversas músicas nos mais variados estilos. O ritmo entoado pelos artistas fez com que uma atmosfera festiva adentrasse ao recinto, uma vez que as canções apresentadas nem

sempre eram de cunho religioso, o que de certa forma contribuiu para que eu esquecesse que estava dentro de um ambiente sagrado. Ali era comum identificar pessoas acompanhando o compasso das músicas com os pés, ou até mesmo sutilmente balançando os corpos quando tocavam melodias mais animadas.

Figura 18 – Apresentação Musical Na Catedral Metropolitana



Fonte: Acervo do autor (2014).

A partir do dia seis iniciaram-se após as novenas as tradicionais barraquinhas, como é de costuma durante as comemorações na Festa de Santo Antônio. O Evento era realizado na chamada Praça do Mercado, onde as barracas vendiam comidas típicas de festa junina bem como ocorriam diversas apresentações artísticas e culturais com bandas da cidade além de danças de quadrilha. Desta forma, boa parte das pessoas, ao sair das celebrações se dirigia à praça, a qual independente ao dia da semana sempre ficava repleta de pessoas, visivelmente de forma mais numerosa que dentro da catedral.

4.1.4 Procissão dos Milagres

É costume que a tradicional procissão dos milagres saia da Catedral e vá até a Capela do Amparo, entretanto tendo em vista a alteração do lugar das celebrações, este trajeto foi invertido. Sendo assim na sexta-feira que antecede o cortejo pouco após anoitecer saía da Capela um fluxo de pessoas em procissão em direção à Catedral. Devotos seguiam enfileirados de ambos os lados da rua, a grande maioria levando consigo velas acesas que alimentavam o itinerário com um brilho especial. Ao meio seguiam algumas pessoas que levavam nas mãos as

dádivas em cera (objetos esculpidos em formato de alguma parte do corpo), as quais foram prometidas ao Divino pela cura de alguma enfermidade, seguidos pelo Imperador e parte de sua corte, acompanhado pelos clérigos. O caminhar era embalado pela Banda da Polícia Militar a qual só executa o hino oficial da festa – a folia do divino.

Ao chegarem até a Catedral, as pessoas que levavam seus objetos em cera, os depositaram em um local específico próximo ao altar, e deu-se início à celebração como de costume. Infelizmente devido a um problema com a máquina fotográfica, perdi as fotos deste dia, o que impossibilitou a ilustração deste momento haja vista que também não consegui imagens em fontes secundárias.

4.1.5 Levantamento do Mastro

À noite os mordomos sorteados levantavam o mastro, que era em tempos idos anunciado durante o dia por ruidosos rufos de tambor, que dois pretos tocavam percorrendo as ruas da cidade. Grandes fogueiras armadas na praça ardiam à noite e ao espoucar da foguetaria era erguida no topo de um pau roliço a bandeira do Divino (COUTO, 2002, p. 190).

Como se pode verificar no trecho descrito por Couto, era tradição na cidade que as celebrações em torno do levantamento do mastro fossem oferecidas a uma pessoa ou mais, as quais se tornariam as responsáveis pela execução das mesmas. Entretanto, atualmente é o próprio festeiro que também se responsabiliza por organizar toda esta questão. Sobre este aspecto é possível melhor visualizar esta questão no trecho a seguir retirado de uma das entrevistas realizadas:

No ano de noventa e cinco eu convidei um amigo para que fosse o mordomo do mastro para mim. Ele convidou mais dez pessoas e eu não me preocupei com essa questão. Agora não, o mastro fica por conta do festeiro. Complicou muito. E até esse tempo que o prefeito era um padre, ele me ofereceu para pagar o mastro para mim, então eu fiquei tranquila. Essas festas todas que eu fiz na gestão dele, eu não preoquei. Só que teve um ano, faltado quinze dias para festa, o menino lá da prefeitura me ligou falando que não tinha verba, e que não pagariam o mastro. Eu quase fiquei doida, porque na verdade quatro mil real para muita gente pode não ser nada. Mas para gente é muita coisa. Eu já tinha encomendado com o cara, então eu liguei para ele perguntando o que a gente ia fazer, porque eu achava que não ia fazer. Ele disse; ‘não, vamos fazer o seguinte, eu vou dar à senhora um prazo para me pagar. De 45 a 60 dias, a senhora faz um mastro simples. Ele tirou quatrocentos reais para mim, fez por três e seiscentos. Aí meu marido teve a ideia de fazer uma cartinha para os nossos amigos. A gente tem muitos amigos e pediu 100 reais cada um. Acabou que recebemos mais do que quatro mil reais, paguei o mastro todo e ainda pude pagar o bolo de arroz (Mariana).

Sendo assim, no sábado do dia sete, antes que se iniciem a celebração da novena, um grupo de pessoas se dirigiu até a residência da imperatriz, personagem do cortejo que será

apresentado mais à frente, para buscar a bandeira do Divino. De lá saíram todos em procissão com destino a Catedral, onde o imperador leva consigo a bandeira sendo acompanhado por parte de sua corte. Ao chegar ao templo religioso, têm-se a celebração como de costume.

Ao fim da novena saem todos novamente em procissão acompanhados mais uma vez pela Banda da Polícia Militar seguindo o trajeto até chegarem a Praça Doutor Prado. Chegando lá, os responsáveis pelo mastro empunham a bandeira no topo do mesmo e o conduzem de forma que o mesmo fique de pé. Neste momento inicia-se o chamado show pirotécnico onde fogos de artifício iluminam o céu da cidade. Assim como na procissão dos milagres, o mesmo problema com a máquina fotográfica impediu a ilustração do evento em questão.

4.2 Cortejo Imperial e Procissão do Divino

Neste ponto julgo pertinente iniciar uma nova seção, pois o tradicional Cortejo Imperial é tido como um dos principais momentos das comemorações, haja vista as inúmeras particularidades que permeia o mesmo, as quais merecem um melhor destaque. Momento de encerramento das comemorações, este evento em particular é tido por muitos como o mais belo frente aos demais, e visivelmente é o que atrai mais pessoas, bem como o mais difundido na divulgação de atrativos para os turistas. O mesmo é composto por dois momentos em que o primeiro é considerado a parte litúrgica onde são representadas questões pertinentes à religião católica, e a segundo a parte, considerada folclórica em que são feitas representações da corte portuguesa.

Domingo pela manhã, saio logo cedo de casa com destino à Casa da Glória onde as pessoas se concentrarão para se arrumar e saírem no cortejo, opto por chegar mais cedo para que possa acompanhar tudo que acontece antes do evento em questão. Ao se caminhar às sete da manhã do primeiro dia da semana no centro histórico diamantinense em dias comuns, pode-se ter a sensação de estar sozinho, sem ninguém ao seu redor. Os comércios ainda estão fechados, e as pessoas não saíram de suas casas, raros são os momentos em que se cruza com alguém. Entretanto neste dia em especial ao colocar os pés fora de casa já percebo que esta manhã está longe de ser como as demais. Percebo pessoas transitando pelas ruas, um movimento incomum de veículos, bem como burburinhos advindos de dentro das residências, além do frequente ruído de secador de cabelo quando passava em frente aos inúmeros salões de beleza existentes ao longo do trajeto. Logo penso: “Diamantina caiu da cama”.

Chego ao destino no mesmo momento em que os responsáveis por organizar a festa. Antes que pudesse dizer bom dia aos presentes, uma senhora, a qual conheci durante o período

de observações, já se aproximou perguntou se eu poderia ajudar o seu marido a retirar do carro algumas caixas que eles haviam trazido. De imediato me prontifiquei a ajudá-los, e antes que terminássemos de descarregar o veículo já surgiram outros afazeres que aparentemente não acabariam tão cedo. Recordo-me que entre uma tarefa e outra, sempre mantinha o foco em estar atento a tudo que acontecia ao redor, mas por mais alerta que estivesse, jamais conseguiria acompanhar tudo o que ocorria, haja vista que simultaneamente diversas pessoas executavam distintas tarefas em diferentes espaços. De início só estavam presente no local as pessoas que de alguma forma estavam envolvidas com a organização daquilo tudo.

Pouco a pouco foram chegando aqueles que participariam do cortejo, a maioria com suas fantasias em mãos buscando o lugar onde as vestiriam. Antes que pudesse perceber, o ambiente se encheu de pessoas por todas as partes, cada um buscando um espaço para se preparar. Nesse momento percebo um sentimento de altruísmo entre os que ali estavam presentes. Os que já estavam prontos procuravam ajudar os que ainda estavam se arrumando, os organizadores em ritmo acelerado se articulavam entre si para que pudessem atender todas as demandas, e até mesmo mães que levavam seus filhos para participarem, acabavam encontrando alguma tarefa extra além de unicamente preparar suas crianças (figura 19). Aos poucos o ambiente passou a estar repleto de querubins, damas da corte portuguesa, baianas, santos, dentre os mais variados personagens (figura 20).

Figura 19 – Preparação para o Cortejo



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 20 – Concentração Para Saída do Cortejo



Fonte: Acervo do Autor (2014)

O relógio já marcava nove horas, horário marcado para início da procissão, e os preparativos estavam longe de estarem concluídos para que tudo pudesse começar. A esta altura, boa parte dos participantes já aguardavam no meio da rua, apenas alguns atrasados ainda se aprontavam do lado de dentro. Visivelmente algumas crianças já apresentavam sinais de

impaciência em ter que ficar esperando, entretanto, os mais velhos e os adolescentes pouco pareciam se importar com o atraso, pelo contrário, aproveitavam o momento para tirar fotografias, e conversarem entre si. Finalmente por volta das dez horas os organizadores, todos devidamente identificados de camisas vermelhas, começaram a indicar o local onde cada pessoa deveria se posicionar (figura 21). Ao pé do morro, já era possível notar um aglomerado de pessoas aguardando o início do cortejo (figura 22).

Figura 21 – Organização da Procissão



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 22 – Público Aguardando o Cortejo



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Por volta das dez e meia estavam todos prontos e em seus lugares para que se pudesse dar início ao evento. Foi olhando as pessoas ali reunidas com um único sentido é que tive a real percepção da grandiosidade que aquilo tudo representava. Todas as vestimentas eram cuidadosamente costuradas e bordadas em seus mínimos detalhes, cada estandarte, todos feitos à mão, eram de significativa beleza que seriam dignos de receber o título de obras de arte, além dos inúmeros acessórios e bandeira requintadamente produzidos exclusivamente para a Festa do Divino. As cores branca e vermelha se destacam frente às demais, onde a primeira simboliza a paz, e a segunda o sangue de Jesus Cristo.

Finalmente o cortejo começa a descer as ladeiras da Rua da Glória. O primeiro grupo do cortejo diz respeito à parte litúrgica, a qual é dividida em dois blocos. À frente estão três as baianas, todas negras usando vestidos rendados cheios de babados, cada uma com uma cesta na mão recheadas com rosas artesanais as quais trazem um bombom em meio a suas pétalas, e um folheto junto ao caule que continha a oração ao Divino Espírito Santo (figura 23). Estas mulheres saíam em meio ao público localizado nas calçadas, distribuindo as flores como forma de agradecimento aos que ali estavam, simbolizando a invocação da proteção Divina sobre todos (figura 24).

Figura 23 – Baianas



Fonte: Acervo do autor (2014).

Figura 24 – Baiana distribuindo flores ao público presente



Fonte: Acervo do autor (2014).

Em seguida vão-se os coroinhas, um caminhando ao centro e levando consigo uma cruz, e outros dois em cada lado segurando individualmente um castiçal com uma vela dentro (figura 25). Logo atrás mais duas crianças empunhando a bandeira da Arquidiocese de Diamantina (figura 26). Estas carregando os símbolos do catolicismo representam a juventude cristã.

Figura 25 – Coroinhas com Símbolos Sagrados



Fonte: Acervo do autor (2014).

Figura 26 – Coroinhas com Bandeira da Arquidiocese de Diamantina



Fonte: Acervo do autor (2014).

Seguindo a procissão está localizado um homem usando túnica verde com uma capa vermelha o qual leva consigo o Esplendor do Divino, ladeado por duas crianças as quais também vestem vermelho. Logo atrás está também localizada uma jovem que carrega uma bíblia acompanhada por um anjo à sua frente e dois em cada lado (figura 27) Juntos eles representam nesta cena a soberania e a coragem dos apóstolos para divulgar o amor e paz que Jesus pregou aos homens.

Figura 27 – Esplendor do Divino à Frente e Bíblia ao Fundo



Fonte: Acervo do autor (2014).

Logo a seguir estão situadas quatro jovens, cada uma com a corneta na mão as quais entoam canções como se anunciassem a passagem do imperador (figura 28). Em seguida se encontra um casal de crianças levando consigo a bandeira do divino como forma de incentivar as novas gerações a crescerem com a responsabilidade de manter as tradições em louvor ao Divino, os quais são acompanhados logo atrás pelo Imperador que desfila pelas ruas trajado com suas vestimentas de veludo, e devidamente coroado como rei, saudando a todos e carregando consigo a bandeira do divino Espírito Santo²⁷ (figura 29).

Figura 28 – Corneteiras



Fonte: Acervo do Autor.

Figura 29 – Casal Mirim com Imperador ao Fundo



Fonte: Acervo do Autor.

²⁷ É tradição que o imperador saia acompanhado de sua esposa, entretanto como este não é casado, o mesmo saiu acompanhado de uma criança que o ajudou a amparar a bandeira.

Carregando consigo a representação de uma pomba pousada em um galho de trigo, uma jovem vestida de branco é acompanhada por dois anjos, os quais trazem nas mãos um candelabro. Juntas, elas representam a luz do Divino (figura 30).

Figura 30 – Luz do Divino



Fonte: Acervo do autor (2014).

Dentro de pequenos baús delicadamente decorados estão as medalhas, símbolo religioso do Divino Espírito Santo, as quais serão distribuídas às pessoas ao fim da festa (figura 31). Estes são levados por três jovens trajando vestidos vermelhos com coroas de flores nas cabeças as quais são seguidas por um casal em que a mulher carrega consigo uma tocha e o homem um estandarte que representa as línguas de fogo que desceram sobre os apóstolos (figura 32).

Figura 31 – Baú com Medalhas do Divino



Fonte: Acervo do Autor (2014)

Figura 32 – Meninas com Baús Seguidas por Casal.



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Em seguida estão as Virtudes Teologais, as quais são representadas por três moças trajando vestes de cores diferentes. A primeira com vestido verde interpreta a esperança, e leva

consigo a figura de uma âncora que simboliza a firmeza, a segunda de vestido branco interpreta a caridade levando nas mãos a figura de uma cruz simbolizando a pureza, e por fim a de vestido vermelho representando a fé e portando a figura de um coração, símbolo do amor (figura 33).

Figura 33 – Virtudes Teologais



Fonte: Acervo do autor (2014).

A corte angelical está presente na procissão, uma vez que os anjos simbolizam a corte celeste, representadas em duas alas onde os querubins estão vestidos com as principais cores da Festa do Divino: branco e vermelho (figuras 34 e 35). Em cada uma existe uma menina ao centro que ligadas por fitas conduzem o caminhar de todos.

Figura 34 – Corte Angelical de Anjos Brancos.



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 35 – Corte Angelical de Anjos Vermelhos.



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Trajando um vestido colorido, caminha em procissão sobre as ladeiras da cidade levando em mãos um globo terrestre com uma pomba em seu topo a Nossa Senhora do Mundo (figura 36). Ela simboliza as preces ao Divino para que interceda pela paz no planeta. Cada cor do seu vestido representa um continente: preto – África; vermelho – América; verde – Oceania; azul – Europa; amarelo – Ásia. Acompanhando um pouco mais arás também estão oito garotas, todas

trajando vestidos vermelhos com coroas de flores da mesma cor sob a cabeça, cada uma carregando consigo faixas com palavras bordadas (figura 37). Com exceção da que vai à frente das demais, onde em sua faixa está escrito a palavra “dons”, apresentando o que vem a seguir, as demais levam escritas que representam os dons do Divino Espírito Santo²⁸. São eles: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus.

Figura 36 – Nossa Senhora do Mundo



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 37 – Dons do Divino Espírito Santo



Fonte: Acervo do Autor (2014).

A seguir estão duas jovens, uma com vestido vermelho e outra com vestido branco com coroas de flores na cabeça, carregando uma faixa com os dizeres “Os frutos do Divino Espírito Santo na vida de Santo Antônio e na nossa” (figura 38). Elas apresentam ao público o tema da festa. Estes frutos dizem respeito ao conjunto de virtudes que a pessoa adquire quando se deixa dominar pelo Espírito Santo. São eles: mansidão, fidelidade, continência, castidade, bondade, modéstia, paciência, caridade, benignidade, longanimidade, paz e humanidade. Desta forma em seguida na procissão estão treze garotas, as quais apresentam um fruto bordado em seus vestidos brancos, com exceção da que vai à frente, seguindo a mesma lógica utilizada ao se representar os dons (figura 39)

²⁸ Os Dons do Divino Espírito Santo de acordo com a literatura bíblica, são os gestos de amor aos homens dados pela terceira pessoa da Santíssima Trindade como graça para auxiliá-los a crescerem na fé cristã, encorajar as almas e obterem as beatitudes evangélicas

Figura 38 – Tema da Festa

Fonte: – Acervo do Autor (2014).

Figura 39 – Os Frutos do Divino

Fonte: – Acervo do Autor (2014).

Finalizando a primeira parte litúrgica da festa, uma moça de vestes azuis carrega consigo um esplendor do Divino, a qual é acompanhada por Santo Antônio, tendo ao seu lado uma mulher trajando vermelho com uma cesta de pães nas mãos. Estes num todo simbolizam o tema da festa (figura 40).

Figura 40 – Representação do Tema da Festa.

Fonte: Acervo do autor (2014).

A segunda parte litúrgica faz alusão às aparições do Divino Espírito Santo. Sendo assim, a primeira aparição do Espírito Santo se deu quando um anjo desceu dos céus para anunciar a

Maria que ela ficaria grávida do filho de Deus. Para representar este momento, Maria caminha ao lado do Arcanjo Rafael (figura 41).

Figura 41 – Anunciação



Fonte: Acervo do autor (2014).

O segundo momento se dá quando é representado o batismo de Jesus, um evento bíblico no qual Jesus de Nazaré foi batizado por João Batista. Portanto um aparece caminhando ao lado do outro (figura 42). Ambos são seguidos por uma mulher e uma menina trajando vestes azul claras representando as águas em que Cristo foi batizado (figura 43).

Figura 42 – João Batista e Jesus Cristo



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 43 – Águas



Fonte: Acervo do Autor (2014).

A representação de Pentecostes é a parte central da procissão, tendo em vista que ela representa o dia em que o festejo é realizado. Portanto para simbolizar este momento está Jesus Cristo (figura 44), o qual vem seguido por um homem carregando o estandarte que representa o momento de Pentecostes, o qual também é amparado por um anjo (figura 45). Ainda estão nesta cena Maria portando um terço nas mãos, a qual é ladeada pelos doze apóstolos, os quais também cercam um rapaz trajando branco que leva consigo o esplendor do divino (figura 46).

Figura 44 – Jesus Cristo



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 45 – Estandarte de Pentecostes



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 46 – Maria, os Apóstolos e o Divino



Fonte: Acervo do autor (2014).

Finalizando a parte litúrgica, está uma mulher carregando uma bandeira com o tema da campanha da fraternidade de 2014: “É para a liberdade que Cristo nos libertou”. Dois Anjos encerram este momento carregando uma bandeira com as imagens da Festa do Divino (figura 47).

Figura 47 – Encerramento da Parte Litúrgica



Fonte: Acervo do autor (2014).

A parte Folclórica presente no cortejo compreende o momento profano inserido dentro de um contexto religioso. É aqui que toda a corte do imperador expõe o luxo e beleza que só quem está intimamente ligado à nobreza pode usufruir. É neste ponto que os vestidos se tornam mais rodados, as mangas mais bufantes, os penteados mais elaborados, os acessórios mais requintados... Para abrir caminho, e anunciar a passagem da fidalguia, um casal de crianças traz consigo a bandeira do império, a qual possui uma coroa bordada em seu centro (figura 48).

Figura 48 – Casal Mirim com Bandeira do Império



Fonte: Acervo do autor (2014).

Em seguida, caminha em meio à quatro príncipes a futura imperatriz do Divino, a qual está prestes a assumir seu novo posto (figura 49). Atrás dela mais um casal empunhando a bandeira do império do Divino, os quais vêm seguidos por aproximadamente trinta casais de damas e cavalheiros caminhando em fila, seguindo uma ordem onde crianças estão à frente até chegar aos adultos no fim (figuras 50 e 51).

Figura 49 – Futura Imperatriz



Fonte: Acervo do Autor (2014).

Figura 50 – Casal Com Bandeira do Império



Fonte: – Acervo do Autor (2014).

Figura 51 – Corte de Damas e Cavalheiros



Fonte: Acervo do autor (2014).

Com seu majestoso vestido de veludo vermelho, minunciosamente bordado em cada detalhe está a Imperatriz do Divino, representante máxima da parte folclórica do cortejo (figura 52). Esta, protegida por quatro príncipes, caminha pelas ruas da cidade ao som da “Folia do Divino” tocada pela Banda da Polícia Militar, emanando seu ar de nobreza com seu cetro empunhado, e com a cabeça devidamente coroada.

Figura 52 – Imperatriz do Divino



Fonte: Acervo do autor (2014).

Diferente do que se pode pensar de uma procissão religiosa, nesta o público não a acompanha como de costume. Aqui as pessoas se instalam nas calçadas, sempre buscando o lugar que lhe permite uma melhor visualização, e por ali assistem todo o cortejo passar. Muitos com seus celulares e câmeras fotográficas nas mãos buscam os melhores ângulos para registrarem o momento. Com a passagem dos personagens, os aplausos são constantes, a cada cena as pessoas aclamam todo o espetáculo ali presenciado. Quando paro para observar todo o público presente nas ruas é que me dou conta de que ali muito provavelmente existem várias centenas de pessoas

Quando o cortejo chega ao seu destino final, a catedral da cidade, muitos já estão o aguardando. Os bancos da frente estão reservados para todos os personagens que ilustraram o evento, com um lugar especial reservado à frente para atual e futura imperatriz, e para o imperador. Quando todos estão devidamente acomodados em seus lugares inicia-se a celebração da missa. Entre um momento e outro aproveito para visualizar o todo. Para minha surpresa os bancos do local estão repletos de lugares não ocupados. A surpresa é ainda maior quando noto que os bancos reservados à frente do templo para os participantes do festejo estão ocupados por menos que a metade da metade dos mais de duzentos personagens. Nesse momento vou até a rua e constato que muitos optaram por ficar ali, e que a maioria já havia tomado outros rumos.

No fim da celebração sobem ao altar o imperador e a imperatriz. O padre também convida para ocuparem aquele lugar um casal e sua filha. Em um simples ritual o atual festeiro passa a bandeira do Divino ao casal incumbindo-lhes o papel de organizar a próxima festa. Em seguida um casal de crianças se direciona o local levando um novo cetro e coroa. A imperatriz se posiciona de frente para a outra jovem e a entrega o cetro, além de coroá-la transferindo-lhe simbolicamente o título de imperatriz (figura 53). Nesse momento se encerra a Festa do Divino de 2014 e se inicia a Festa do Divino de 2015. A população presente se direciona à frente do templo a fim de cumprimentarem os envolvidos, e pegarem as medalhinhas ali distribuídas, e pouco a pouco vão deixando o ambiente.

Figura 53 – Coroação da Nova Imperatriz



Fonte: Acervo do autor (2014).

5 O LAZER E A FESTA DO DIVINO EM PALAVRAS

O tratamento dos dados obtidos com as entrevistas permitiu que se chegasse a sete categorias finais de conteúdo, material que será sistematicamente tratado nessa sessão. São eles: a) o lazer e as pessoas – percepções e sentimentos; b) o lazer e a cidade; c) festa religiosa de várias religiões; d) a festa da cidade; e) a festa das pessoas, as pessoas da festa; f) formas de participação, motivações, percepções e sentimentos; e g) o lazer e a festa.

5.1 O lazer e as pessoas – práticas, percepções e sentimentos

Quadro 6 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: O lazer e as pessoas: práticas, percepções e sentimentos

Categorias iniciais	Ideias-chave	Categoria Final
• Necessidade do lazer no cotidiano. • Valorização das práticas voltadas para o campo do lazer. • Prazer pelo lazer/lazer pelo prazer. • Ausência de tempo livre para dedicar ao lazer.	• O perfil dos entrevistados é de pessoas que valorizam o lazer, e que reconhecem a sua importância para o desenvolver de uma vida saudável. • Em face aos afazeres da vida rotineira, desenvolver as atividades ligadas ao lazer se torna como um catalizador para aliviar as tensões do dia a dia. • A ausência de tempo livre se torna uma problemática para o desenvolvimento de atividades voltadas ao lazer, algo que é agravado principalmente pela rotina laboral ou de estudos.	• O lazer e as pessoas – práticas, percepções e sentimentos.

Fonte: Elaboração própria.

Os conteúdos dos depoimentos são convergentes no que se refere à definição do termo lazer, uma vez que surgiram palavras-chave que em geral foram consenso em todas as narrativas, as quais variam entre “tempo livre”, “prazer”, “divertimento”, “descanso” e “fuga do cotidiano”.

Para mim lazer é aquilo que você faz quando está no seu tempo livre, quando a gente tem tempo para se dedicar a fazer alguma coisa que se gosta, que vai nos dar um certo prazer em estar ali desenvolvendo aquela atividade que foge da rotina do nosso dia a dia, e que nos vai permitir descansar; mas descansar não o corpo, porque às vezes realizamos alguma atividade física, mas descansamos a cabeça, a mente. (Pedro)

O depoimento acima demonstra uma percepção de forma geral de como as pessoas definiram o lazer, principalmente quando se observa os temas por eles apresentados, o qual vai

ao encontro com definições feitas em estudos já apontados neste trabalho (GOMES; ELIZALDE, 2002; DUMAZEDIER, 1973). É perceptível o apontamento para realização de tal atividade em momentos que se esteja livre de obrigações, seguindo a vontade própria de quem a executa, a qual pode propiciar momentos prazerosos que fogem da rotina. Apesar das percepções dos entrevistados acerca do lazer, como já apresentado, tratarem desta temática não apenas como uma mera extensão do tempo livre ou das atividades realizadas durante o mesmo, haja vista que ele não deve ser encarado como uma simples alternativa para se aliviar as apreensões da vida cotidiana. Como já apresentado por Gomes e Elizalde (2002), é preciso encarar o lazer como uma necessidade humana e dimensão da cultura, o qual é constituído a partir da articulação entre a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social.

Vale também destacar a importância que os entrevistados atribuem às práticas de atividades de lazer, haja vista que unanimemente fazem alusão à fundamental necessidade que a mesma possui no cotidiano pessoal.

Eu acho que o lazer é tão importante quanto qualquer outra atividade. Trabalhar é importante, o lazer é importante, estudar é importante, tudo é importante. O lazer para mim, eu sempre comento que o carro tem que parar para pôr gasolina. Então o lazer é um parar e abastecer. (Vitória)

Eu acho que o lazer tinha que ser maior. Porque as obrigações são maiores que o lazer próprio, mas o lazer, mesmo a carga horária sendo menor, é tão prazeroso que supre aquele tempo todo que você dedica ao trabalho, ao estudo, à outras coisas. Eu acho pouco, mas o pouco de tão intensidade que justifica a ausência dele com outras coisas. Eu acho que aqui deveria ter cinemas, falta o teatro, assim, ele vem, mas vem de dois em dois meses, eu acho que o espaço que o teatro dá para a gente é grande. Agora a música não, tem no mercadão aqui sexta feira, então toda sexta feira eu vou ao mercado. (Adriana)

Destaco a metáfora utilizada em um dos depoimentos, quando o entrevistado compara a vida à um automóvel, e referencia o lazer como um combustível. Nesse ponto, pode-se observar tamanha a importância dada a tal atividade na vida das pessoas, uma vez que sem a gasolina, o veículo em questão não anda, ou seja, sem o lazer a vida não flui. Muitas das falas apontavam para a necessidade em se ter maior tempo para o desenvolvimento das atividades de lazer, haja vista que frente às obrigações rotineiras, sobra pouco tempo para que se possa dedicar ao lazer. Sobre este ponto, Magnani (1984) aponta o lazer como parte integrante da vida das pessoas, o qual constitui, sem dúvida o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal; entretanto, apesar de seus benefícios, no atual cenário de condições de vida dos trabalhadores, o tempo em grande parte é utilizado para assegurar a sobrevivência.

Mesmo que no atual contexto tenha-se essa percepção de que sobra pouco tempo para dedicar-se às atividades em questão, dou destaque ao trecho acima citado: “*o lazer, mesmo a carga horária sendo menor, é tão prazeroso que supre aquele tempo todo que você dedica ao trabalho, ao estudo, à outras coisas*”. Tal narrativa indica que em geral as sensações propiciadas pelo lazer é que compensam a rotina cotidiana, mesmo que em teoria tais atividades também devessem ser responsáveis por atribuir certo prazer a quem as desenvolve. Sobre essa perspectiva Melo e Alves Junior (2012) complementam que o trabalho deveria também dar prazer aos sujeitos, entretanto da maneira como o mesmo tem se organizado, de forma extenuante e fragmentada, pode-se dizer que um número significativo de pessoas não tem prazer em sua jornada laboral, o que contribui para a compreensão de que a felicidade estaria restrita aos instantes de lazer, algo como “sou infeliz no trabalho, mas, no lazer, eu recupero a alegria”.

Ainda sob este ponto de vista, Magnani (1984) aponta o lazer como uma atividade marginal, a qual muitas vezes é tida como um instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, lugar enfim de algum prazer – mas talvez por isso mesmo possa oferecer um ângulo inesperado para a compreensão de sua visão de mundo: é lá que as pessoas podem falar e ouvir sua própria língua.

No ritmo em que vivemos hoje em dia, é um pouco complicado para ter tempo livre né? Mas quando eu tenho, costumo sair para ir em bares, ou fico em casa mesmo assistindo televisão ou na internet. Aqui em Diamantina eu fico muito dentro de casa. Quando eu não tenho o que fazer, eu descanso também, porque a rotina aqui é muito puxada. (Sara)

Neste trecho, mais uma vez é possível notar o lamento em se ter pouco tempo disponível para se dedicar ao lazer frente aos afazeres do dia a dia, o que acaba por fazer com que as pessoas utilizem o seu tempo livre para ficar em casa descansando ou mesmo realizando atividades de lazer. Aliado a este fato, têm-se a comum reclamação da carência de espaços urbanos destinados para tal fim.

5.2 O Lazer e a Cidade

Quadro 7 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: o lazer e a cidade

Categorias iniciais	Ideias-chave	Categoria Final
• Carência de espaços e equipamentos de lazer. • Falta de planejamento público.	• A cidade carece de equipamentos e espaços que viabilizem a prática de atividades voltadas para o lazer da população local, os quais estão em sua maioria concentrados na região central. • Pouco planejamento e ações de políticas públicas que viabilizem espaços e equipamentos para comunidade local, os quais muitas vezes são planejados para atendimento da demanda de turistas.	• O lazer e a cidade.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas.

Vale apontar novamente o lazer como um direito de todos, o qual é assegurado pela Constituição Federal, assim como o direito à saúde, trabalho, segurança e educação. Embora ele possa ser considerado como supérfluo para alguns quando comparado a outras manifestações humanas, o lazer, enquanto direito social, tem sido demandado e proclamado cada vez mais entre as pessoas (GOMES, 2008; MARCELLINO, 2003). Para que possa existir a democratização dos espaços de lazer, é necessária a existência de políticas públicas voltadas para o setor. Porém, nas últimas décadas, o poder público não tem investido em ações que estabeleçam políticas setoriais de lazer que sejam capazes de atender a demanda por estas questões (MARCELLINO, 2003).

Olha, honestamente eu não vejo a prefeitura aqui da cidade fazer praticamente nada que possibilite aos diamantinenses praticarem qualquer coisa relativa ao lazer. Se você quer fazer alguma coisa para se divertir ou distrair aqui na cidade, você tem que pagar por isso, o que de certa forma não sai barato. Então se você não tem dinheiro, não resta quase nada de opção. Infelizmente o poder público deixa muito de lado essa questão, foi-se o tempo em que Diamantina tinha várias opções. (Evaldo)

Confirmando o que foi apontado inicialmente, o trecho destacado acima possibilita identificar que em Diamantina existe certa carência de políticas públicas que possibilitem à população local vivenciar atividades voltadas para o lazer, o que foi apontado em quase todos os relatos da pesquisa. Uma vez que o governo já não tem financiado o acesso ao lazer, nota-se na cidade um deslocamento do mesmo da esfera do direito social, para ser tratado de acordo com a lógica do direito ao consumo, uma vez que em quase a totalidade das entrevistas apareceram frases que em resumo denotariam o sentimento de que “só tem direito ao lazer quem

tem dinheiro para pagar por ele”. Sobre este aspecto, Pellegrin (1996, p. 32), ao analisar os espaços de lazer constata que “no caso dos equipamentos de lazer, dos espaços de convívio, parece haver uma tendência à privatização, isto é, os espaços de lazer, inclusive as áreas verdes e o lazer propriamente dito tornaram-se produtos do mercado”. Seguindo esta lógica, percebe-se em Diamantina certa dificuldade em encontrar espaços minimamente adequados para que se possa desenvolver atividades de lazer, principalmente quando se pensa no lazer das pessoas em situação econômica menos favorecida.

Somado a isso, percebi durante as entrevistas certo descontentamento dos entrevistados frente a um maior investimento em infraestrutura voltada para o lazer de turistas em detrimento aos moradores locais.

Eu acho que falta uma visão, um planejamento municipal sobre o nosso lazer. Porque eu acho assim, no momento que está tendo uma vesperata no centro, ali tem uma clientela da terceira idade de turistas quase sempre. Mas onde estão os jovens? Onde está o pessoal dos bairros? Então eu acho assim, que deveria ter uma vesperata sim porque ela interdita o centro da cidade né, eu acho que deveria ter ela sim, e ter outras coisas. Por exemplo, no largo ter shows, e alternativas que abrangesse os jovens e o outro pessoal também, o pessoal adulto. Eu acho que fica muito concentrado. O poder municipal se concentra muito no turismo. Vesperata, quem é a clientela da vesperata? São pessoas de idade que geralmente vem de fora. E o povo de Diamantina fica sem ter o lazer que precisava de ter: planejado, organizado. Eu acho que falta isso em Diamantina. (Geralda)

De fato, como colocado no capítulo 3, a cidade possui poucos espaços destinados para o lazer dos autóctones, estando a maioria situada no centro da cidade, o que demanda deslocamento das pessoas do entorno para que possam usufruir destes lugares. Como ponderado pelo entrevistado, existe certa ausência de planejamento público que vise a ampliação das possibilidades de lazer do público local, as quais em geral estão voltadas quase que exclusivamente para os turistas, em que via de regra são formatados a serem vendidos e consumidos por aqueles que visitam a cidade, como é o caso da vesperata citada pelo entrevistado.

Aqui em Diamantina? Só festas mesmo, aqui não tem quase nada. E bares também, mas o problema disso tudo é que aqui na cidade, principalmente entre os mais jovens, acabou-se criando uma valorização muito forte, quase uma idolatração ao álcool. Então a gente acaba bebendo muito, os universitários principalmente. Como não tem nada para fazer, o que resta é ir beber. (Alexandre)

Aqui na cidade é bem difícil para encontrar opções de lazer para o público jovem, o que mais tem são festas ou bares, essas são as opções. Eu gosto muito de acompanhar as coisas culturais da cidade. Então eu tenho o hábito de ir às vesperatas, ao mercado. Quando tem teatro, vou no teatro, são essas maneiras que tem. Então eu vou nessas coisas. (Adriana)

Lazer aqui em Diamantina só mesmo nas opções culturais que a cidade tem, e que não são tão variadas, de resto não sobra muita coisa. Aqui o que se tem para fazer são em geral a feira do mercado onde a gente vai comer e beber, alguma manifestação popular que vamos assistir, ou essas outras alternativas como as serestas e as vespertatas, mas que em geral só atraem os turistas mesmo. (Juliana)

A partir de indagações a respeito dos espaços e equipamentos de lazer que a cidade oferece ao diamantinense, pude perceber que a carência de tais lugares se acentua quando são destinados ao público mais jovem da cidade, restando a eles opções como bares e festas, o que tem a ver com despendar certo investimento financeiro para que possam ser desfrutados. Além da problemática financeira, a ausência de opções de lazer para a juventude é acompanhada por outra questão que está ligada ao consumo de bebidas alcoólicas, como apontado pelo entrevistado Alexandre. Apesar do consumo de álcool estar ligado diretamente às atividades de lazer desenvolvidas pelas pessoas em questão, o argumento de que os jovens em diamantina bebem muito devido à falta de alternativas para se ocupar o tempo foi percebido em diversos discursos.

Como se pode verificar nos trechos retirados das entrevistas de Adriana e Juliana, como opções de lazer que a cidade oferece estão às suas práticas culturais, as quais em geral foram citadas ao longo de muitas entrevistas. Entretanto pude perceber que apesar destas formas de lazer serem as mais apontadas, uma pequena parcela dos entrevistados participa de tais atividades com frequência, os quais em geral vão esporadicamente a estes lugares ou eventos. No que se refere às opções culturais existentes na cidade, uma parcela significativa destas dizem respeito às festas religiosas, as quais extrapolam o seu sentido religioso ao oferecerem também uma perspectiva histórica e patrimonial haja vista que grande parte das mesmas vem sendo realizadas ao longo de décadas, algumas delas possuindo mais de um século de existência.

Qualquer cidade que queira preservar sua cultura, para mim, a presença das festas folclórico-religiosas é fundamentalmente importante. Então Diamantina é uma cidade que precisa preservar a sua cultura, precisa preservar sua história, sua memória, então é uma cidade em que as festas folclóricas sempre existiram, as festas religiosas sempre existiram, não pode deixar de existir para a manutenção dessa cultura. Eu acho que todo mundo tem que ter memória. Então esse permanecer das festas faz com que as pessoas valorizem o fato da gente precisar ter memória. (Carmem)

Pode-se perceber certa ideologia frente às festas religiosas, como apontado no trecho da entrevista acima, que diz respeito à necessidade de sua preservação dada a sua importância cultural para a sociedade local. Mesmo que estas comemorações estejam inseridas dentro de um contexto sagrado, quando questionei os entrevistados a respeito da importância que elas

possuem para a cidade, nenhum deles abordou a questão religiosa em seu discurso. Em geral, a importância das festas foi apontada pelo seu caráter turístico, histórico, cultural e folclórico, aspectos profanos que de certa forma abrem caminho para o entendimento de que estas também possam ser vislumbradas como opções de lazer.

5.3 Festa religiosa de várias religiões

Quadro 8 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: Festa religiosa de várias religiões.

Categorias iniciais	Ideias-chave	Categoria Final
• Católicos. • Católicos não praticantes. • Pouca relação com religião. • Nenhuma relação com religião.	• São variadas as religiões das pessoas que de alguma forma estabeleceram algum vínculo com a Festa do Divino. • A religião não determina o nível de envolvimento das pessoas com a festa.	• Festa religiosa de várias religiões.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas.

Tendo a Festa do Divino como principal premissa a questão sagrada, pressupõe-se de início de que em geral o público tido como católico praticante é o que mais participa de tais comemorações. Entretanto como apontado na seção anterior, as questões que extrapolam o nível do sagrado das festas religiosas, aqui mais especificamente a Festa do Divino, parecem contribuir para que a religião não seja determinante para que as pessoas possam de alguma forma estabelecer algum vínculo com a celebração, estabelecendo assim o que pode ser chamado de uma relação dialética entre o sagrado e o profano.

Sou católica, participo muito das coisas que a igreja organiza, vou à missa toda semana, gosto de fazer novenas. Sempre que eu posso, eu ajudo de alguma forma. Eu acho que as pessoas precisam de ter Deus e Jesus Cristo no coração, porque senão a vida não tem como andar direito. (Irene)

O primeiro perfil religioso aqui destacado é o do católico, o pensei que fosse o que mais encontraria ao longo da pesquisa, mas que pouco apareceu durante as entrevistas, estando restrito a apenas dois entrevistados. Ambos que se definiram católicos praticantes possuem o hábito de frequentar missas regularmente, além de participarem regularmente das festas religiosas organizadas na cidade.

Sou católica, mas não sou assim... Sou católica, acredito em Deus e acredito na instituição, mas não tenho uma coisa mais forte do que isso não. (Vitória)

Outro grupo a ser destacado são os católicos que se declararam como não praticantes, os quais representam a maioria dos entrevistados. Assim como autodeclarado no trecho da entrevista acima, estas pessoas se reconhecem como católicas, entretanto não possuem um vínculo tão próximo com as práticas organizadas pela instituição como missas ou festas.

É como eu te disse, eu fiquei um bom tempo longe da igreja. Longe assim, eu não participava das missas, ia assim, em eventos, essas coisas, mas sempre deixava de lado. Mas com essa festa, me senti quase que na obrigação de participar de tudo. Acabei entrando no ritmo. Eu fui criada numa família católica, minha família é muito religiosa, a gente morava em roça, minha avó que tomava conta, a gente convivia muito com a igreja católica, os padres ficavam na casa da gente. Então eu fui criada assim, depois eu fui professora catequista, aí depois eu separei um pouquinho. (Sandra)

Entre os que se disseram católicos, praticantes ou não, notei que sempre ao abordarem questões referentes à religião, os entrevistados citavam a religiosidade da família ao longo de suas falas. A partir desta questão, percebo a existência de uma significativa influência da religião na formação destes sujeitos, haja vista também a importância que sempre foi dada ao catolicismo na cidade, como apontado no capítulo 3. Ainda sobre o trecho acima destacado, percebo a possibilidade que a Festa do Divino oferece à religião católica de atrair as pessoas para a Igreja, como foi o caso da Sandra, que se sentiu obrigada a participar de todos os momentos da festa ao ser convidada a participar da organização, o que acabou por reavivar nela a religiosidade que a própria confessou ter abandonado ao longo dos anos.

Para te falar a verdade, eu não sou católico. Meus avós eram, mas minha mãe apesar de ser quando mais nova, acabou se distanciando da igreja. Para você ter ideia, nem batizado eu sou, meus pais nunca se importaram com essas coisas, e como isso não faz parte da minha criação, eu praticamente não tenho nenhum vínculo com nenhuma religião. Se for necessário me enquadrar em alguma, diria que sou ateu. (Arthur)

Eu sou espírita. Meus pais são católicos e tal, eu fui batizada, fiz primeira comunhão, crisma, essas coisas, mas nunca gostei de ir à missa. Para mim era um sacrifício quando eu tinha que ir em alguma. Na adolescência, eu conheci uma pessoa que acabou se tornando uma grande amiga que me apresentou à doutrina espírita, e eu me apaixonei. Desde então essa é a religião que eu sigo. (Juliana)

A Festa do Divino atrai pessoas que se intitulam ateus, ou pertencentes a religiões que não são católicas. Tal fato não me causaria tamanha surpresa se ambos os entrevistados apontados nos trechos acima tivessem apenas assistido ao cortejo da Festa do Divino como espectadores, entretanto todos os dois desfilaram no mesmo, compondo toda a trama ali representada. Tal fato comprova a existência de pessoas que participam de tal festividade, mas que estão alheias às questões religiosas.

Olha, aqui em Diamantina muitos festeiros sequer vão à igreja. Eles não participam de nada, não vão à missa, não participam de nenhuma outra festa. Na verdade eu tenho minhas dúvidas se até mesmo católicos eles são. Essa festa atrai muito as pessoas por outras coisas que não são religiosas. Eu acho que quanto mais velha a pessoa é, maior é a sua religiosidade, e quanto mais novo, menor o seu vínculo com a religião. (Irene)

O trecho acima, aliado aos dois anteriores, demonstra o caráter agregador da Festa do divino, uma vez que a religião não é determinante na forma como as pessoas dela irão participar: existem não-católicos ou que não possuem religião participando, ou até mesmo contribuindo para a organização, o que mais uma vez aponta para o fato de que a religião não é o único fator motivador para participação da festa em questão.

5.4 A festa da cidade

Quadro 9 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: A festa da cidade

Categorias iniciais	Ideias-chave	Categoria Final
• Uma das festas mais importantes da cidade. • Atrai recursos para a cidade. • Importância na caracterização religiosa, artística, cultural e histórica da cidade.	• O destaque para a festa do Divino como sendo uma das principais realizadas na cidade. • A festa contribui para a economia local ao aquecer o mercado com as vendas dos materiais necessários para realização das mesmas, além da atração de turistas. • A festa é capaz de traduzir em si muito do que é a religião da cidade, bem como sua histórica e cultura.	• A festa da cidade

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas.

Eu me recordo do primeiro dia de festa, quando o padre iniciou a celebração da missa da alvorada afirmando que a festa em prol do Divino Espírito Santo era uma das mais importantes do catolicismo. Ao longo da pesquisa, pude perceber que não só para o catolicismo, mas também para a cidade essa se tratava de uma comemoração de grande destaque.

Sem sombra de dúvidas a Festa do Divino é uma das mais importantes realizadas aqui na cidade, isso para não falar que é a mais importante de todas. É uma das mais antigas, é uma das que mais movimentam a cidade, é uma das que mais mobiliza pessoas para que ela possa acontecer. (Arthur)

Todos os entrevistados apontaram a festa como uma das mais significativas realizadas em Diamantina. Tamanho reconhecimento se deve principalmente ao fato da mesma englobar

em si múltiplos aspectos pertinentes à sociedade local que vão desde questões econômicas até históricas.

A nível da cidade, eu acho que a Festa do Divino é muitíssimo importante porque vem as pessoas de fora para assistir, então quem meche com o comércio, as pousadas, os restaurantes, eu acho que tem um lucro maior em cima disso. Quem meche com o comércio no sentido de pano, de tecidos, essas coisas também tem um reflexo muito grande da festa do divino, porque as pessoas compram panos, fazem roupas, quem fazem as roupas, as costureiras, os artistas plásticos que fazem aqueles adereços, eu acho que enriquece muito para eles num período que entra um dinheiro bom para eles. (Adriana)

Uai, eu acho que tanto para poder buscar o povo para a parte religiosa, a igreja fica muito cheia, os devotos são muitos. A crença eu acho que revive muito. E a parte financeira também porque as pousadas enchem, porque entra dinheiro, o comércio vende os panos, né, então eu acho que dos dois lados é muito importante. (Mariana)

Além do que já havia sido apontado acerca da importância das festas religiosas no geral para a cidade, quando o foco foi na Festa do Divino, surgiu também a questão financeira, como se pode ver no trecho da entrevista de Adriana, uma vez que, além de atrair visitantes para a cidade, aquece também o comércio local, principalmente os voltados para o ramo de tecidos e confecções. No trecho retirado da entrevista de Mariana surgiu rapidamente a questão religiosa em seu discurso ao declarar que a festa tem o poder de agregar pessoas para a igreja. Entretanto a conversa rapidamente tomou um rumo seguindo o seu apelo econômico, assunto que rendeu uma longa exposição acerca dos gastos e investimentos que a festa possui, haja vista que a mesma já havia organizado algumas comemorações em prol do divino.

A festa em si traduz muito do que é Diamantina. Se você parar para analisar, vai ver que a cidade deve muito do que é para a festa, bem como a festa só é o que é por causa da cidade. Então aqui, eu acho que a Festa do Divino traduz muito do que é Diamantina. Basta ter o olhar mais atento que você vai perceber que uma é igualzinha à outra. (Sara)

Como relatado por Sara, a Festa do Divino de Diamantina é capaz de representar a sociedade diamantinense, uma vez que a mesma se difere das demais realizadas ao longo do Brasil justamente pelo fato de ter absorvido em si características da localidade. Tem-se também a perspectiva histórica que é bem representada, principalmente no cortejo, o qual é capaz de demonstrar como o catolicismo leigo se instituiu no então Arraial do Tijucu. Soma-se a isso, a questão dela representar a cidade por meio dos seus festeiros que a partir de certa liberdade na organização destas, optam por acrescentar ou retirar elementos que a compõe.

5.5 A festa das pessoas e as pessoas da festa

Quadro 10 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: A festa das pessoas e as pessoas da festa

Categorias iniciais	Ideias-chave	Categoria Final
• Diferentes formas de pertencimento em relação à festa. • Falta de incentivo para participação. • Segregação social.	• Existência de um grupo cativo que sempre participa da festa. • Ausência de incentivos para que pessoas que nunca participaram da festa participem. • A Festa do Divino tida como uma comemoração da elite local.	• A festa das pessoas e as pessoas da festa.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas.

Como já apontado, uma festa pode ser vislumbrada como uma intensa organização de interação entre as pessoas, haja vista que ela é um espaço onde ocorre relações sociais a qual possibilita uma certa interação social por meio da partilha cultural possibilitando aos envolvidos diversas formas de arranjos de comunicação e estreitamento de laços sociais. Foi pensando nesta perspectiva que julguei pertinente a escrita desta seção para que se possa entender as questões referentes ao tema que estão inseridos na festa em questão.

Eu acho que assim, tem uma minoria que participa, que acaba que sai no cortejo, aí a família vem ver, mas quem não está relacionado diretamente à festa não dá tanta importância. Se formos parar para pensar no geral, a maioria não participa. Muitos até falam que todo ano é sempre a mesma coisa, então se já viu uma vez, não precisa ver de novo porque é repetido. (Maurício).

Para mim, pensando na sociedade de Diamantina, eu acho que as pessoas se sentem muito pertencentes à Festa do Divino. Ela faz parte da história da cidade, então as pessoas possuem um vínculo muito grande com essa tradição. (Irene).

Ao se comparar as percepções dos dois entrevistados, existe certa convergência na visão de ambos, em que um afirma que a sociedade em geral da cidade sente certo pertencimento em relação à festa e o outro relata que existe uma minoria que estabelece algum vínculo, e que se sente pertencente a ela. Tal fato representa uma visão geral dos resultados obtidos os quais eram permeados por uma perspectiva ou outra. Entretanto, percebo que de fato existe um grupo de pessoas que participa ativamente da Festa do Divino todos os anos, e que o restante da população geral não estabelece vínculos tão próximos. Essa questão se reforça quando duas pessoas entrevistadas, as quais já foram responsáveis por organizar a festa ao menos uma vez, afirmaram que existe sempre um grupo de pessoas que se empenha em ajudar, e que em geral

sempre é o mesmo que contribui de alguma forma, seja financeiramente, organizando, ou mesmo desfilando no cortejo.

As pessoas que só assistem o festejo, em geral, estabelecem um vínculo muito menor com a festa do que os que contribuem de alguma forma. É sempre muito difícil encontrar pessoas que se disponibilizam para ajudar de alguma maneira, e mais difícil ainda encontrar alguém para sair no cortejo, principalmente adultos. As crianças e os jovens participam muito mais desse momento. (Alexandre)

Como se pode verificar no relato de Alexandre, existe uma diferença no sentimento de apropriação entre os que participam da festa quando comparado aos que somente assistem a ela. Ao relatar também a dificuldade em se encontrar pessoas que se disponibilizam a ajudar ou participar de uma forma mais ativa, o entrevistado demonstra uma falta de proximidade das pessoas com as comemorações em prol do Divino.

Falta na cidade ações que visem incentivar as pessoas a participar mais da festa. Muitos não sabem da importância real que ela representa para a cidade e para a nossa cultura. Eu acho por exemplo que isso deveria ser mais trabalhado nas escolas para que as crianças já cresçam com esse sentimento de pertencimento. O poder público também não faz nada para que isso aconteça. Falta informação. (Evaldo)

A falta de incentivos e informações foi um fator apresentado por muitos entrevistados para justificar a pouca participação da comunidade em geral, demonstrando que, quanto maior o conhecimento, mais a pessoa tende a se envolver com a festa. Percebo também que a tradição familiar é um fator importante no que se refere ao vínculo estabelecido com tal tradição, tendo em vista que quase a totalidade dos entrevistados nascidos em Diamantina relataram, em algum momento, histórias de incentivos ou ensinamentos transmitidos por algum parente.

Antigamente a Festa do Divino tinha muito mais coisas que hoje em dia já não tem mais. Então, eu acho que isso contribui para que as pessoas não se sintam mais interessadas em participar. Por exemplo, antigamente após o cortejo, o festeiro oferecia um banquete para as pessoas, o que já não existe mais. O próprio boi do divino, quando um festeiro matava um boi para distribuir para as pessoas, já não existe mais. Depois da novena sempre tinha alguma festa com música, barraquinhas de bingo que se perdeu com o tempo. As pessoas iam muito para se divertir, e atualmente, tirando o dia do cortejo, eu não vejo tantas oportunidades de diversão para as pessoas. (Pedro)

Ao se comparar a Festa do Divino realizada há anos atrás com os dias atuais, aparecem questões relativas ao lazer para justificar o pouco envolvimento. Atividades lúdicas, paralelas às religiosas, serviam de incentivo para que as pessoas participassem mais, o que demonstra a busca pelo lazer na festa em questão.

Eu acho que é porque realmente o povo não quer deixar morrer essa tradição. Numa época mesmo não teve. Então se você pegar um papel aí, você vai ver que existe uma época em que não teve a festa. Aí teve um ano que para a festa acontecer foi preciso juntar Rita e Erick (nomes fictícios) para fazer a festa porque não tinha ninguém para fazer, senão ela não ia acontecer. Então existe um grupo muito forte aqui em Diamantina que sempre acaba contribuindo muito para a realização dessa festa. Porque eu acho assim, se Diamantina é uma cidade histórica, você vai deixar morrer uma festa dessa? Então eu acho que a gente tem que realmente se empenhar para fazer acontecer. (Sandra).

Tendo em vista o baixo envolvimento das pessoas no geral com a Festa do Divino, indaguei aos entrevistados por que eles achavam que ela continua sendo feita até os dias atuais. Como pode ser comprovado na enunciação feita por Sandra, um grupo de pessoas que tradicionalmente contribui com a Festa do Divino anualmente é que se responsabiliza para que ela seja realizada com a regularidade que manda o costume. Durante a pesquisa, pude perceber que, de fato, existem nomes que se destacam na realização do festejo ao longo de sua história contemporânea, como a tradicional costureira de vestimentas, a senhora que já assumiu o cargo de festeira por mais de três vezes e que mesmo não ocupando esse cargo se empenha como se o fosse, as três mulheres que religiosamente doam os donativos para que seja feita o bolo de arroz, a lista de pessoas que contribuem financeiramente, dentre outros papéis assumidos.

Eu acho que tem um tradicionalismo na cidade que impede de haver novos festeiros, e que impedem as pessoas de quererem sair. A questão assim da tradição, faz parte da história daqui, de quem pega a festa é só quem tem dinheiro, e que as roupas são caríssimas. Então eu acho que se criou uma tradição em cima disso, e acho que nós estamos em pleno século XXI, e precisamos ir quebrando paradigmas, eu não tenho dinheiro, mas eu tenho fé. Então eu peguei a festa. (Adriana)

Uma questão que me chamou muito a atenção diz respeito à questão de classes que a Festa do Divino de Diamantina estabeleceu na cultura local. Percebi que, para a sociedade em questão, esta é uma festa da elite, em que, via de regra, as pessoas que possuem uma situação financeira confortável é que participam de alguma forma que não somente assistindo, haja vista que para desfilar num cortejo é necessário investir uma quantia considerável de dinheiro. Adquire certo *status* social a pessoa que assume o cargo de festeiro, tendo em vista a necessidade em se investir um alto valor monetário para a realização da mesma. Pude notar tal situação também ao analisar o perfil dos entrevistados e constatado que a maioria possui nível superior completo ou mais, e residem na região central da cidade.

O negócio é que ficou meio complicado porque o povo agora... Quando Erick (nome fictício) pegou a festa, eu gosto muito dele, é uma pessoa ótima, mas ele começou a

dar as roupas para o povo, então eles vão, mas não querem pagar mais não. Está muito difícil por isso, porque ninguém quer gastar mais, mas mesmo assim a gente consegue. Quando é um caso assim, em que o festeiro dá as roupas, eu sempre procuro as pessoas mais humildes que tem vontade e que nunca foram convidadas, mas fazem questão. Aí quando vestem a indumentária, você vai no salão, você faz uma maquiagem, você arruma o cabelo, você veste uma roupa, a beleza da juventude resplandece de qualquer jeito. Vocês são bonitos de natureza. A festa do divino em Diamantina tem a característica de ser a festa dos brancos, assim como a do Rosário de ser a festa dos negros. Na Festa do Divino quando eu organizo, eu deixo dar um pinga assim de negros, e na do Rosário, eu aceito também um ou dois brancos só. Porque eu acho que você tem que respeitar isso, porque senão o negro vai achar assim, poxa na deles eu não posso ir, mas na nossa todo mundo entra. E é uma guerra quando eu faço a do Rosário. Chegam os brancos querendo ir e eu não aceito porque o negro já é bonito por natureza, então ainda mais agora com salão, e ele por ter um trato melhor, uma alimentação melhor, você vê que os negros estão lindos, os dentes deles né? E aquele cabelo sarará, eu sou apaixonada. (Adriana)

Adriana nos esclarece um pouco mais em seu relato a questão referente à elitização da festa, haja vista que, em geral, as pessoas de classe baixa têm a oportunidade de participar quando o festeiro também paga pela indumentária dos participantes. Aliado a este fato, tem-se a questão de raça, em que tradicionalmente a Festa do Divino é tida como a festa dos brancos em oposição a Festa do Rosário, dos negros. Tal fato ocorre em comemorações desde quando a religiosidade local era articulada por meio das irmandades, como apontado no capítulo 3. Ao me deparar com tal questão, retomei as fotos tiradas no dia do cortejo, e notei que a grande maioria dos participantes possui a pele clara, estando aqueles que possuem a pele negra apenas na representação de alguns apóstolos e baianas. Tendo em vista tais questões, averiguo que observando a Festa do Divino pela ótica do lazer, mais uma vez as pessoas da periferia e de classes mais baixas não possuem acesso facilitado às atividades de lazer oferecidos pela cidade como constatado no capítulo 3.

5.6 Formas de participação, motivações, percepções e sentimentos

Quadro 11 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: Forma de participação, motivações, percepções e sentimentos

Categorias iniciais	Ideias-chave	Categoria Final
• O cortejo como principal momento da festa. • Diferentes formas de envolvimento/participação com a festa. • Distintas motivações.	• Têm-se o cortejo como o principal momento da festa dada a sua beleza e possibilidades de interação que ele oferece. • Foram apresentadas distintas formas que o indivíduo se envolve com a festa. • Diferentes fatores levam as pessoas a participarem da festa.	• Formas de participação, motivações, percepções e sentimentos.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas.

Como apontado por Rosa (2002), uma festa pode ser descoberta por diferentes caminhos ou olhares que variam de acordo com o indivíduo a partir das relações, usos, realizações e elaborações tendo em vista que cada olhar ou caminhar é capaz de revelar diferentes significados, valores, símbolos e percepções.

Ah, eu não tenho dúvidas que o momento mais importante é o cortejo no domingo. É esse momento que é divulgado para todos, é a hora que mais aparecem pessoas querendo assistir. É ali que todos se preparam o ano inteiro para estar, as pessoas tiram muitas fotos, assistem admiradas, os que desfilam se apresentam ali como se realmente encarnassem o papel que estão representando. Os outros momentos eu não estou dizendo que não são importantes, mas eu acho que esse que eu estou te falando ganha muito mais destaque frente aos demais. O domingo é infinitamente mais esperado que os outros nove dias. (Evaldo)

O cortejo imperial foi apontado como o principal momento da festa na maioria das entrevistas. Como apontado por Evaldo, este é o dia que mais atrai pessoas como espectadores, é o mais divulgado e comentado pelo público geral. Sua beleza cênica e artística atrai diversos olhares em que cada um o vivencia de acordo com questões particulares. De fato, comparado às demais etapas da festa, é a que demanda maior tempo e dedicação dos que estão envolvidos mais diretamente na organização e participação.

Não participei de tudo não, eu fui só no dia do cortejo mesmo, porque eu não tenho muita paciência com essas celebrações religiosas. (Arthur)

Esse ano eu participei de todos os momentos pela primeira vez. Quando a gente está ajudando precisa ir, não é? E confesso que me surpreendi, porque vi que a festa é muito mais do que o domingo de cortejo. (Sandra)

Confirmando a importância do domingo nas comemorações, a maioria dos entrevistados afirmou ter participado apenas do cortejo. Os que disseram ter ido a todos os momentos da festa, ou de sua maioria, foram unicamente os que estavam atuando na organização das celebrações.

Eu participei somente do cortejo, porque eu confesso que os outros dias não são muito interessantes. Eu acho domingo de manhã mais interessante, tem muita gente, muita coisa para ver, é bonito, aquilo tudo prende a gente. Sempre me encontro com conhecidos, colocamos os assuntos em dias, aplaudimos os nossos amigos, e depois ainda sobra um tempinho para parar ali na Baiúca para descontrair um pouco. (Alexandre)

Em relação aos que foram somente no cortejo, ou em poucos dias de festa, pude perceber certa falta de motivação para uma maior participação nos demais momentos. Como se pode ver no depoimento de Alexandre, as diversas possibilidades que vão além da religião servem como atrativos para que as pessoas. Interagir com os outros, contemplar a beleza do momento, diversão e descontração foram termos frequentemente utilizados para justificarem a ida no domingo, o que vão de encontro com às possibilidades que o lazer oferece.

Assim, eu sempre escutei muito. Sempre que eu saio de casa a minha mãe fala muito, quando eu vou para a escola, para faculdade, ou que eu saio, ela fala: Divino Espírito Santo te ilumine, e Nossa Senhora do Amparo te ampare. Todos os dias. Então o Divino Espírito Santo para elas, para família dela é muito forte. Então eu peguei isso um pouco para mim, sabe. Só de escutar ela falando. (Aline)

Minha fé. Eu tenho a minha avó que me ensinou a ter fé no Divino Espírito Santo. Então minha avó morava na rua onde que é a capela do divino, e ela me colocava desde pequena para rezar para o divino. E ainda me ensinava uma oração diferente para eu rezar para o divino da porta do amparo. Na hora que você passar na porta da igreja você vai ver que lá em cima tem um divino espírito santo. Então vovó me ensinava. Quando eu ia para o colégio, ela colocava uma vela na porta da capela para eu passar de ano, para passar nas provas, aí depois quando eu tinha 21 anos ela faleceu né, e eu fui fazer os concursos, e eu continuei a rezar pelo divino espírito santo. Então foi ela quem me ensinou a ter essa fé. (Adriana)

O que me leva participar é o convite, as pessoas convidam. E esse ano foi o convite assim, mais importante, porque ele ia fazer a festa e convidou. Porque eu sinceramente da minha parte eu não pegaria essa festa, porque é difícil. Então assim, eu não fui a festeira, mas eu me empenhei muito, é lógico. Se você está numa festa então tem que participar. Então assim, eu peguei muito, gostei de ser convidada, empenhei muito, mas é a primeira vez que eu realmente me empenho nessa festa. (Sandra)

Para mim, essa festa é importante porque ela faz parte da cultura da cidade, então eu acredito que no meu pessoal, eu a visualizo como algo que transcende o tempo, haja vista que ela é feita há mais de um século. Sem contar também a sua beleza artística, porque tudo aquilo que vemos durante um cortejo é arte, arte que eu falo em seu

sentido mais amplo, essa festa é capaz de se estender a quase todos os campos dessa área. (Juliana)

Quando a indagação é a respeito da importância da Festa do Divino para o âmbito particular do entrevistado, diversas são os sentimentos demonstrados. Ao se comparar os trechos descritos, selecionados por resumirem um sentimento geral, é possível perceber que as relações que os sujeitos estabeleceram com o festejo se relacionam muito com a visão que cada um possui. Das quatro percepções aqui resumidas, a primeira delas diz respeito à herança cultural familiar com relação à festa: mesmo que não esteja ligada à religião católica, a pessoa possui um vínculo devido ao exemplo do seio familiar, ou mesmo por uma proximidade desde a infância. Outro ponto a ser destacado é a questão da fé no Divino Espírito Santo, em que as pessoas buscam por meio de orações ou promessas as graças que a terceira pessoa da Santíssima Trindade pode oferecer, mas que representam uma parcela pouco significativa dentre os entrevistados. Mais uma relação aqui estabelecida se dá por meio do convite realizado, principalmente pelos organizadores da festa, o que faz com que algumas pessoas estabeleçam algum vínculo. Por fim, têm-se a questão cultural, artística ou histórica como principal elo entre o indivíduo e a festa.

Ainda a este respeito, pude perceber que no geral as pessoas nascidas na cidade de Diamantina, e que possuem a família dali, possuem um vínculo muito mais próximo com a Festa do Divino dado a questões familiares, tendo em vista que quase na sua totalidade os autóctones apresentaram algum ponto em que citaram os ensinamentos de algum membro da família durante o discurso. Já para os não residentes, ou para os que foram morar na cidade após certa idade, a ligação com relação ao festejo em geral se dá mais por questões culturais, artísticas ou históricas.

Para mim vai ser assim, eu estou atendendo uma realização pessoal da minha filha, então assim, minha filha desde pequena, tem esses quadros que eu li para você, então ela fez parte desses todos, ela levou medalhinha, ela levou isso, ela levou aquilo, ela foi dom, ela foi fruto, e aí ela chegou perto de mim agora, com 21 anos e disse: mãe eu quero ser a imperatriz, porque eu já fui tudo na festa. Então assim, eu estou atendendo uma realização pessoal da minha filha. O lado emocional dela, que eu falo assim que é até ligada à síndrome de cinderela, de princesa, ou de alguma coisa assim. Mas é o sonho dela. Ela se emociona quando ouve o hino do divino, quer dizer, ela é louca com a festa do divino. Ou seja, é uma coisa que meche com o emocional dela. (Adriana).

Ah, eu sempre gostei de sair, de aparecer, ficar lá no meio do povo. Eu sempre gostei. (Aline).

Aqui destaco dois depoimentos em que o primeiro foi dado por uma mãe ao justificar o motivo pelo qual se disponibilizou em assumir a realização de uma festa, e no segundo o porquê da filha ter participado da festa. Noto aqui o empenho de uma mãe em atender o anseio de sua filha, que apesar de em diversos momentos ter destacado uma motivação religiosa, acabou por admitir que suas motivações também extrapolavam o âmbito sagrado. Alguns dos entrevistados, especialmente os mais velhos, possuíram certa resistência em assumir que participam da festa, principalmente do cortejo, por motivações que não são puramente religiosas, mas assuntos relativos ao profano são perceptíveis em um olhar mais atento ao analisar seus depoimentos, sugerindo que a religião deve ser algo puro e desligado de questões não inseridas na doutrina.

5.7 Lazer e festa

Quadro 12 – Processo de derivação da categoria final de conteúdo: O lazer e a Festa

Categorias iniciais	Ideias-chave	Categoria Final
• Relutância em assumir o lazer no festejo frente às questões doutrinárias. • As possibilidades de diversão durante o cortejo. • Cortejo visualizado como prática cultural.	• A religiosidade das pessoas contribui para que haja uma certa dificuldade em assumir questões profanas inseridas dentro do ambiente sagrado. • Distintos elementos que compõe as práticas de lazer estão inseridas no contexto da festa, os quais contribuem para o desenvolvimento de atividades profanas. • As questões culturais que permeiam a festa contribuem para que pessoas com distintas motivações participem.	• O lazer e a festa

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas.

Ao longo das análises das entrevistas apresentadas até o momento, ou até mesmo nos relatos das observações, muitas foram as evidências encontradas que levam a contribuir na identificação das práticas de lazer dos participantes inseridas dentro da Festa do Divino. Diversos são os sentimentos, motivações, ações e valores ali desenvolvidos que vão de encontro com as relações que se estabelecem entre religião e lazer.

Como apontado no fim da seção anterior, a moral católica, de base colonial, de certa forma faz com que muitos entrevistados relutem em admitir a possibilidade da existência de elementos presentes no cortejo da Festa do Divino não ligados diretamente à esfera sagrada. A este respeito Gondim (1998) aponta para uma relação conflitiva entre lazer e religião que se origina a partir de uma base doutrinária que em determinadas denominações pode considerar o

lazer como práticas mundanas, o que, segundo o autor se faz necessário serem combatidas por se tratarem de distorções bíblico-tecnológicas, tachado muito mais pela tradição humana, do que propriamente pela essência bíblica. Ainda a este respeito Marcellino (2003, p. 23) aponta que

[...] o pensamento católico tradicional, de certa forma, reduz o lazer a mero complemento ou compensação do trabalho estafante. Entretanto, as várias correntes surgidas entre pensadores católicos, já há algumas décadas, e própria atuação da Igreja como Instituição, quebram a unidade e matizaram o pensamento tradicional também na relação trabalho e lazer, incorporando e analisando os comportamentos gerados no lazer. A Igreja, como parte da sociedade, troca relações e reage às pressões verificadas em outros setores, e talvez por isso venha ocorrendo no catolicismo uma tendência geral de assumir os valores do lazer, o que não significa, contudo, ausência de reservas e até mesmo oposição a eles, sobretudo nos setores mais tradicionais.

Assim, alguns entrevistados relutaram de início em assumir a possibilidade das relações estabelecidas entre o lazer e o sagrado. Tal fato possa se dar talvez pela herança do catolicismo barroco estabelecido na cidade desde os seus primórdios, como apontado no capítulo 3, em que os elementos profanos contidos nas festas religiosas da cidade, atribuídos pela religiosidade leiga ali estabelecida, foram combatidos em diversos momentos pelo catolicismo institucional. Entretanto, apenas uma pessoa continuou com tal perspectiva em seu discurso ao passo que os demais assumiram que de fato tal relação se estabelece, e que eles mesmos, de alguma forma, praticam o lazer durante o cortejo.

Eu assisto com muito prazer, não sei se é lazer, prazer sim. É um prazer ver está tendo uma festa bonita, é um prazer ver que a festa está sendo mantida, é um prazer ver que a pessoa ainda tem coragem de enfrentar uma festa que é difícil ser realizada pela fé ou pela tradição, então o prazer para mim é diferente do lazer. (Vitória)

A gente já planeja o nosso dia em prol da festa do divino, então a gente vai para a rua, a gente assiste, a gente encontra com muita gente, a gente bate palmas... Então é um momento de lazer, de confraternização com a cidade. A gente se encontra com as pessoas que moram aqui. (Adriana)

Destaquei estes dois fragmentos a fim de demonstrar as visões dos entrevistados frente às atividades de lazer desenvolvidas durante a festa. Nota-se que no depoimento dado por Adriana, de imediato é admitido que são realizadas atividades ligadas à esfera do lazer. Já no depoimento dado por Vitória, a negativa diante da existência de tal relação é explícita, entretanto em diversos momentos a depoente se utiliza do termo prazer, que de certa forma também está ligado a questões inerentes ao lazer.

Existe a parte folclórica né, porque é uma rainha, é uma princesa cercada de damas, de príncipes, é como se você tivesse naquele tempo medieval, eu sou muito... Eu viajo

demais, é como se fosse mesmo a princesa entrando palácio, aquela corte toda, é como se ele estivesse entrando na igreja, o palácio, para receber as graças. Então eu sinto isso, e eu acho que eles sentem também. As meninas que se vestem... Eu tenho a impressão que elas têm essa mesma impressão. (Mariana)

Um dos principais momentos da festa é a parte folclórica, em que a corte portuguesa é representada durante o cortejo pelas pessoas vestidas de damas e cavalheiros, além da imperatriz, personagem de grande destaque nas comemorações. Estas formas lúdico-profanas de teatralização durante o cortejo que pouco ou nada tem a ver com a premissa religiosa contribuem para a existência de sentimentos que não estão inseridos na esfera sagrada. Assim como descrito no trecho da entrevista acima, as pessoas que se vestem desses personagens se envolvem muito pelo imaginário que o momento permite.

Dumazedier (1973) aponta que o lazer apresenta três funções que são interligadas – os chamados “3 Ds do lazer”, sendo elas: divertimento, descanso e desenvolvimento.

Eu me diverti sim, porque apesar de ali ser um momento em que a gente está inserido dentro de um contexto religioso, é sempre muito divertido você vestir aquelas vestimentas, sair pelas ruas desfilando, ter todos os olhares voltados para você. Então eu acho que todo mundo se diverte, até porque, eu acho que se não houvesse uma certa forma de diversão, poucos são os que fariam, principalmente os jovens, que por acaso são os que mais participam desfilando no cortejo. (Julia).

Eu me diverti muito no domingo. É como eu te falei, eu não sou ligado à religião nenhuma, então eu sempre vou assistir as festas que ocorrem aqui na cidade com o objetivo me descontraí, porque lá eu vou ter a oportunidade de ver a beleza com que essas festas são preparadas, ter um contato maior com a cultura da minha cidade, sem contar que a gente sempre acaba se encontrando com os amigos e aproveita para colocar o assunto em dia, depois saímos para fazer alguma coisa. (Arthur).

Em relação ao divertimento, essa foi uma palavra bastante recorrente no decorrer das entrevistas, termo que frequentemente é utilizado em trabalhos acadêmicos, e até cotidianamente, para se contrapor ao ócio, o qual quando visualizado como um valor é comumente associado ao lazer. A esse respeito, quase a totalidade dos entrevistados afirmaram ter se divertido durante o cortejo, o que mais uma vez contribui para a aproximação entre as duas perspectivas abordadas nesta seção.

É como eu estava te falando, a nossa rotina é muito puxada, dedicamos a maior parte do nosso dia ao trabalho e aos estudos, então quando eu fui assistir à Festa do Divino no domingo, eu fui mais para me distrair mesmo, para descansar a mente que fica cheia de obrigações. Então aquele momento para mim foi muito bom porque eu pude me distrair. Voltei para casa até mais leve e animada a encarar a rotina que teria que enfrentar a partir do dia seguinte. (Sara)

O descanso como um pilar para o lazer também foi apontado ao longo das entrevistas, uma vez que segundo os relatos, o cortejo possibilita ao indivíduo sair de sua rotina e assim aliviar as tensões cotidianas. A esse respeito Parker (1978) salienta o caráter compensatório e terapêutico do lazer como forma de reparar o organismo dos males advindos do trabalho ao fazer um paralelo em que o mesmo diz que a recreação literalmente refere-se ao propósito evidente da atividade do lazer, um processo terapêutico de reparar o organismo (recrutar) dos desgastes resultantes do trabalho e suas tensões.

Quando se desfila no cortejo, você não está somente indo lá, vestindo uma roupa e andando pelas ruas. Esse simples ato vai muito mais além do que isso. Ao estar ali, você vai estar contribuindo para que se permaneça as tradições aqui da cidade, as quais são importantíssimas para a nossa sociedade porque fazem parte da nossa história. [...] As pessoas que assistem também assumem um papel importante perante a Festa do Divino, primeiro porque o gesto de estar ali de alguma forma valoriza a festa em si, e você está dizendo que as pessoas reconhecem o valor que ela tem, além do fato de você ter um maior contato com o patrimônio da nossa cidade, você tem também a possibilidade de conhecer um pouco mais sobre a história e religião daqui.

A questão do desenvolvimento pessoal e social no que se refere à esfera do lazer apontada por Dumazedier pode ser verificada no trecho da entrevista, uma vez que o entrevistado relata que ao participar da Festa do Divino o indivíduo está se desenvolvendo, tanto no que se refere ao social ao contribuir para que as tradições culturais locais sejam mantidas e valorizadas, quanto no pessoal uma vez que se tem a possibilidade de agregar conhecimento para si próprio acerca de tal manifestação.

A questão é que cada pessoa tem seus valores, então o festeiro desse ano leva para um lado, um foco, eu tenho um outro lado de olhar, então eu vou levar para o meu foco, então eu acho que dependo dos valores e do olhar de quem recebe a festa. (Adriana).

Lazer e religião são espaços de vivências sociais, apresentando, cada um a seu modo, maneiras diversas de explorá-las. Dessa forma as práticas de lazer que podem ser desenvolvidas durante a Festa do Divino variam de acordo com cada indivíduo, cada um desfrutando à sua maneira o momento. Ainda como apontado por Adriana, cada festeiro tem a liberdade de desenvolver atividades e elementos distintos dos anos anteriores na festa em que estão organizando, o que contribui para que as práticas ligadas ao tempo livre também possam ser desfrutadas de maneiras distintas de acordo com a forma com que a festa tem sido conduzida por seu organizador.

Muita gente ali vai mais pelo lazer do que pela religiosidade. Tem gente que vai só para ver a festa. Tem muitos festeiros que não vão à igreja. Vai na igreja só na semana da festa e pronto, acabou. E tem também os turistas que em geral só assistem mesmo pela questão cultural que a festa oferece. (Aline)

Como apontado ao longo deste trabalho, a questão religiosa nem sempre é o fator motivador para que as pessoas participem da festa. O cortejo, ao alimentar uma ordem simbólica distinta do âmbito sagrado, faz com que tal festa seja utilizada por questões mercadológicas de uso turístico para fins culturais, atraindo assim pessoas de todos os credos e religiões. Dessa forma, cada vez mais ela tem sido utilizada como forma de propor alternativas para atração de turistas sendo divulgada como forma de propor alternativas de lazer para aqueles que visitam a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo eu quero pegar. Às vezes, quero apenas tocar. Depois, o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos.

Clarice Lispector

O objeto escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi a Festa do Divino Espírito Santo, mais especificamente a realizada na cidade de Diamantina. Desde a gênese da cidade, tal comemoração já fazia parte do cotidiano local, a qual é parte do reflexo de um catolicismo leigo instituído quando o local ainda era conhecido como Arraial do Tijucu. É certo que, ao longo dos anos, muitas modificações ocorreram em relação à festa; entretanto, tal manifestação continua a ser feita anualmente, mantendo consigo questões históricas e culturais. Diversos são os elementos presentes nas comemorações em nome do Divino Espírito Santo que contribuem para que para muitos afirmem que esta é a principal festa da cidade.

A dimensão festiva realizada na semana de pentecostes é uma vivência marcante para aqueles que de alguma forma estabelecem vínculos com tal tradição, permanecendo significados antigos, ou estabelecendo novos. Por um lado, pressupõe-se da festa um momento de alegria, descontração, sociabilidade, diversão, por outro infere-se da religião momento de introspecção, contato com questões sagradas, meditação e orações. No encontro da festa com a religião, acontece uma profusão de sentidos, o que faz com que o individual seja capaz de ter para si, aquilo que seus preceitos determinam. Em tempo de Festa do Divino, a sociedade diamantinense festeja a terceira pessoa da Santíssima Trindade, admira a riqueza e diversidade da arte presente no cortejo, celebra a história e a cultura local, sociabiliza por meio de encontros e desencontros, os personagens refazem vivências e identidades.

O domingo do cortejo não representa o fim de uma festa, mas um recomeço em que ali serão refeitas toda a trama de símbolos e significados, haja vista que uma festa se inicia quando a outra termina, ou seja, Diamantina está sempre ligada à questão festiva. Os múltiplos sentidos atribuídos à festa em questão denotam a ela profusos significados fazendo dela tanto uma festa sagrada, como profana. O festejar denota aqui uma disposição que ultrapassa os limites da lógica, como apresentado ao longo deste trabalho, a qual é capaz de renovar pressupostos antigos, e também de vê-los nascer com uma nova cara, o que faz com que a cada ano seja renovado um emaranhado de sentimentos e percepções.

Chegada a hora de concluir o trabalho, e na sensação de que ainda há muito a ser feito, apresento as considerações desta pesquisa. A questão que me orientou nessa dissertação foi:

“Como se configuram as práticas de lazer dos participantes durante festas religiosas?”. Em função do foco na Festa do Divino, a técnica de pesquisa utilizada foi o estudo de caso com bases em um estudo de inspiração etnográfica. Por se tratar de um estudo que privilegiou os sujeitos, bem como as representações, sentimentos e suas práticas, optei por desenvolver um estudo de natureza qualitativa para atender de modo mais denso os objetivos propostos. Assim, associei a observação sistemática, referente à cidade, aos sujeitos e à trama que ali se desenvolve e entrevistas com as pessoas que de alguma forma estabeleciam vínculos com a Festa do Divino. O material foi tratado de forma sistemática e as entrevistas analisadas seguindo a análise qualitativa de conteúdo, cujas interpretações sugeriram diversos apontamentos, entre outras questões, as quais agora serão abordadas de modo mais conclusiva.

Reconheço neste momento as dificuldades em se chegar às respostas ao que foi problematizado de forma geral mas, a fim de melhor entender tal perspectiva, fiz uso de outras questões norteadoras: a) Quais os valores atribuídos por tais participantes à festa? b) Quais os significados que a festa produz no público que dela participa? c) Quais os interesses dos participantes da Festa do Divino Espírito Santo de Diamantina que possibilitam que a mesma também possa se configurar como prática de lazer? d) Quais os elementos presentes no festejo que possam contribuir na relação lazer/religião aos olhos de seus participantes? e) Como são estabelecidas as relações de convívio social face às perspectivas do lazer durante o festejo?

Antes que se possa referenciar acerca dos interesses dos participantes na festa acerca da temática do lazer, reitero que, de acordo com as entrevistas e observações, pude perceber que em Diamantina existe uma carência muito grande no que diz respeito às alternativas de lazer. O espaço para o lazer é fundamental quando se pensa em vincular essa esfera da vida humana com as possibilidades que tal atividade tem a oferecer. O rápido crescimento populacional, aliado à questão arquitetônica colonial fez com que a cidade se desenvolvesse de forma desordenada, fazendo com que exista uma disputa por espaços para diferentes finalidades.

Em geral, os equipamentos de lazer ofertados caracterizam-se pelo que pode ser denominado de lazer comercial, em que o indivíduo necessita gastar dinheiro para que possa realizá-lo. Poucas são as alternativas que propiciam ao morador de lugar práticas de divertimento sem a necessidade de um investimento monetário. A ausência de políticas públicas que privilegiem espaços urbanizados para o lazer, faz com que o diamantinense sinta com que na cidade não há nada para fazer. Não basta apenas deixar o espaço disponível, é necessário deixá-lo habitável, o que é entendido aqui na dimensão de um processo de democratização, no qual alcança a existência de quadros profissionais, características da população a ser atendida, conservação, divulgação, e incentivo à participação (MARCELLINO, 2006).

Os espaços/equipamentos que podem ser considerados públicos, por serem espaços de uso comum, entendidos como acessíveis a todos, sem restrição de entrada ou circulação são as praças e as ruas de Diamantina, que na verdade são mais tidos como espaços de circulação, os quais vez ou outra são apropriados pela comunidade que os utilizam para as mais variadas manifestações lúdicas, como os universitários no trotão e os jovens que se concentram em frente à Catedral Metropolitana. As praças são pouco utilizadas, uma vez que são projetadas em geral como um lugar de descanso, tendo estas apenas bancos. Aliado à carência de espaços e equipamentos, têm-se o fato destes estarem situados na região central da cidade, o que de certa forma dificulta o acesso das pessoas residentes em outras áreas, além de criar certa segregação social. Desta forma, percebo que um importante espaço para o lazer é a própria residência das pessoas.

O turismo na cidade de certa forma também contribui para a carência de espaços e equipamentos de lazer tendo em vista que o poder público foca seus esforços em atender a demanda turística, o que acaba por deixar à margem os autóctones. A própria *vesperata*, financiada pelo poder público local, seria uma opção de lazer para os moradores se não fossem as mesas dispostas no centro da rua, em que para que se tenha acesso a elas se faz necessária a compra de ingressos. Para os que optam por não pagar, resta apenas a alternativa de se apertar com outras pessoas entre o pouco espaço livre nas calçadas da Rua da Quitanda.

Tendo em vista toda esta problemática apresentada até o momento é que visualizo as manifestações culturais da cidade como um importante veículo para o lazer. Tendo em vista que quase a totalidade destas é livre e aberta a todos, elas possibilitam, até certo ponto, incluir a todos aqueles que dela queira participar. Por seu caráter cultural, as festas religiosas de Diamantina se configuram como um notável aliado ao lazer local. Isso é resultado da particularidade intercessora da festa, em especial a do Divino, que permite abarcar em si contrastes sem denotar de modo exclusivo nenhum deles. É partindo desse pressuposto que uma festa pode ser sagrada, e ao mesmo tempo profana, histórica e inovadora, agregadora e excludente, dentre tantas outras antípodas.

Se o lazer se vale do patrimônio religioso tradicional popular para constituir seu objeto, muitos se relacionam com tal perspectiva concebendo-a como uma faca de dois gumes, tentando a controlar. Se o diamantinense católico, no rastreio de seus costumes sagrados tenta recriá-lo ou fortalecê-lo, conservando a vicissitude de assimilar o mundo dos homens com o dos santos, em algum momento durante o cortejo da Festa do Divino, terá contato com questões profanas mesmo que não admita tal possibilidade. Assim sendo, a religiosidade tradicional da cidade contribui para que muitos não admitam, de forma inicial, que a Festa do Divino possa se

configurar como práticas de lazer, entretanto muitos demonstram sentimentos e valores que se configuram como tal.

Essa cultura barroca, aqui caracterizada, talvez indefinível, guarda em si um elemento capaz de dispor toda a trama em ordem. De uma forma ou de outra, religião, festa e lazer são mecanismos sociais e simbólicos que colocam o homem diante de si mesmo, e o faz numa atitude de um profundo defrontar-se com o outro, seja este outro um homem, uma tradição, a história, ou algo transcendente.

Além do interesse por questões religiosas, diversas são as motivações que levam as pessoas a participarem da festa, tanto que ela atrai pessoas de diversas religiões. Beleza, religião, arte, mercado, história, razão e emoção podem estar articuladas juntas em um grande equipamento de lazer. Pela ótica do lazer, a festa confere ao indivíduo uma experiência única, às vezes surpreendente, em que o sujeito pode misturar vários sentidos, sejam eles religiosos ou culturais, místicos ou históricos, ressignificando-os, em busca de uma satisfação pessoal.

A categoria artística no contexto da Festa do Divino assume aspectos efêmeros e perpétuos, ou seja, sua arte é o produto de um fazer profano e ao mesmo tempo sagrado. Quem observa o cortejo do Divino tem sob o seu olhar um opulento universo de cores e formas em movimento: indumentárias coloridas, bandeiras vermelhas com uma pomba ao meio, anjos vestidos de branco, coroas douradas, estandartes com fitas de diversos pigmentos... É certo que esta festa apresenta um ostensivo apelo estético e artístico, o que dá a ela tons ares de espetáculo. Tal questão foi diversas vezes abordada em muitas entrevistas como um fator motivador para que as pessoas participem do cortejo. Os mais assíduos sempre afirmavam ir e ao longo da festividade fazerem comparações do tipo: “esse ano está muito mais bonito do que o outro”, ou vice-versa.

A questão histórica e patrimonial também se faz muito presente nos discursos dos entrevistados. A festa mudou, mas continua a mesma. Alguns elementos se perderam ao longo dos anos, como as tradicionais barraquinhas e queimas de fogos após a novena, a distribuição do boi do divino, o almoço oferecido pelo imperador quando escolhido. Novos tempos, novas perspectivas. Muito daquilo que se fazia antes se tornou inviável. Entretanto, nas entrevistas, o saudosismo faz referência para o que de mais profano a festa tinha a oferecer: as comemorações paralelas aos momentos sagrados, o que denota uma certa vontade de que se tenha mais momentos especificamente voltados para o lazer.

Falar em festa, quer dizer falar em sociabilidade, onde vínculos sociais são tecidos, onde os envolvidos relacionam-se uns com os outros construindo maneiras de interação na coletividade. Tal interação está mais para o profano que para o sagrado, ou seja, tal perspectiva

está mais para o lazer que para religião. Observando a Festa do Divino, tive a sensação de que naquele momento o outro é também o eu próprio, e sobre o qual, num processo de identificação, permite acessar uma experiência em profundidade para com aqueles ali presentes. Não é necessário ser conhecido para tecer um comentário a respeito do que se vê durante o cortejo, basta estar perto. E quando o companheiro ao lado se trata de um colega? Aí existe assunto para o cortejo inteiro, que muitas vezes vai terminar após uma cerveja na Rua da Quitanda.

Arrisco dizer que se quantificadas fosse as palavras repetidas nas entrevistas, as expressões relativas à diversão seriam as mais reprisadas. A diversão, muitas vezes empregada como sinônimo para o lazer foi, por diversas vezes utilizada para justificar a participação na festa, ou mesmo para expressar o sentimento produzido no momento do cortejo. Dessa forma, é certo que os verbos como divertir ou descontrair, foram sumariamente mais repetidos que rezar ou orar.

É regra, tanto na esfera religiosa quanto no lazer, a questão do livre arbítrio em que o sujeito pode ter a livre possibilidade de escolha. Para o diamantinense que deseja assistir ao Cortejo da Festa do Divino, basta ir até o local por onde o mesmo irá passar. Entretanto, se sua vontade é a de desfilar, precisará investir uma significativa quantia de dinheiro nas vestimentas que é preciso usar, a não ser que as ganhe. Assim, ao mesmo tempo em que a festa oferece oportunidades iguais a todas as pessoas da cidade, ela limita a participação dos que não tem condições em arcar com os custos das vestes.

Além disso, a questão de classes é muito presente no imaginário local. A Festa do Divino é uma festa dos ricos (pelos altos investimentos que a mesma exige), e dos brancos (pela perspectiva histórica quando comparada com a festa do Rosário que é dos negros). Sendo assim, desfilar no cortejo da festa não possibilita ao participante apenas as diversas questões apresentadas até o momento. Concede ao indivíduo um *status* social privilegiado. Muitos foram os discursos, principalmente dos que ocuparam personagens de destaque, em que se ressaltou certo deslumbre em estar ali e ser o centro das atenções daquele momento.

Dessa forma, a Festa do Divino tanto reafirma quanto nega os valores sociais. Reafirma quando ela possibilita um momento de contato com questões sacras, valoriza a história, identidade e cultura local, une as pessoas. Nega quando o profano se faz latente, quando o sentido da diversão ultrapassa o sentimento sagrado, quando a desigualdade se faz presente.

Com toda essa intrincada exposição de significados e projeções, poderia ousar descrever metaforicamente a Festa do Divino como um ser humano. Fosse ele uma pessoa, seria uma mulher, daquelas que vai à missa religiosamente todos os domingos, e participa de diversas questões referentes às ações da Igreja local. Demonstra à sociedade que vive uma vida de

penitências, e que tamanha é sua religiosidade que talvez até se assemelhasse aos santos. Entretanto carregaria consigo todos os pecados capitais, e mesmo que tentasse omiti-los, não conseguiria esconder devido suas características mais latentes.

Teria como característica a gula, pois mesmo que atualmente já não fizesse isso com tanta frequência, teria o costume de oferecer aos seus amigos banquetes com variados pratos, em que todos poderiam comer e beber o quanto quisessem. A avareza também se faria presente, pois afortunada desde que nasceu, faria questão de demonstrar a todos que tem muito, e que pode esbanjar quanto dinheiro quiser. Somente trajaria as vestimentas mais elegantes e requintadas, sua casa seria decorada de modo a satisfazer todo o seu sentimento de luxúria. Em menores proporções, até mesmo a ira se faria presente, uma vez que quando alguém contrariasse seus dogmas ou preceitos, se descontrolaria. Sempre tentando ser melhor e mais vistosa do que as suas amigas, possuiria inveja daquelas que se assemelhassem a ela. Preguiçosa por natureza, possuiria centenas de empregados, para que todos pudessem fazer tudo aquilo que desejasse. A característica mais marcante, creio que seria a vaidade, pois mesmo com a idade bem avançada, jamais aparentaria a idade que tem, as marcas do tempo seriam camufladas pelos procedimentos estéticos que faz a cada aniversário. A cada passagem de ano, ela mudaria radicalmente o visual, cortaria o cabelo, o pintaria de outra cor, usaria lentes coloridas, faria as unhas...

Mesmo com todo o seu ar de nobreza, seria amiga de todos, independentemente de sua classe social, mesmo que só recebesse em sua casa as pessoas com situação financeira semelhante à sua. Sempre disposta a ouvir, ela seria uma excelente companheira, e levaria a todos alegria e descontração, calma e serenidade quando preciso.

A mulher representando a Festa do Divino exalta o que de fato tal tradição é: sacra em sua essência, mas capaz de elaborar uma complexa estrutura de sentimentos, valores e significados. Ao mesmo tempo em que exalta o sagrado, fornece artifícios para que o profano se destaque.

Em meio a tantos fios, arremato o tecido na certeza de que esta é a primeira etapa para que se possa ter um traje a ser vestido. Na certeza do não esgotamento acerca do tema, o assunto aqui abordado pode servir para se pensar casos semelhantes que vastamente possuem em nosso território. Não são poucas as situações em que o lazer e a religião se relacionam intrinsecamente. Espero que este estudo sirva não somente como reflexão, mas também como possibilidade para se pensar o homem e sua cultura de forma mais geral e ampla, não reduzindo o assunto em separado tratando apenas da religião ou do lazer. Assuntos relativos à produção da cultura e formação de significados abrem porta para um vasto caminho a ser trilhado.

Certo de que assim como a continuidade da Festa do Divino, esse trabalho não se encerra aqui. Tenho como desafio, e o amplio aos leitores deste trabalho, continuar na tentativa de interpretar situações plurais, não apenas no campo do lazer ou da religião, mas da infinita possibilidade que as relações humanas nos trazem.

Em face das (des)continuidades apresentadas ao longo deste trabalho, finalizo, mesmo sem terminar, com um pequeno texto escrito por Martha Medeiros, o qual também representa as múltiplas possibilidades que um momento nos traz.

Dentro da igreja, ajoelhe-se.
No estádio de futebol, grite pelo seu time.
Numa festa, comemore.
Durante um beijo, apaixone-se.
De frente para o mar, dispa-se.
Reencontrou um amigo, escute-o.

Ou faça de outro jeito, se preferir:

Dentro da igreja, escute-o.
Durante um beijo, dispa-se.
No estádio de futebol, apaixone-se.
De frente para o mar, ajoelhe-se.
Numa festa, grite pelo seu time.
Reencontrou um amigo, comemore.

Esteja, entregue-se.

Se não quiser participar, tudo bem, então fique na sua: na sua casa, no seu canto, na sua respeitável solidão.

Melhor uma ausência honesta do que uma presença desaforada.

Martha Medeiros

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ABREU, Maurício Almeida. A Apropriação do território no Brasil Colonial. In: CASRO, I. E; GOMES, P. C; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1997.
- A Festa da Menina Morta. Direção: Matheus Nachtergaele. [S.I.]: Bandeira Filmes, 2008. 1 DVD (116 min)
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa “à brasileira”**: significado do festejar num país que “não é sério”. 1998. (Tese de Doutorado) – FFLCH- USP, São Paulo, 1998.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: Introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.
- BALANDIER, George. **O Contorno** – poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1985.
- BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**. São Paulo: Editora USP, 2004
- BOTELHO, Ângela Viana; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico do Brasil**: colônia e Império. Belo Horizonte: Editora do Autor, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.
- CALLOIS, Roger. **Homem e o Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CALVINO, Italo. **Assunto Encerrado**: Discursos sobre literatura e sociedade. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CAMARGO, Luiz O. **Educação Para o Lazer**. São Paulo: Moderna, 1999.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1962.
- CASSIRER, Ernest. Antropologia Filosófica Ensaio Sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.
- CERTEAU, Michael. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Com Ares de Chronica. **Jornal O Norte**. Diamantina, 14 de Setembro de 1906, p. 02.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Correspondência. **O Jequitinhonha**. Diamantina 20 dez. 1868. Número 19. P. 01 a 04

CORTÉS, José Miguel G. **Políticas do Espaço**: arquitetura, gênero e controle social. São Paulo: Senac, 2008.

COUTO, Soter Ramos. **Vultos e Fatos de Diamantina**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2002.

CRUZ, Manoel. A experiência da frente popular em Porto Alegre. In: MARCELLINO, Nelson C. (org.). **Lazer e Esporte**: políticas públicas. Campinas: Autores Associados, 2001.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em Turismo**: planejamento, métodos e técnicas. São Paulo: Futura, 2007.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973

DURKHEIM, Émile. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ERICKSON, Frederick. Ethnographic Microanalysis of Interaction. In: LECOMPTE, M. D.; MILLROY, W. L. PREISSE, J. (Orgs.). **The Handbook of qualitative research in education**. Nova York: Academic Press, 1992.

Estatutos da Sociedade - Patrocínio de N. Senhora das Mercês. **O Jequitinhonha**. Diamantina. 10 jul. 1870. Número 37. p. 01 a 04.

ETZEL, Eduardo. **Divino**: simbolismo no folclore e na arte popular. São Paulo: Giordano, 1995.

EUGÊNIO, Alisson. **Fragmentos de Liberdade**: as festas religiosas das irmandades dos escravos em Minas Gerais na época da colônia. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

FERNANDES, Antônio Carlos; CONCEIÇÃO, Wander José. **La Mezza Notte**: o lugar social do músico diamantinense e as origens da vespérata. Diamantina: UFVJM, 2007.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo**: estudo sobre a Casa das Minas. São Paulo: Edusp, 1995.

Festas. **Jornal A Estrella Polar**. Diamantina, 21 de Maio de 1903, p. 01.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo; FERNANDES, Antonio Carlos; CONCEIÇÃO, Wander José. **A Terra, o Pão, a Justiça Social**: a importante participação da igreja nas políticas públicas do Brasil. Belo Horizonte: FUMARC, 2010.

FISCHER, Tânia. A cidade Como Teoria Organizacional. In: MOTTA, Fernando C. Prestes; CALDAS, Miguel P. (orgs.). **Cultura Organizacional e Cultura Brasileira**. São Paulo: Atlas, 2010.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabú**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FURTADO, Junia Ferreira. Chica da Silva: o avesso do mito. In: BRUSCHINI, Cristina e PINTO. Celi Regina (Org.). **Tempos e Lugares de Gênero**. São Paulo: Editora 34. 2001.

_____. **O Livro da Capa Verde**: o regimento diamantino de 1771 e a vida no distrito Diamantino no período da real extração. São Paulo: Annablume, 1996.

GABRIEL, Oldrey Patrick Bittencourt. Lazer e religião: algumas aproximações. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008.

GALLI, Sidnei. **A Cruz a Espada e a Sociedade Medieval Portuguesa**. São Paulo: Ed. Arte e Ciência/UNIP, 1997.

GARDNER, George. **Viagens no Brasil**: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação da Cultura**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1989.

_____. **Nova Luz Sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer/ Horizontes latino-americanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, Trabalho e Educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. Lazer: concepções. In: GOMES, Christianne Luce (org). **Dicionário Crítico de Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica 2004.

_____. Lazer e Cidade: reflexões. In: **As Cidades da Cidade**. BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (org.) Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

GONDIM, Ricardo. **É proibido**: o que a Bíblia permite e a igreja permite. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

HERRERO, Francisco Javier. **Estudos da Ética e Filosofia da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HUSAIN, Shahukh. **O Que Sabemos Sobre o Islamismo?** São Paulo: Callis, 1999.

JACOBS, Jane. **A Morte e a Vida das Grandes Cidades**. São Paulo: Fontes, 2000.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: Para uma nova compreensão do lazer e das Viagens. 3 ed. São Paulo: Editora Aleph, 2003.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. Lisboa: Teorema, 2001.

LAROSSA, Jorge. SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

LÊNIN, V. I. Una Gran Iniciativa. In: Obras Escogidas. Moscou: Progresse, s.d.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Tropiques**. Londres: Hutchinson, 1964

LIMA, Tânia Stolze. **O Dois e Seu Múltiplo**: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. São Paulo: Mana, 1996.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. **Arraial do Tijuco, cidade Diamantina**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.

_____. **O Negro e o Garimpeiro nas Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

MAGNANI, José Guilherme. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na sociedade. São Paulo: Brasilense, 1984.

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. **Hospício da Diamantina**: loucura na cidade moderna. Belo Horizonte: Argymentvm, 2008.

MARCASSA, Luciana. Ócio. In: Gomes, Christianne Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho, **Estudos do Lazer**: Uma introdução. SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTINS, Marcos Lobato. **A crise dos Negócios do Diamante e as Respostas dos Homens de Fortuna no Alto Jequitinhonha, Décadas de 1870-1890**. Estudo Econômico, São Paulo, v. 38, n. 3, P. 611-638, jul. / set. 2008

_____. A Presença da Fábrica no Grande Empório do Norte: Surto Industrial em Diamantina entre 1870 e 1930. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 9., 2000, Diamantina. **Anais...** Diamantina: CEDEPLAR/UFMG, 2000. v. 2.

_____. **Os Mata Machado de Diamantina**: negócios e política na virada do século XIX para o século XX. In: XIII Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR/UFMG, 2008A. Anais.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do lazer. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas, SP: [s.n] 2005.

MAY, Tim. **Pesquisa Social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artemed, 2001.

MEHAN, Hugh. **Understanding inequality in schools: the continuation of interpretative studies**. Washington: Sociology, 1992.

MELO, Victor Andrade. ALVES JUNIOR, Edmundo Drumond. **Introdução do Lazer**. Barueri: Editora Manoele, 2003.

MELO, Victor Andrade. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

MIRANDA, Selma Melo. **A igreja de São Francisco de Assis em Diamantina**. Brasília: IPHAN, 2009.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 1969

MORLEY, Helena. **Minha Vida de Menina**. São Paulo: Coimbra, 1999.

MULLER, Arnaldo Carlos. Lazer, desenvolvimento regional: como pode nascer e se desenvolver uma ideia. In: MULLER, Arnaldo Carlos; COSTA, Lamartine Pereira. **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 9-40.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Os primeiros Cristãos e o Mundo Urbano: a importância da cidade no surgimento das comunidades cristãs. In: SATHLER-ROSA, Ronaldo (org.), **Culturas e Cristianismo**. São Bernardo do Campo: Edições Loyola, 1999.

OLIVEIRA, João Pacheco. **Ensaio em Antropologia Histórica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

PAIVA, José Pedro. **Os Bispos de Portugal e do Império**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

PARKER, Stanley. **A Sociologia do Lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, Religião e Cidade: corpo e alma do Brasil**. Porto Alegre: Medianis, 2011.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense: 1972.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Irmandades Negras: outro espaço de luta e resistência**. São Paulo: Annablume, 2002.

RAMPAZZO, Lino. **Antropologia, Religiões e Valores Cristãos**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ROSA, Maria Cristina, Festar na Cultura. In: ROSA, Maria Cristina (org.), **Festa, Lazer e Cultura**. Campinas: Papirus, 2002.

_____. As Festas e o Lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

- REIS, João José. **A Morte é uma Festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ROBBA, Fábio; MACEDO, Sílvio Soares. **Praças Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- SAINT-HILAIRE, Augusto de. **Viagem Pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- SALLES, Fritz Teixeira. **Associações Religiosas no Ciclo do Ouro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SALVADOR, Mari Lynn. **Food for the Holy Ghost: ritual Exchange in Azorean festivals**. In: FALASSI, Alessandro (Org.). **Time out of time: essays on the festival**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.
- SANTOS, Betriz Catão Cruz. **O Corpo de Deus na América: a festa de Corpus Christi nas cidades da América portuguesa – Século XVIII**. São Paulo: Annablume, 2005.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica, tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SASSEN, Saskia. “A cidade e a indústria global do entretenimento”. In: **Lazer numa Sociedade Globalizada. Leisure in a Globalized Society**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.
- SCARANO, Julia. **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1975.
- SILVA, Maria da Glória Lanci. **Cidade Turísticas: Identidades e Cenários de Lazer**. São Paulo: Aleph, 2004.
- SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Goiânia: AGEPEL, 2001.
- SILVA, Renata Laudaes. **Lazer e Gênero: suas relações com o lúdico**. In: SCHWARTZ, Gisele Maria. **Dinâmica Lúdica: novos olhares**. Barueri: Manoele, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 200.
- SIMMEL, Georg. Sociologia. **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1983.
- SMITH, Houston; SCOSS, Merle. **As Religiões do Mundo**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- SOUZA, Laura Melo. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SPIX, Johann Baptiste; MARTIUS, Frederick P. **Viagem Pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional: 1981.
- STEIL, Carlos. **As comunidades de base em questão**. São Paulo: Paulinas, 1997.

TILGHMAN, B. R. **Introdução à Filosofia da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

TINHORÃO, José Ramos. **As Festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

TURINO, Célio. **Na Trilha de Macunaíma: ócio e trabalho na cidade**. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

VAN GENNEP, Arnold. **Manuel de folklore français contemporain: cérémonies périodiques, cycliques et saisonnières**. Paris: Picard, 1947.

VASCONCELOS, Sylvio. Formação Urbana do Arraial do Tejuco. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 121-34, 1953

WAINBERG, Jacques Alkalai. **Turismo e Comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto, 2003.

WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.

WOODS, P. **Inside School: ethnography in education research**. Londres: Routledge, 1986.

ANEXOS

Anexo A – Termo De Consentimento Livre E Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto:

PRÁTICA DO LAZER EM FESTAS RELIGIOSAS: Um Estudo da Festa do Divino de Diamantina, Minas Gerais

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “PRÁTICA DO LAZER EM FESTAS RELIGIOSAS: Um estudo da Festa do Divino de Diamantina, Minas Gerais”. Se decidir participar dela, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa. Você foi selecionado em virtude de possuir características de interesse para a composição da amostra da pesquisa. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a empresa. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

2) Objetivo

O objetivo deste estudo é analisar a Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Diamantina/MG, tendo como ponto central as práticas e os sentimentos por ele produzidos.

3) Procedimentos do Estudo

Se concordar em participar deste estudo, você será solicitado a responder questões e perguntas colocadas pelos pesquisadores. A entrevista será gravada e posteriormente, transcrita. Posteriormente, as informações serão analisadas pelos pesquisadores. A identificação dos respondentes será sempre preservada.

4) Riscos e desconfortos

Você poderá ter receio de alguma informação fornecida aos pesquisadores seja negativamente interpretada, e que por isso sua posição seja ameaçada. De forma alguma os pesquisadores possibilitarão a identificação dos respondentes, nem repassarão informações obtidas durante a entrevista de forma aleatória. Nosso objetivo não é julgar você ou suas opiniões, mas tão somente analisar técnica e academicamente a questão das práticas e sentimentos produzidos pela Festa do Divino de Diamantina/MG. Dificuldades são inerentes a esse processo e serão tratadas como tal, sempre com o objetivo de contribuir positivamente para seu aprimoramento.

5) Benefícios

Sua participação na pesquisa é fundamental, dadas as suas características e conhecimento sobre o assunto. Ao responder às questões colocadas por esta pesquisa, você poderá aproveitar para refletir sobre esse processo, seu amadurecimento, as dificuldades já enfrentadas e superadas e aquelas que ainda constituem um desafio. Adicionalmente, você estará contribuindo para que a universidade avance a pesquisa nessa área, ainda tão incipiente no Brasil.

6) Custos/Reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo, sendo sua contribuição fundamental ao andamento deste estudo.

7) Caráter Confidencial dos Registros

Você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Ao assinar este consentimento informado, você autoriza a utilização das respostas do roteiro de entrevistas para a construção de uma análise global sobre a questão das práticas e sentimentos produzidos pela Festa do Divino de Diamantina/MG, sobre a qual você foi entrevistado(a). Após a transcrição das entrevistas, essas serão mantidas sob a guarda dos pesquisadores, que apenas autoriza o uso e manuseio do material escrito, que não permitirão, em hipótese alguma a identificação dos entrevistados. Em

caso de transcrição de partes da fala do entrevistado, estes serão referidos por E1, E2.. ou codificação semelhante, para impedir sua identificação.

8) Participação

A coleta de dados dessa pesquisa será sempre realizada pelos pesquisadores responsáveis, que solicitarão aos entrevistados um horário para realização da entrevista. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as questões que lhe forem dirigidas, sendo-lhe totalmente facultado se recusar a responder aquelas que não desejar ou sobre as quais não dispuser de informações.

É importante que você esteja consciente de que a participação neste estudo de pesquisa é completamente voluntária e de que você pode recusar-se a participar ou sair do estudo a qualquer momento sem quaisquer penalidades. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, deverá notificar ao pesquisador que o esteja atendendo. A recusa em participar ou a saída do estudo não influenciarão suas relações particulares com nossa instituição.

9) Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal²⁹, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

10) Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre

²⁹ **Coordenador da Pesquisa:** Prof. Luiz Alex Silva Saraiva, Dr. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Administrativas, Gabinete 4073, Campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte – MG. CEP: 31270-901. Telefone: (31) 3409-7235. **Comitê de Ética em Pesquisa – COEP:** Unidade Administrativa II - 2º andar, Sala 2005, Campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte – MG. CEP: 31270-901. Telefone: (31) 3409-4592.

para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar como entrevistado deste estudo.

Nome do(a) participante (em letra de forma)

Assinatura do participante

Data

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objeto deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante. Acredito que o participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em linguagem adequada e compreensível e que ele compreendeu essa explicação.

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Data

Anexo B – Programação da festa do divino e de Santo Antônio de Diamantina

11/06 (Quarta-feira): 12º dia da Trezena

Tema: Santo Antônio e o fruto da modéstia.

19h Missa na Catedral – Presidente: Dom José Carlos Brandão Cabral, bispo diocesano de Almenara
Participação especial: Catequese de Iniciação e 1ª Eucaristia
Barraquinhas com apresentações artísticas e culturais: Praça do Mercado

12/06 (Quinta-feira): 13º dia da Trezena

Tema: Santo Antônio e os frutos da continência e da castidade.

7h15 Missa na Catedral e Exposição do Santíssimo
15h Bênção do Santíssimo
19h30 Missa na Catedral – Presidente: Pe. Frederico Martins e Silva
Participação especial: Seminário Arquidiocesano
Após a missa, levantamento da Bandeira ao Mastro na Praça do Mercado
Barraquinhas com apresentações artísticas e culturais: Praça do Mercado

13/06 (Sexta-feira): Solenidade de Santo Antônio, padroeiro de Diamantina e da Arquidiocese

9h Missa na Praça José Augusto Neves, em frente ao Pão de Santo Antônio e procissão até a Catedral Metropolitana onde haverá bênção e distribuição dos pães.

Organização:

Dom João Bosco Óliver de Faria
Arcebispo Metropolitano

Pe. Júlio César Moraes
Pároco

COPAE - CPP - ECC



JOÃO BOSCO ÓLIVER DE FARIA

POR MERCÊ DE DEUS E DA SÉ APOSTÓLICA
ARCEBISPO METROPOLITANO DE DIAMANTINA



Paróquia Santo Antônio do Sé



*Festa do Divino e de
Santo Antônio*

Os Frutos do Espírito Santo na vida de Santo Antônio e na nossa

30/05 (Sexta-feira): 1º dia da Novena do Divino

Tema: O sentido espiritual da novena de Pentecostes.

06h30 Alvorada

7h Missa na Igreja do Amparo – Distribuição do Bolo de Arroz

19h Missa na Igreja do Amparo

31/05 (Sábado): 2º dia da Novena do Divino, 1º dia da Trezena de Santo Antônio e Solenidade da Ascensão do Senhor

Tema: O Espírito Santo e seus frutos.

19h Missa na Catedral

Participação especial: Pia União de Santo Antônio e Cenáculo Mariano

Obs.: Não haverá missa às 17h na Igreja do Carmo

01/06 (Domingo): 3º dia da Novena do Divino, 2º dia da Trezena de Santo Antônio e Solenidade da Ascensão do Senhor

Tema: Santo Antônio e o fruto da caridade.

19h Missa na Catedral

Participação especial: Pastoral do Batismo, Equipe de Encontro de Noivos e Grupo São João

Obs.: Não haverá missa às 17h na Igreja de São Francisco

02/06 (Segunda): 4º dia da Novena do Divino e 3º dia da Trezena de Santo Antônio

Tema: Santo Antônio e o fruto da alegria.

19h Missa na Catedral – Presidente: Pe. Francisco de Fátima Ferreira Cunha

Participação especial: Venerável Ordem Terceira do Carmo

03/06 (Terça-feira): 5º dia da Novena do Divino e 4º dia da Trezena de Santo Antônio

Tema: Santo Antônio e o fruto da paz.

19h Missa na Catedral - Presidente: Pe. Darlan Lima

Participação especial: Encontro de Casais com Cristo (ECC)

04/06 (Quarta-feira): 6º dia da Novena do Divino e 5º dia da Trezena de Santo Antônio

Tema: Santo Antônio e o fruto da paciência.

19h Missa na Catedral – Presidente: Pe. Tadeu do Rosário Pereira

Participação especial: Paróquia do Senhor Bom Jesus

05/06 (Quinta-feira): 7º dia da Novena do Divino e 6º dia da Trezena de Santo Antônio

Tema: Santo Antônio e o fruto da longanimidade.

7h15 Missa na Catedral e Exposição do Santíssimo

18h30 Bênção do Santíssimo

19h Missa na Catedral – Presidente: Côn. Ricardo Luiz dos Santos

Participação especial: Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística

21h Concerto com a Banda do 3º Batalhão da PM e Coral do Conservatório – Catedral

06/06 (Sexta-feira): 8º dia da Novena do Divino e 7º dia da Trezena de Santo Antônio – 160 anos de criação da Diocese de Diamantina

Tema: Santo Antônio e o fruto da bondade.

18h30 Procissão dos Milagres – Saindo da Igreja do Amparo até a Catedral

19h Missa na Catedral – Presidente: Dom Jeremias Antônio de Jesus, Bispo diocesano de Guanhães

Participação especial: Pastoral do Dizimo e Pastoral da Saúde

Barraquinhas com apresentações artísticas e culturais: Praça do Mercado

07/06 (Sábado): 9º dia da Novena do Divino, 8º dia da Trezena de Santo Antônio e Vigília de Pentecostes

Tema: Santo Antônio e o fruto da benignidade.

18h30 Saída da Bandeira da Casa da Imperatriz – Rua Mário Brant esquina com Rua Romana, até a Catedral

19h Missa na Catedral, em seguida Levantamento da Bandeira ao Mastro na Praça Dr. Prado e show

pirotécnico

Participação especial: Catequese de Crisma
Barraquinhas com apresentações artísticas e culturais: Praça do Mercado

Obs.: Não haverá missa às 17h na Igreja do Carmo

08/06 (Domingo): Solenidade de Pentecostes e 9º dia da Trezena de Santo Antônio

Tema: O Espírito Santo, dom maior do Ressuscitado.

9h Cortejo Imperial e Procissão do Divino – Saindo da Casa da Glória à Rua da Glória, passando pelas Ruas Macau do Meio, Direita, Vieira Couto, Contrato, Bonfim, Amparo, Praça Barão do Guaicui, Praça Conselheiro Mata, Direita até a Catedral, onde haverá a celebração da Missa.

19h Missa na Catedral

Participação especial: Grupo de Oração Universitário – GOU e Pastoral Universitária
Barraquinhas com apresentações artísticas e culturais: Praça do Mercado

Obs.: Não haverá missa às 17h na Igreja de São Francisco

09/06 (Segunda): 10º dia da Trezena e Festa de São José de Anchieta

Tema: Santo Antônio e o fruto da mansidão.

19h Missa na Catedral

Participação especial: Venerável Ordem Terceira de São Francisco e Apostolado da Sagrada Face
Barraquinhas com apresentações artísticas e culturais: Praça do Mercado

10/06 (Terça-feira): 11º dia da Trezena

Tema: Santo Antônio e o fruto da fidelidade.

19h Missa na Catedral – Presidente: Côn. Nilzo Gonçalves da Silva

Participação especial: Paróquia Sagrado Coração de Jesus

Barraquinhas com apresentações artísticas e culturais: Praça do Mercado

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de Entrevistas

ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DE ENTREVISTA

Bloco 1 – O(a) entrevistado(a)

Fatos e avaliação. Trajetória pessoal. Naturalidade. Família. Escolaridade. Habitação. Trajetória profissional. Entrada na cidade, caso não seja nativo. Trajetória na cidade. Relação com a cidade e seu povo. Relação com a religião. Relação com o Lazer. Atividades de lazer. Relações coletivas. Relações sociais.

Bloco 2 – A Cidade de Diamantina

Fundação. História. Lazer em Diamantina. Contexto social, econômico e político. População Diamantinense. Cultura local. Religião local. Festas religiosas da cidade. Perfil da população. Perfil da cidade. Imagem.

Bloco 3 – A Festa do Divino

Papel da Festa na cidade (caráter social). Papel da Festa na Cidade (caráter religioso). Principais momentos da festa. Histórico da festa. Principais mudanças. Relação da festa com as pessoas. Relação das pessoas com a festa. Relação das pessoas com o Divino Espírito Santo. Envolvimento das pessoas com a festa. O que é a Festa do Divino. Importância geral. Momentos. Relação da festa com a economia local. Relação da Festa com o turismo. Fatos Marcantes. Relação da comunidade antes e depois da festa. Conflitos.

Bloco 4 – Percepções e Sentimentos

Visão acerca da religião. Visão das pessoas em relação à festa. Importância pessoal. Expectativas. Envolvimento. Objetivos. Papel. Funções. Quantidade de vezes que participou da

festa. Motivação para participar da festa. Avaliação. Relações com a festa. Relações interpessoais. Imagem. Percepções frente ao lazer.

Bloco 5 – Organizadores

Processos. Investimentos. Preparação. Tempo disponibilizado. Resultados obtidos. Expectativas (alcançadas e não alcançadas). Divulgação.

Apêndice B – Roteiro Norteador para Observação da Cidade

ROTEIRO NORTEADOR PARA OBSERVAÇÃO DA CIDADE

- 1) Lugar - Descrição de como são as ruas por onde o Cortejo do Divino irá passar.
- 2) Atividades - Identificação e descrição das principais atividades realizadas no local (econômica, de lazer, sociabilidade...)
- 4) Público - Descrição do público presente no local.
- 5) Aspectos - Descrição dos principais aspectos encontrados (arquitetura, espaço para uso turístico, comércio, universidade)
- 6) Lazer - Se existem atividades de lazer no cotidiano do local, como elas são desenvolvidas?
- 7) Horário - Quais as principais diferenças encontradas nos lugares de acordo com o horário (manhã/tarde/noite)?
- 8) Apropriação – Como se dá a apropriação (e se ela existe) do local?
- 9) Alternativas – Formas de utilizar do espaço que não são pré-determinadas para tal fim.
- 10) Demais considerações.

Apêndice C – Roteiro Norteador para Observação do Cortejo

ROTEIRO NORTEADOR PARA OBSERVAÇÃO DO CORTEJO

- 1) Antes - Prévia descrição dos lugares por onde o cortejo irá passar.
- 2) Preparativos – Como se dá os preparativos para a organização da festa?
- 3) Organização – Como as pessoas se organizam para que o mesmo aconteça?

Para participantes do cortejo:

- 4) Público – Descrição das pessoas presentes no local
- 5) Faixa etária – Quais as faixas etárias das pessoas?
- 6) Companhia – As pessoas aparentemente estão acompanhadas de quem?
- 7) Atividades – Quais as principais atividades realizadas?
- 08) Relações – Como as pessoas se relacionam?
- 09) Socialização – As pessoas aproveitam o momento para interagirem umas com as outras?
Como?
- 10) Apropriação – Como as pessoas se apropriam do lugar?
- 11) Destino – Qual caminho tomam após o fim do cortejo/missa?

Para público que assistiu:

- 12) Público – Descrição das pessoas presentes no local
- 13) Faixa etária – Quais as faixas etárias das pessoas?
- 14) Companhia – As pessoas estão aparentemente acompanhadas por quem?
- 15) Atividades – Quais as principais atividades realizadas?
- 16) Relações – Como as pessoas se relacionam?

17) Socialização – As pessoas aproveitam o momento para interagirem umas com as outras?
Como?

18) Apropriação – Como as pessoas se apropriam do lugar?

19) Destino – Qual caminho tomam após o fim do cortejo/missa?